



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM
FILOSOFIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI- PPGFI

ALEX MORAES DE MELO

O ENSINO DE FILOSOFIA COMO INSTRUMENTO DE REFLEXÃO SOBRE A
SOCIEDADE DE DESEMPENHO E A BNCC

JUAZEIRO DO NORTE

2026

ALEX MORAES DE MELO

**O ENSINO DE FILOSOFIA COMO INSTRUMENTO DE REFLEXÃO SOBRE A
SOCIEDADE DE DESEMPENHO E A BNCC**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Filosofia da Universidade Federal do Cariri, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Linha de Pesquisa: Fundamentos do ensino, currículo e políticas educacionais.

Sublinha: Currículos e políticas educacionais.

Orientadora: Profa. Dra. Francione Charapa Alves.

JUAZEIRO DO NORTE

2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Cariri
Sistema de Bibliotecas

M528e Melo, Alex Moraes de.

O ensino de filosofia como instrumento de reflexão sobre a sociedade de desempenho e a BNCC/ Alex Moraes de Melo. – Juazeiro do Norte, CE: Universidade Federal do Cariri (UFCA), 2026.
183 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado Profissional em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGFIL), Universidade Federal do Cariri, 2026.

Orientação: Profa. Dra. Francione Charapa Alves.

1. Filosofia - Ensino e aprendizagem. 2. Sociedade do Desempenho. 3. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). 4. Ensino Médio - Currículo. 5. Oficinas Filosóficas. I. Alves, Francione Charapa (orient.). II. Universidade Federal do Cariri. III. Título

CDD 107.12

Bibliotecário: João Bosco Dumont do Nascimento – CRB 3/1355

ALEX MORAES DE MELO

**O ENSINO DE FILOSOFIA COMO INSTRUMENTO DE REFLEXÃO SOBRE A
SOCIEDADE DE DESEMPENHO E A BNCC**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Filosofia da Universidade Federal do Cariri, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Linha de Pesquisa: Fundamentos do ensino, currículo e políticas educacionais.

Sublinha: Currículos e políticas educacionais.

Orientadora: Profa. Dra Francione Charapa Alves.

BANCA EXAMINADORA



Documento assinado digitalmente

FRANCIONE CHARAPA ALVES

Data: 06/06/2026 14:29:30-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Profª Drª Francione Charapa Alves (Orientador/a) Universidade
Federal do Cariri (UFCA)**



Documento assinado digitalmente

EDSON FERREIRA DA COSTA

Data: 09/06/2026 15:33:43-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Prof. Dr. Edson Ferreira da Costa (Membro externo) Universidade
Federal do Maranhão (UFMA)**



Documento assinado digitalmente

CAMILA DO ESPIRITO SANTO PRADO DE OLIVEIRA

Data: 13/06/2026 13:16:09-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Profª Drª Camila do Espírito Santo Prado de Oliveira (Membro interno) Universidade
Federal do Cariri (UFCA)**

JUAZEIRO DO NORTE, 05 DE JUNHO DE 2026

AGRADECIMENTOS

Agradeço a toda minha família. Em especial à minha companheira, mãe de meu filho, Eliana, pela parceria, afeto e cumplicidade. Ao meu filho, Jorge Akili, minha motivação e alegria de viver. À minha mãe, Celinha, e ao meu pai, Juarez, sempre tão queridos e zelosos. À minha amiga e irmã, Alessandra.

Agradeço à minha orientadora, professora pós-doutora Francione Charapa Alves, por acreditar em mim, na minha pesquisa e ser fonte de sabedoria para me guiar nesse processo.

Agradeço também aos professores Italo Lins Lemos, Camila do Espírito Santo Prado de Oliveira, Jose Gladstone Almeida Junior, Valdetonio Pereira de Alencar, Gilvanio Moreira Santos, Francisco José da Silva, Luiz Manoel Lopes, Cícero Edinaldo dos Santos.

Agradeço à CAPES pelo apoio concedido em forma de incentivo à pesquisa, a ajuda foi vital para o encaminhamento do processo de pesquisa.

Agradeço aos meus colegas de turma Beethoven, Cícera, Francisco (Laércio), João Possiano, Josilene, Maíra, Marília, Pedro Carlos, Thiago Mayumi, pela união, empatia e solidariedade.

Agradeço à instituição que ensino por permitir a pesquisa durante as aulas. Aos estudantes que participaram ativamente do processo.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo geral Investigar de que modo o ensino de Filosofia pode fomentar a reflexão crítica sobre a *sociedade de desempenho*, considerando a BNCC alinhada ao modelo desta sociedade. De modo específico buscou: explicar como o ensino de Filosofia pode estimular a compreensão e a criticidade dos estudantes acerca das dinâmicas da sociedade de desempenho; analisar a relação entre a Base Nacional Comum Curricular e a sociedade de desempenho; especificar de que maneira o ensino de Filosofia, na perspectiva de Gallo, pode apresentar aos estudantes alternativas criativas, éticas e/ou existenciais ao modelo de vida centrado na sociedade de desempenho e, contribuir com um catálogo de produções artístico-filosóficas produzidas pelos próprios alunos que servirá de suporte ao professor em suas aulas de Filosofia. A pesquisa, de natureza qualitativa, cujo método foi a pesquisa-ação, realizou-se em uma escola pública estadual de tempo integral na cidade de Juazeiro do Norte-CE, envolvendo estudantes de duas turmas do 2º ano do Ensino Médio. Como instrumentos de coleta de dados, realizou-se um questionário semiestruturado. A análise dos dados foi conduzida por meio da análise de conteúdo, com base em Bardin, articulando categorias teóricas derivadas de Han, como autoc coerção, cansaço, positividade e desempenho, às categorias emergentes do corpus. Os resultados indicam que os estudantes reconheceram, em suas experiências escolares, dinâmicas de cobrança constante, sobrecarga e internalização de métricas de rendimento, ao mesmo tempo em que identificaram a contemplação, a atenção e a criação estética como formas de resistência à temporalidade produtivista. As oficinas filosóficas mostraram-se potentes na ampliação da capacidade de nomear criticamente o sofrimento contemporâneo e de elaborar alternativas éticas e existenciais por meio do pensamento, da linguagem e da experiência estética. Como produto educacional, a pesquisa apresenta um guia didático com sequências de oficinas artístico-filosóficas e um catálogo comentado de produções estudantis, visando subsidiar práticas docentes voltadas à problematização da sociedade de desempenho no Ensino Médio. Os resultados da presente pesquisa indicam que a prática escolar deve priorizar a formação humana do aluno acima de metas. Também evidenciam que a troca constante entre docente e discente, reconhecendo um autêntico protagonismo destes, qualifica o ensino. Por fim, a pesquisa resultou num modelo alternativo para outros professores, apontando que o ensino de Filosofia deve manter-se em movimento de atualização de conceitos para a resolução de problemas.

Palavras-chave: Sociedade de desempenho; ensino de filosofia; criatividade; produto de editoração, ensino médio.

ABSTRACT

This study aims to investigate how the teaching of Philosophy can foster critical reflection on the achievement society, considering the Brazilian National Common Curricular Base (BNCC) as aligned with the logic of this societal model. More specifically, it seeks to: explain how Philosophy teaching can promote students' understanding and critical awareness of the dynamics of the achievement society; analyze the relationship between the BNCC and the achievement society; examine how the teaching of Philosophy, from the perspective of Sílvio Gallo, can offer students creative, ethical, and/or existential alternatives to a way of life centered on performance; and contribute a catalog of artistic-philosophical works produced by the students themselves to support Philosophy teachers in their classroom practice. This qualitative study adopted an action research approach and was conducted in a full-time public secondary school in Juazeiro do Norte, Ceará, Brazil, involving students from two second-year high school classes. Data were collected through a semi-structured questionnaire. Data analysis was carried out using Bardin's content analysis, articulating theoretical categories derived from Byung-Chul Han—such as self-coercion, fatigue, positivity, and performance—with categories emerging from the corpus. The findings indicate that students recognized, within their school experiences, dynamics of constant pressure, overload, and the internalization of performance metrics, while also identifying contemplation, attention, and aesthetic creation as forms of resistance to productivist temporality. The philosophical workshops proved effective in enhancing students' ability to critically name contemporary forms of suffering and to develop ethical and existential alternatives through thought, language, and aesthetic experience. As an educational product, the research presents a teaching guide containing sequences of artistic-philosophical workshops and an annotated catalog of student productions, designed to support teaching practices aimed at problematizing the achievement society in secondary education. The findings also indicate that school practice should prioritize students' human development over performance targets. Furthermore, they demonstrate that continuous dialogue between teachers and students, grounded in the recognition of students' genuine agency, enhances the teaching and learning process. Finally, the study resulted in an alternative pedagogical model for Philosophy teachers, highlighting the need for Philosophy teaching to remain in constant conceptual renewal in order to address contemporary educational and social challenges.

Keywords: Achievement society; Philosophy teaching; creativity; publishing product; secondary education.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Capa do produto	52
Imagem 2 – Tirinha (aluno A18)	80
Imagem 3 – Desenho (aluno A2)	82
Imagem 4 – Capa do conto: <i>Memórias Póstumas de um trabalhador</i>	84
Imagem 5 – Página 3 da obra: <i>Memória Póstumas de um trabalhador</i>	85
Imagem 6 – Página 7 da obra: <i>Memória Póstumas de um trabalhador</i>	86
Imagem 7 – Página 8 da obra: <i>Memória Póstumas de um trabalhador</i>	87
Imagem 8 – Obra citada pelo aluno A3: <i>Não é o suficiente</i>	90
Imagem 9 – Obra citada pelo aluno A7: <i>Mais! Melhor! Agora!</i>	91
Imagem 10 – Obra citada pelo aluno A10: <i>Multitasking</i>	93
Imagem 11 – Obra citada pelo aluno A6: <i>Sociedade do desempenho</i>	94
Imagem 12 – Obra citada pelo aluno A18: <i>Finja até conseguir</i>	95
Imagem 13 – Obra citada pelo aluno A5: <i>Burnout</i>	96

LISTA DE SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoas de Nível Superior
CF	Constituição Federal
CNS	Conselho Nacional de Saúde
DCRC	Documento Curricular Referencial do Ceará
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
LDBEN	Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PPGFIL	Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Filosofia da Universidade Federal do Cariri
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFCA	Universidade Federal do Cariri

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	O CONTEXTO DO ENSINO DE FILOSOFIA NO CURRÍCULO	19
2.1	As Transformações do Ensino Médio Brasileiro: Currículo, Competências e Desafios para a Filosofia	20
2.2	A Sociedade do Desempenho e a Experiência Escolar Contemporânea	21
2.3	Manifestação da Sociedade de Desempenho no Cotidiano Escolar	25
2.4	A Filosofia e o Potencial de Interrupção Crítica: A Metodologia de Sílvia Gallo	30
3.	VITA CONTEMPLATIVA E ENSINO DE FILOSOFIA COMO EXPERIÊNCIA DE PENSAMENTO: FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS E PROPOSTA METODOLÓGICA	33
3.1	O ensino de Filosofia como experiência de pensamento a partir da metodologia de Sílvia Gallo	34
3.2	Um parêntese entre filosofia e arte	39
3.3	A pedagogia do ver e as oficinas filosóficas: entre contemplação e criação de conceitos	41
3.4	A Reforma do Ensino Médio, sua relação com a sociedade de desempenho e a possibilidade interruptiva da filosofia	42
4	PERCURSO METODOLÓGICO	46
4.1	Descrição do produto	51
5	ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	53
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
7	REFERÊNCIAS	101
	APÊNDICES	104
	APÊNDICE A – SEQUÊNCIA DIDÁTICA	104
	APÊNDICE B – ANUÊNCIA DE INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE	111
	APÊNDICE C – TERMO CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO	112
	APÊNDICE D – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO	114
	APÊNDICE E – ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO DO ESTUDANTE	115
	APÊNDICE F- QUADRO DE ANÁLISE	116

APÊNDICE G- PRODUTO TÉCNICO TECNOLÓGICO	134
ANEXOS	180
ANEXO I – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA	180
ANEXO II – DECLARAÇÃO BIBLIOTECA	183

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa, submetida ao Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Filosofia da Universidade Federal do Cariri- (PPGFI), linha de pesquisa *Fundamentos do ensino, currículo e políticas educacionais*, sublinha: *Currículos e políticas educacionais*, versa sobre o ensino de filosofia e como ele pode ser instrumento de reflexão crítica à *sociedade de desempenho* que se trata de um conceito que interpreta um fenômeno social do mundo do trabalho (Han, 2017a), bem como sobre a Base Nacional Comum Curricular.

A metodologia de ensino de filosofia utilizada segue a proposta do pensador brasileiro Sílvio Gallo, visto que, como professor de Filosofia, possuo¹ uma experiência no uso de material didático produzido por este autor. Nesse sentido, a partir da abordagem de ensino de filosofia de Gallo, deve-se atentar que não se trata de uma metodologia engessada. Não se trata de uma metodologia universal como a projetada na modernidade por Comenius. Para Gallo, a ideia de metodologia como algo capaz de ensinar qualquer coisa (tudo) a qualquer um (todos) não passa de uma utopia da modernidade (Gallo, 2012). O ensino de filosofia, para Gallo, não se trata apenas de transmissão de conteúdos, de possibilitar a relação do aluno com o aprendizado de maneira própria:

Em outras palavras, não se aprende por imitação, mas inventando sua própria maneira de relacionar-se com os signos. As implicações disso para o ensino e o aprendizado da filosofia são inúmeras e procuraremos desenvolver algumas delas adiante. Por ora, fiquemos neste paralelo: assim como aprender a nadar não é fazer como, o mesmo pode ser dito do aprender a pensar. Não aprendemos a pensar imitando o outro – um professor de filosofia, por exemplo –, mas inventando nossa própria maneira de nos relacionarmos com os signos do pensamento. (Gallo, 2012 p.89).

A proposta de Gallo toma a aula de filosofia como oficina de conceitos, reconhecendo que o aluno de ensino médio pode ter experiências do pensamento. Nesse sentido, na aula de filosofia, o aluno precisa ser um pouco filósofo, mesmo que fora do ensino médio ele não venha se tornar um filósofo profissional. Para isso, as principais ferramentas que o professor deve dispor para os alunos são os problemas. Os problemas são o motor do pensamento. Para Gallo, os problemas são como bússola que desbrava as matas da diversidade do pensamento. Contudo os problemas precisam ter significação existencial para o aluno.

Na perspectiva desta pesquisa, o fenômeno apontado por Han, *sociedade de desempenho*, cujo trabalhador é considerado chefe de si mesmo (Han, 2019), assemelha-se à

¹ Os trechos da introdução que se referem à justificativa pessoal, a aproximação do pesquisador com o tema, serão escritos na primeira pessoa.

realidade do aluno do ensino médio do Brasil. Pois, a partir da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e da criação do Novo Ensino Médio² o aluno é posto como protagonista de sua própria formação.

A BNCC estabelece as diretrizes para o currículo do ensino médio em todo o Brasil e influencia diretamente a organização das disciplinas eletivas e da disciplina Projeto de Vida, como ocorre no Ceará. O Documento Curricular Referencial do Ceará (DCRC/2019) para o Ensino Médio segue a mesma perspectiva da BNCC. Determina que o currículo do ensino médio deve ser composto por duas partes: a) Formação Geral Básica, com disciplinas tradicionais alinhadas às competências gerais da BNCC; b) Itinerários Formativos, com disciplinas eletivas, projetos e práticas que aprofundam conhecimentos em áreas específicas. As disciplinas eletivas fazem parte dos itinerários formativos e são escolhidas pelos estudantes com base em seus interesses e projetos futuros. Cada estado pode definir como essas disciplinas serão organizadas, respeitando a BNCC.

A disciplina Projeto de Vida está alinhada à BNCC e tem como objetivo auxiliar os alunos no autoconhecimento, na definição de metas pessoais, acadêmicas e profissionais. No Ceará, essa disciplina é obrigatória no ensino médio e busca orientar os estudantes sobre suas escolhas educacionais e de carreira.

No Ceará, a implementação da BNCC e da DCRC no ensino médio trouxe uma ênfase na flexibilização curricular, incluindo: a) Disciplinas Eletivas: Os estudantes escolhem componentes curriculares conforme seus interesses; b) Projeto de Vida: Componente obrigatório, incentivando reflexões sobre futuro e tomada de decisões; c) Trilhas de Aprendizagem: Aprofundamento em áreas de conhecimento, combinando disciplinas tradicionais e eletivas³.

Em meio a tudo isso, o papel da filosofia parece diluído, uma vez que ela não é tratada como disciplina, mas sim como parte de uma área do conhecimento, o que promove sua fragmentação. Ilustrando melhor a diferença que há, é importante destacar que nem mesmo as disciplinas separadas existem no modelo da BNCC. Assim, o professor formado em Filosofia, em tese, não ministra aulas de Filosofia, e sim de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

A BNCC da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas – integrada por Filosofia, Geografia, História e Sociologia – propõe a ampliação e o aprofundamento das aprendizagens essenciais desenvolvidas no Ensino Fundamental, sempre orientada para uma formação ética. Tal compromisso educativo tem como

² O “novo” ensino médio, cujo a presente pesquisa se refere, trata-se da configuração do ensino médio que veio à tona com a homologação da BNCC em 2018.

³ Alguns casos, pois na escola que será investigada nesta pesquisa, essa prática foi descontinuada.

base as ideias de justiça, solidariedade, autonomia, liberdade de pensamento e de escolha, ou seja, a compreensão e o reconhecimento das diferenças, o respeito aos direitos humanos e à interculturalidade, e o combate aos preconceitos de qualquer natureza (Brasil, 2018 p.561).

É importante salientar que neste trabalho há uma abertura de uma abordagem crítica deste modelo de educação estabelecido a partir de 2018, ano de implementação da BNCC. Tendo como referência uma entrevista de Sílvia Gallo feita pela jornalista Laura Rachid pela revista eletrônica *Revista Educação*, pode-se apontar três problemas com a BNCC: 1) a formação dos professores de filosofia é sobretudo focada na disciplina de filosofia e não naquilo que seria uma integração das ciências humanas e sociais aplicadas; 2) os projetos de vida do novo ensino médio vão produzir muitas frustrações nos estudantes, principalmente os de baixa renda; 3) o papel da filosofia se diluiria nesse universo de nova formação de jovens, sendo que a filosofia já possui um histórico instável com relação a educação brasileira (uma vez que apenas em 2008, com a lei nº 11.684 a filosofia é incorporada ao ensino médio como disciplina obrigatória, marcando uma ausência de quase 40 anos). (Rachid, 2022).

Neste contexto, se para os professores a situação da filosofia no ensino médio pode ser confusa, complexa, cheia de demandas e exigências, o aluno pode sentir tudo isso de maneira hiperbolizada. Com base nisso, este projeto aponta que a descrição feita por Byung Chul Han da *sociedade de desempenho* (2017a), que integra a realidade do trabalho, não deixa de se assemelhar com a realidade da educação apresentada nos moldes apresentados. Os alunos são atingidos por uma carga maçante de tarefas às quais se hiperboliza no sentimento de que eles são os protagonistas do próprio processo educativo. Porém, esse sentimento de protagonismo e/ou liberdade ludibria sua condição de autoexploração.

Desse modo, “O excesso de trabalho e de desempenho agudiza-se numa autoexploração. Essa é mais eficiente que uma exploração do outro, pois caminha de mãos dadas com o sentimento de liberdade” (Han, 2017a, p. 30). Para Han, a sociedade do desempenho produz depressivos, dado pelo esgotamento do indivíduo de ter que ser ele mesmo.

Dito isto, a importância da nossa pesquisa se dá em três dimensões: pessoal, social e acadêmica. Na dimensão pessoal, a escolha por esse tema se deu a partir das minhas experiências profissionais no Ensino Médio, em que há a constatação de alunos cansados, esgotados, ansiosos e depressivos. Fenômenos estes que se percebe na reclamação da proposta de uma nova atividade, no semblante cansado e, em casos mais graves, automutilação e suicídio.

Inúmeras vezes presenciei casos de alunos com ansiedade, com sono, com os mais variados problemas relacionados a saúde mental, porém, com o auxílio de profissionais ligados à área de psicologia, a comunidade escolar foi orientada a diminuir o rigor de desempenho e,

principalmente, os professores promoverem menos tarefas ou tarefas mais flexíveis em suas aulas. Cabe ressaltar a importância da comunidade escolar ter apoio de profissionais de outras áreas em situações como estas, pois a responsabilidade recaindo apenas para os professores pode ser bastante problemática.

Este problema social, é tratado aqui também como um problema pessoal por esse fato ter ocorrido com alunos próximos a mim. Obviamente, não é desejo meu que isso se repita num tom tão grave quanto o que ocorreu.

Na dimensão social, o cansaço é um fenômeno observável nos mais variados setores de trabalho que compõem a sociedade. Atualmente, na rotina escolar, tanto professores quanto alunos são atingidos por esse problema, sobretudo após a Pandemia da COVID-19.⁴ Segundo o Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope), 98% dos brasileiros se sentem cansados⁵. Nesse sentido, falar da *sociedade de desempenho*, como conceito que pode diagnosticar o cansaço, é falar de um problema social que atinge as mais variadas camadas.

Por fim, a pesquisa possui relevância acadêmica pois coloca a *sociedade de desempenho* e a BNCC relacionadas ao ensino de filosofia como um problema filosófico. Se perguntar por uma metodologia de ensino de filosofia, implica perguntar o que é filosofia. Adotar a perspectiva de ensino de filosofia de Gallo, já bem citada na academia, é ampliar as suas possibilidades para lidar com outros problemas filosóficos como o tema da sociedade de desempenho.

Outra justificativa acadêmica é a escassez de trabalhos sobre a temática proposta nesta pesquisa. Em busca no Portal Periódicos CAPES, no Google Acadêmico, sem utilizar filtros de recorte temporal, utilizando somente o descritor *Sociedade de desempenho*, e no Catálogo de Teses e dissertações CAPES acrescentamos o nome de Byung Chul Han, no sentido de melhorar a busca. Assim, encontramos os seguintes trabalhos, a saber:

Quadro 1 – Resultado das buscas de produção científica

Título	Autor	Ano	Local de publicação	Local de Busca
A catástrofe da sociedade de desempenho e o trabalho positivado como caminho para a morte	Renato Nunes Bittencourt	2023	Aoristo International Journal of Phenomenology, Hermeneutics and Metaphysics	Portal Periódicos CAPES

⁴ No início do ano de 2020, a Organização Mundial da Saúde apontou para o surto de COVID-19 como pandemia. A COVID-19 trata-se de uma doença infecciosa causada por um novo tipo de coronavírus. Em decorrência dessa doença, ao longo dos anos, milhões de mortes foram registradas no mundo. A rotina de boa parte das pessoas foi radicalmente modificada, enquanto não havia uma vacina para prevenir tal doença. Especificamente, a vida escolar de milhões de estudantes foi marcada pelo isolamento social e por aulas em sua configuração remota.

⁵ Link da notícia:

<https://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2015/04/sedentarismo-e-ma-alimentacao-sao-viloes-do-cansaco.html>

Sociedade de desempenho e governo da vida deficiente	Divino José da Silva	2021	Revista Educação e Filosofia	Portal Periódicos CAPES
O Ensino de Filosofia na Sociedade do Desempenho: implicações tecnológicas neoliberais na escola e a importância das emoções na aprendizagem	Rafael Douglas Sousa de Andrade	2024	Revista Digital do Ensino de Filosofia	Google Acadêmico
Entre a disciplina e o desempenho: uma reflexão sobre a educação escolar e suas controvérsias' 01/03/2023	Leonardo dos Santos Reis	2023	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro	Catálogo de Teses e Dissertações CAPES

Fonte: Elaboração própria, 2025

Vale ressaltar que essa busca não é um estado da arte, trata-se de um levantamento mais simples, a fim de justificar a contribuição deste tema para o Ensino de Filosofia, bem como para a academia em geral por ser um tema inovador. Observamos que os trabalhos são recentes, sendo que os de Bittencourt e Silva possuem um foco na questão do trabalho e como os indivíduos submetidos a essa lógica de desempenho são afetados psicofisicamente.

E que só encontramos dois trabalhos que se aproximaram mais do meu objeto de pesquisa que são os textos de Reis (2023) e Andrade (2024). Estes dois, além de tratarem de analisar a sociedade de desempenho, vincularam esse tema ao ensino de filosofia. Em termos de posicionamento, os dois autores entendem o ensino de filosofia como possibilidade de resistência à lógica da sociedade de desempenho. Por exemplo, Andrade entende o ensino de filosofia como aprendizagem por emoções, uma vez que a sociedade de desempenho, pelo seu excesso de positividade, ignora o cansaço, a depressão e outros efeitos danosos no corpo e na mente dos indivíduos. Andrade também toma como seu referencial de ensino de filosofia o autor Sílvio Gallo para justificar uma prática de ensino resistente:

Eis o papel crucial da filosofia, em especial em seu ensino. Como ressaltado por Gallo (2014), existem possibilidade de ensino da filosofia, seja partindo de textos filosóficos para compreensão de conceitos e qual o problema que surgiu que levou a criação dele, ou partindo da problematização filosófica das coisas, no intuito de reflexão e/ou produção de novos conceitos. É nessa veia em que o professor que leciona filosofia deve guiar-se. Ensinar a partir dos problemas dos alunos, contextualizando questões contemporâneas e inquietações de cada discente, fundamenta o fazer filosófico. A resistência perante a logicidade de uma sociedade que suga o sujeito é: através do questionamento, da dúvida, do método. (Andrade, 2024, p. 12).

Se, por um lado, a relação da filosofia com a BNCC me parece confusa e diluída, por outro, percebo com clareza - ou melhor, sinto na pele - o fenômeno da sociedade de desempenho, presente em diversas camadas da sociedade e, sobretudo na escola onde leciono. nesse sentido, nosso projeto de pesquisa tem como objetivo colocar o estudante no centro da investigação, analisando se eles percebem a sociedade de desempenho e como o ensino de

filosofia pode mediar uma reflexão sobre como lidar com ela, bem como sobre a relação entre esse conceito e a BNCC.

Com base nas informações acima, a pesquisa investigará o seguinte problema central:

- O ensino de Filosofia pode fomentar a reflexão crítica sobre a *sociedade de desempenho*, considerando a BNCC alinhada ao modelo desta sociedade?

Já como questões auxiliares a pesquisa vai lidar com os seguintes problemas:

- Como o ensino de Filosofia pode estimular a compreensão e a criticidade dos estudantes acerca das dinâmicas da sociedade de desempenho e da BNCC?
- De que modo a BNCC se relaciona com a *sociedade de desempenho*?
- De que modo o ensino de Filosofia na perspectiva de Gallo, pode oferecer alternativas éticas e/ou existenciais ao modelo de vida centrado no desempenho?
- Quais estratégias pedagógicas podem ser adotadas no ensino de Filosofia para transformar a disciplina em um espaço de resistência à lógica da sociedade do desempenho?

Com base nesses questionamentos, elaboramos os objetivos:

Objetivo geral:

- Investigar de que modo o ensino de Filosofia pode fomentar a reflexão crítica sobre a *sociedade de desempenho*, considerando a BNCC alinhada ao modelo desta sociedade.

Objetivos específicos

- Explicar como o ensino de Filosofia pode estimular a compreensão e a criticidade dos estudantes acerca das dinâmicas da *sociedade de desempenho*.
- Analisar a relação entre a Base Nacional Comum Curricular e a *sociedade de desempenho*.
- Especificar de que maneira o ensino de Filosofia, na perspectiva de Gallo, pode apresentar aos estudantes alternativas criativas, éticas e/ou existenciais ao modelo de vida centrado na *sociedade de desempenho*.
- Contribuir com um catálogo de produções artístico-filosóficas, produzidas pelos participantes da pesquisa, que servirá de suporte ao professor em suas aulas de Filosofia.

Para atingir tais objetivos, realizamos uma pesquisa de cunho qualitativa, fazendo uso do método da pesquisa-ação a ser realizada em uma escola pública estadual de Juazeiro do Norte, Ceará. Os participantes serão estudantes do segundo ano do Ensino Médio, fazendo uso das aulas que têm como tema o trabalho.

A nossa pesquisa foi realizada em uma escola de Juazeiro do Norte, Ceará, considerada uma escola modelo, em que os estudantes têm uma jornada muito intensa. Nesse sentido, o cansaço proporcionado pela *sociedade de desempenho* já começa na simples jornada do aluno para escola. Em termos de avaliações externas, a escola possui alto índice de aprovações em vestibulares, no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), em olimpíadas específicas das disciplinas, entre outras avaliações.

Esta dissertação está organizada em cinco seções, além desta introdução e das considerações finais. A seção intitulada *O contexto do ensino de Filosofia no currículo*, apresenta a fundamentação teórica sobre as transformações do Ensino Médio brasileiro a partir da BNCC, discutindo suas implicações para o ensino de Filosofia. Em seguida, analisa o conceito de sociedade de desempenho, desenvolvido por Byung-Chul Han, relacionando-o ao cotidiano escolar e às experiências de estudantes submetidos às exigências de produtividade, desempenho e protagonismo. Também problematiza o potencial da Filosofia como espaço de interrupção crítica, tomando como referência a proposta metodológica de Sílvio Gallo. A seção denominada *Vita contemplativa e ensino de Filosofia como experiência de pensamento: fundamentos filosóficos e proposta metodológica*, aprofunda o diálogo entre as contribuições de Byung-Chul Han e Sílvio Gallo, defendendo o ensino de Filosofia como experiência de pensamento, criação de conceitos e resistência à lógica produtivista. Além disso, discute a aproximação entre Filosofia e arte, a noção de *vita contemplativa* e fundamenta as oficinas artístico-filosóficas que orientaram a intervenção pedagógica realizada nesta pesquisa. Em seguida temos a seção do percurso metodológico da investigação, caracterizando a pesquisa qualitativa, desenvolvida por meio da pesquisa-ação, descrevendo o contexto investigado, os participantes, os instrumentos de produção dos dados, os procedimentos de análise e o produto técnico tecnológico elaborado. A seção que contempla a análise e a discussão dos resultados, articula os dados produzidos durante as oficinas filosóficas com o referencial teórico adotado, evidenciando as percepções dos estudantes sobre a sociedade de desempenho e as potencialidades do ensino de Filosofia como espaço de reflexão crítica e elaboração de alternativas éticas, estéticas e existenciais.

2. O CONTEXTO DO ENSINO DE FILOSOFIA NO CURRÍCULO

As profundas transformações econômicas, tecnológicas e culturais ocorridas nas últimas décadas têm redefinido as formas de organização da vida social e repercutido diretamente sobre os sistemas educacionais. No Brasil, tais mudanças ganharam expressão nas recentes reformas do Ensino Médio, particularmente com a promulgação da Lei n.º 13.415/2017 e com a publicação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento que reorganiza a educação básica em torno do desenvolvimento de competências e habilidades consideradas essenciais para a formação integral dos estudantes (BRASIL, 2018). No estado do Ceará, essas diretrizes foram incorporadas ao Documento Curricular Referencial do Ceará (DCRC/CE), orientando a implementação curricular nas escolas da rede estadual e influenciando a organização do trabalho pedagógico, inclusive no componente curricular Filosofia.

A centralidade conferida à autonomia, ao protagonismo estudantil, ao projeto de vida e à responsabilidade pela própria aprendizagem constitui uma das marcas mais significativas desse novo desenho curricular. Em termos normativos, tais princípios procuram promover uma educação voltada ao desenvolvimento integral do estudante, favorecendo sua participação ativa nos diferentes contextos sociais e culturais. Entretanto, quando observadas à luz das transformações contemporâneas da racionalidade neoliberal, essas mesmas categorias suscitam questões importantes acerca dos modos pelos quais são apropriadas e vivenciadas no cotidiano escolar.

Esta pesquisa não parte do pressuposto de que exista uma correspondência direta entre os documentos curriculares nacionais e a crítica filosófica desenvolvida por Byung-Chul Han. Compreende que a BNCC e o DCRC/CE constituem textos normativos orientados por finalidades educacionais específicas, enquanto a obra de Han oferece um instrumental conceitual capaz de interpretar determinados processos de subjetivação característicos das sociedades contemporâneas. Assim, a aproximação estabelecida ao longo deste trabalho possui caráter interpretativo, buscando compreender de que maneira discursos relacionados ao protagonismo, à autonomia, à autogestão e ao desempenho podem adquirir novos significados quando inseridos em contextos sociais marcados pela intensificação da produtividade, da competitividade e da responsabilização individual.

2.1 As Transformações do Ensino Médio Brasileiro: Currículo, Competências e Desafios para a Filosofia

O Ensino Médio brasileiro passou por muitas mudanças nos últimos anos, que fazem parte de um conjunto maior de reformas educacionais. Essas mudanças buscam preparar a escola para as transformações sociais, econômicas, culturais e tecnológicas do século XXI. Uma dessas reformas importantes foi a Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017, que reorganizou o currículo do Ensino Médio. Essa lei criou a divisão entre a Formação Geral Básica e os itinerários formativos, ampliando o tempo de aula e dando mais flexibilidade para os estudantes escolherem parte do que vão aprender (Brasil, 2017).

Mais tarde, a BNCC para o Ensino Médio estabeleceu um conjunto mínimo de aprendizagens que todos os estudantes brasileiros devem receber, organizando essas aprendizagens a partir do desenvolvimento de competências e habilidades. A BNCC afirma que a educação deve formar o indivíduo de forma completa, incluindo aspectos intelectuais, físicos, afetivos, sociais, éticos e culturais. Isso quer dizer que não basta só aprender conteúdos científicos, é preciso também formar cidadãos preparados para conviver e trabalhar no mundo atual (Brasil, 2018).

Entre as dez competências gerais da BNCC, se destacam o pensamento crítico, a capacidade de argumentar, a autonomia, a responsabilidade, o autoconhecimento e o uso de tecnologias digitais. Essas competências buscam ir além da simples memorização, colocando o estudante como protagonista do seu aprendizado e capaz de lidar com problemas complexos e agir de forma responsável na sociedade (BRASIL, 2018).

No Ceará, essas orientações nacionais se transformaram no Documento Curricular Referencial do Ceará (DCRC/CE), que adapta as diretrizes para as características da rede estadual de ensino. O DCRC reforça ideias como protagonismo do estudante, formação integral, interdisciplinaridade e a contextualização dos saberes, procurando valorizar as condições socioculturais locais.

No caso da disciplina de Filosofia, essas mudanças representam desafios particulares. A Filosofia é vista como um espaço para o exercício da reflexão crítica, da argumentação e da discussão de conceitos. Hoje, ela passa a dialogar com competências relacionadas à autonomia intelectual, ao pensamento crítico e à ética. Isso abre possibilidades para a Filosofia no currículo, mas também exige pensar como essas competências são realmente desenvolvidas na escola e na experiência dos estudantes.

É importante mencionar que expressões como “empreendedor de si mesmo”, “autoexploração” ou “sociedade do desempenho” não aparecem nos textos oficiais como a BNCC ou o DCRC. Esses termos vêm da filosofia social contemporânea. Por isso, esta pesquisa não quer dizer que as políticas públicas usem essas ideias diretamente, mas sim que essas categorias filosóficas ajudam a entender melhor os efeitos de discursos sobre autonomia, protagonismo e responsabilidade individual que circulam na escola, especialmente em um contexto de muita cobrança por desempenho.

Essa diferença é importante para o trabalho aqui feito. Enquanto a BNCC e o DCRC são políticas públicas sobre currículo, a filosofia de Han oferece ferramentas para analisar como os sujeitos vivem essas pressões e como elas afetam a forma de ser dos estudantes. Essa ligação entre os dois campos será detalhada na próxima seção, na qual será explicada a ideia de sociedade do desempenho como um conceito filosófico que ajuda a entender as experiências dos jovens no Ensino Médio.

Se as mudanças no currículo influenciam a posição da Filosofia na escola, é necessário também pensar em como ensinar a disciplina nesses novos tempos. Essa questão será retomada com base na proposta de Silvio Gallo, que entende a aula de Filosofia como uma experiência de problematização, criação de conceitos e exercício do pensamento.

2.2 A Sociedade do Desempenho e a Experiência Escolar Contemporânea

O fenômeno da *sociedade de desempenho* possui como contexto a contemporaneidade, século XXI, compreendido por Byung Chul Han como momento de mudanças de paradigmas no que concerne às relações de poder. Por conseguinte, isso inclui mudanças nas relações de trabalho, nas relações econômicas e, segundo a nossa pesquisa, nas relações de ensino. No entanto, deve-se atentar que tais mudanças não significam a completa substituição de antigos modelos, no máximo, a sua fragmentação.

Ao discutir a sociedade de desempenho, Han (2017a) traça uma contraposição ao que é entendido como sociedade disciplinar, conceito este desenvolvido pelo filósofo Michel Foucault. Que contraposição é essa? Enquanto no período de consolidação das sociedades capitalistas até o século XX a lógica disciplinar tinha como característica principal a negatividade, o século XXI se define pelo excesso de positividade. A sociedade da negatividade é a sociedade regida pelo dever e pela punição externa ao indivíduo que não o cumpre. É o tipo de sociedade na qual o indivíduo costuma se deparar com um contundente “não, eu não devo”. Neste tipo de sociedade, o que move as relações de poder é o controle dos corpos por meio do

confinamento em ambientes conhecidos como escolas, hospitais, asilos, presídios, quartéis e fábricas.

Já a *sociedade de desempenho* se caracteriza por ambientes como academias *fitness*, prédios de escritórios, laboratórios de genética, cursos de educação a distância etc. Aparentemente, não há sentimento de aprisionamento nestes lugares, mas uma sensação de poder ilimitado toma o indivíduo e o coloca numa aparente situação de comando de si. Os indivíduos nessa condição expressam um contundente “sim, eu posso”. Resumindo, a diferença entre os lugares da sociedade disciplinar e os lugares da sociedade de desempenho, Han destaca: “No lugar de proibição, mandamento ou lei, entram projeto, iniciativa e motivação” (2017a, p.24)

Neste momento, cabe atentar-se na relação entre liberdade e positividade, que nos alerta Leonardo dos Santos Reis em sua dissertação *Entre a disciplina e o desempenho: uma reflexão sobre a educação escolar e suas controvérsias* (2023):

[...] é consequência lógica o fato de que há uma relação íntima entre uma espécie de sensação de liberdade e a positividade. Há, na positividade, uma relação proporcionalmente inversa com a quantidade de estranhamento ou de constrangimento que um indivíduo pode encontrar em seus empreendimentos. Sendo assim, podemos afirmar que o aumento do grau de positividade em uma sociedade se identifica também ao apelo à “liberdade” ou, o que é mais correto, à “sensação de liberdade. (Reis. 2023, p.40).

Além de destacar as diferenças entre esses tipos de sociedade, cabe também apontar as consequências nocivas que recaem sobre os indivíduos submetidos a estes modelos. Han afirma que a sociedade disciplinar em “sua negatividade gera loucos e delinquentes. A sociedade do desempenho, ao contrário, produz depressivos e fracassados” (Han. 2017a, p. 25). É bastante comum associar a descrição da sociedade de desempenho e suas consequências aos problemas físicos e psicológicos seríssimos como cansaço, esgotamento, transtornos neurobiológicos.

Nesse sentido, a pesquisa, por se tratar de um estudo filosófico, se coloca numa responsabilidade específica de lidar com os problemas que competem a área de medicina, neurologia, psicologia e afins. Esse papel pode servir de auxílio complementar a estas áreas da saúde. O papel desta pesquisa filosófica busca apontar alternativas éticas e/ou existenciais que resistam ao excesso de positividade. Neste sentido, a filosofia não trata os danos psicofísicos, mas possui uma postura na reflexão de condutas do viver que pode contribuir bastante para os debates ligados à bioética. Assim, por meio da filosofia, desdobra-se uma ferramenta preventiva.

Quando Byung Chul Han apresenta o fenômeno da *sociedade de desempenho* em sua

obra *Sociedade do Cansaço* (2017a), a princípio este parece nos mostrar um novo paradigma que se estabeleceu no mundo. No entanto, tal tipo de afirmação seria apressada demais, uma vez que o tom ensaístico de sua obra nos leva a considerar que, embora novas características surjam na sociedade contemporânea, paradigmas anteriores não desapareceram completamente:

O sujeito de desempenho continua disciplinado. Ele tem atrás de si o estágio disciplinar. O poder eleva o nível de produtividade que é intencionado através da técnica disciplinar, o imperativo do dever. Mas em relação à elevação da produtividade não há qualquer ruptura; há apenas continuidade. (Han. 2017a, p. 25-26).

Um fator determinante para o crescimento da positividade é a crença ou a sensação de liberdade pelo sujeito. Diga-se crença ou sensação, pois, mesmo livre da rigidez das instituições disciplinares, o sujeito sofre coerções ou, mais precisamente, autocoerções. Os trabalhadores que possuem sua carga horária flexibilizada para *homeoffice* acabam por misturar seu tempo de trabalho com o tempo livre. O paradoxo que há nessa deslocação de paradigma é que as próprias instituições disciplinares, que antes mantinham os corpos sob controle para serem produtivos, perdem sua eficácia frente a liberdade coercitiva da sociedade de desempenho (Han, 2017a).

A sociedade do trabalho e a sociedade do desempenho não são uma sociedade livre. Elas geram novas coerções. A dialética de senhor e escravo está, não em última instância, para aquela sociedade na qual cada um é livre e que seria capaz também de ter tempo livre para o lazer. Leva ao contrário a uma sociedade do trabalho, na qual o próprio senhor se transformou num escravo do trabalho. Nessa sociedade coercitiva, cada um carrega consigo seu campo de trabalho. A especificidade desse campo de trabalho é que somos ao mesmo tempo prisioneiro e vigia, vítima e agressor. Assim, acabamos explorando a nós mesmos. (Han. 2017a, p. 46-47).

Fazendo um paralelo com a escola, percebe-se que, mesmo com o fenômeno do crescimento das escolas de tempo integral (que não é o caso da escola que trabalho), há um crescente uso de dispositivos remotos e digitais que permitem os alunos resolverem suas tarefas, avaliações e demais compromissos de forma mais “livre” e “eficaz”. Na minha experiência como professor, acontecimentos um tanto quanto curiosos ocorrem vez ou outra: caso de um número expressivo de alunos faltarem o dia de aula regular para estudar em casa, ou qualquer outro ambiente que não se sinta confinado. Com este exemplo, pode-se perceber que a falta do aluno na aula regular não significa necessariamente falta de disciplina do mesmo. Contudo, significa uma autocoerção, que no psicológico do aluno, o faz acreditar que está desempenhando mais por cumprir com seus deveres de modo mais “livre”.

O sujeito de desempenho está livre da instância externa de domínio que o obriga a trabalhar ou que poderia explorá-lo. É senhor e soberano de si mesmo. Assim, não está submisso a ninguém ou está submisso apenas a si mesmo. É nisso que ele se distingue do sujeito de obediência. A queda da instância dominadora não leva à liberdade. Ao contrário, faz com que liberdade e coação coincidam. Assim, o sujeito de desempenho se entrega à liberdade coercitiva ou à livre coerção de maximizar o desempenho. (Han. 2017a, p. 29-30).

A partir disso, como a sociedade de desempenho, mesmo caracterizada pelo paradoxo entre liberdade e produtividade, pôde ter tanto sucesso em sua instalação na sociedade atual? Reis nos ajuda a compreender que o conceito de liberdade está associado ao sistema capitalista neoliberal e não às pessoas. Em outras palavras, o que é livre é o mercado e sua lógica, não os indivíduos:

Mas por que essa “liberdade” se tornou tão útil para o processo produtivo, ou seja, para a reprodução do capital? Justamente porque tal liberdade não diz respeito ao sujeito, mas sim ao próprio capital. Isso significa que os sujeitos são livres unicamente na medida em que estão a serviço de sua reprodução. Sendo assim, a liberdade paradoxal descrita por Han se dá precisamente porque o indivíduo se acredita livre de coerções, mas, na verdade, suas possibilidades de ação estão sempre dentro dos limites do que é útil para a reprodução do capital ou, ainda que seja uma ação que fuja desta regra, em algum momento ela pode acabar sendo incorporada por ele. (Reis. 2023, p. 44).

Em síntese, analisar a sociedade de desempenho exige-se uma atenção profunda aos valores e condutas propagados neste tipo sociedade, sobretudo, aos valores de positividade, liberdade e protagonismo. Tais valores e condutas são sutis, porém eficazes, em seus efeitos de coerção social, cabendo a necessidade encontrar soluções ou alternativas ao modelo posto. Esta pesquisa defende que uma destas alternativas pode se construir a partir do ensino de Filosofia.

A questão é observar como, em certos contextos históricos e políticos, essas ideias são usadas para transferir toda a responsabilidade pelo sucesso escolar para os próprios estudantes.

Além disso, Han não para na crítica. Em obras mais recentes, como *Vita Contemplativa*, ele defende que a resistência à sociedade do desempenho não passa por rejeitar o trabalho ou a aprendizagem. Pelo contrário, se dá por meio da recuperação da contemplação, da atenção, da escuta e da demora. A contemplação aparece, assim, como um modo diferente de viver o tempo, que interrompe a pressa e permite experiências profundas de pensamento.

Essa visão aproxima-se de uma compreensão do ensino de Filosofia que, para além de transmitir conteúdos, busca dar aos estudantes um espaço para pensar de verdade, suspender a lógica da utilidade e promover o questionamento. É essa possibilidade que justifica seguir falando do papel da Filosofia na escola, especialmente por meio da proposta metodológica de Silvio Gallo, que inspira a intervenção pedagógica desta pesquisa.

2.3 Manifestação da Sociedade de Desempenho no Cotidiano Escolar

No ambiente escolar, especialmente em escolas de tempo integral que adotam práticas rígidas de avaliação e planejamento, a sociedade de desempenho se manifesta através de dinâmicas sutis e persistentes de autocoerção que permeiam a rotina de estudantes e docentes. A imposição de metas, frequências de avaliações periódicas e a pressão por aprovação e ingresso em universidades criam um cotidiano permeado por um sentimento de vigilância constante.

Estudantes entrevistados e observados em pesquisas semelhantes, bem como relatos presentes na literatura, indicam uma experiência recorrente de cansaço físico e mental, ansiedade ligada à preocupação com notas e resultados, e uma culpa associada ao simples ato de descansar ou se desligar temporariamente das demandas escolares. Essa relação de conflito entre a necessidade biológica e psicológica de repouso e o imperativo internalizado de rendimento traduz o que Han chama de *sociedade do cansaço* (Han, 2015).

Em virtude de uma noção de autonomia vinculada à autogestão apresentada pela BNCC, que, em teoria, deveria empoderar os estudantes, muitas vezes acaba por ser assimilada como uma responsabilidade integral sobre o sucesso, carregando consigo uma carga emocional pesada. A autonomia deixa de ser um espaço de liberdade e experimentação, para tornar-se uma instância na qual o aluno cobra de si mesmo os resultados que o sistema espera, reproduzindo a lógica do empreendedorismo pessoal.

Na perspectiva deste projeto de pesquisa, o fenômeno apontado por Han, *sociedade de desempenho*, cujo trabalhador é considerado chefe de si mesmo (Han, 2019), assemelha-se à

realidade do aluno do ensino médio do Brasil. Pois, a partir da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e da criação do Novo Ensino Médio⁶ o aluno é posto como protagonista de sua própria formação. O Documento Curricular Referencial do Ceará (DCRC/2019) para o Ensino Médio segue essa mesma linha.

A Base Nacional Comum Curricular estabelece as diretrizes para o currículo do ensino médio em todo o Brasil e influencia diretamente a organização das disciplinas *eletivas* e de disciplinas como *Projeto de Vida e Formação para a Cidadania*, como ocorre no Ceará. Determina que o currículo do ensino médio deve ser composto por duas partes: a) Formação Geral Básica, com disciplinas tradicionais alinhadas às competências gerais da BNCC; b) Itinerários Formativos, com disciplinas eletivas, projetos e práticas que aprofundam conhecimentos em áreas específicas.

As disciplinas eletivas fazem parte dos itinerários formativos e são escolhidas pelos estudantes com base em seus interesses e projetos futuros. Cada estado pode definir como essas disciplinas serão organizadas, mas em denúncias sobre a prática em outras escolas, as eletivas são inicialmente escolhidas pela coordenação pedagógica e direcionada para alunos com dificuldades em certas disciplinas com eletivas afins..

Já a disciplina intitulada Projeto de Vida está alinhada às competências e habilidades socioemocionais (tais como assertividade, tolerância à frustração, autogestão, etc) para auxiliar os alunos no autoconhecimento, na definição de metas pessoais, acadêmicas e profissionais. No Ceará, essa disciplina é obrigatória no ensino médio e busca orientar os estudantes sobre suas escolhas educacionais e de carreira tendo o mesmo molde e competências esperada em outra disciplina também obrigatória como a que é ministrada por um professor diretor de turma denominada *Formação para a cidadania*. No Ceará, a implementação da BNCC no ensino médio trouxe uma ênfase na flexibilização curricular, incluindo também as Trilhas de Aprendizagem: Aprofundamento em áreas de conhecimento, combinando disciplinas tradicionais e eletivas⁷.

Em meio a tudo isso, o papel da filosofia parece diluído, uma vez que que ela não é tratada como disciplina, mas sim como parte de uma área do conhecimento, o que promove sua fragmentação. Ilustrando melhor a diferença que há, é importante destacar que nem mesmo as disciplinas separadas existem no modelo da BNCC. Assim, o professor formado em Filosofia,

⁶ O “novo” ensino médio, cujo a presente pesquisa se refere, trata-se da configuração do ensino médio que veio à tona com a homologação da BNCC em 2018.

⁷ Alguns casos, pois na escola que será investigada nesta pesquisa, essa prática foi descontinuada.

em tese, não ministra aulas de Filosofia, e sim de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

A BNCC da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas – integrada por Filosofia, Geografia, História e Sociologia – propõe a ampliação e o aprofundamento das aprendizagens essenciais desenvolvidas no Ensino Fundamental, sempre orientada para uma formação ética. Tal compromisso educativo tem como base as ideias de justiça, solidariedade, autonomia, liberdade de pensamento e de escolha, ou seja, a compreensão e o reconhecimento das diferenças, o respeito aos direitos humanos e à interculturalidade, e o combate aos preconceitos de qualquer natureza (Brasil, 2018 p.561).

É importante salientar que neste trabalho há uma abertura de uma abordagem crítica deste modelo de educação estabelecido a partir de 2018, ano de implementação da BNCC. Tendo como referência uma entrevista de Sílvio Gallo feita pela jornalista Laura Rachid pela revista eletrônica *Revista Educação*, Sílvio Gallo aponta três problemas na BNCC: 1) a formação dos professores de filosofia é sobretudo focada na disciplina de filosofia e não naquilo que seria uma integração das ciências humanas e sociais aplicadas; 2) os projetos de vida do novo ensino médio vão produzir muitas frustrações nos estudantes, principalmente os de baixa renda; 3) o papel da filosofia se diluiria nesse universo de nova formação de jovens, sendo que a filosofia já possui um histórico instável com relação a educação brasileira (uma vez que apenas em 2008, com a lei nº 11.684 a filosofia é incorporada ao ensino médio como disciplina obrigatória, marcando uma ausência de quase 40 anos).

Neste contexto, se para os professores a situação da filosofia no ensino médio pode ser confusa, complexa, cheia de demandas e exigências, o aluno pode sentir tudo isso de maneira hiperbolizada. Com base nisso, este projeto aponta que a descrição feita por Byung Chul Han da *sociedade de desempenho* (2017a), que integra a realidade do trabalho, não deixa de se assemelhar com a realidade da educação apresentada nos moldes apresentados. Os alunos são atingidos por uma carga maçante de tarefas às quais se hiperboliza no sentimento de que eles são os protagonistas do próprio processo educativo. Porém, esse sentimento de protagonismo e/ou liberdade ludibria sua condição de autoexploração.

Desse modo, “O excesso de trabalho e de desempenho agudiza-se numa autoexploração. Essa é mais eficiente que uma exploração do outro, pois caminha de mãos dadas com o sentimento de liberdade” (Han, 2017a, p. 30). Para Han, a sociedade do desempenho produz depressivos, dado pelo esgotamento do indivíduo de ter que ser ele mesmo.

Dito isto, a importância da nossa pesquisa se dá em três dimensões: pessoal, social e acadêmica. Na dimensão pessoal, a escolha por esse tema se deu a partir das minhas experiências profissionais no Ensino Médio, em que há a constatação de alunos cansados, esgotados, ansiosos e depressivos. Fenômenos estes que se percebe na reclamação da proposta

de uma nova atividade, no semblante cansado e, em casos mais graves, automutilação e suicídio.

Inúmeras vezes presenciei casos de alunos passando mal, com ansiedade, com sono, com os mais variados problemas relacionados a saúde mental, casos até (infelizmente) de suicídio como já foi mencionado. Claro, neste último exemplo pode existir vários fatores que levam a esta situação trágica. Porém, com o auxílio de profissionais ligados à área de psicologia, a comunidade escolar foi orientada a diminuir o rigor de desempenho e, principalmente, os professores promoverem menos tarefas ou tarefas mais flexíveis em suas aulas. Cabe ressaltar a importância da comunidade escolar ter apoio de profissionais de outras áreas em situações como estas, pois a responsabilidade recaindo apenas para os professores pode ser bastante problemática.

Este problema social, é tratado aqui também como um problema pessoal por esse fato ter ocorrido com alunos próximos a mim. Obviamente, não é desejo meu que isso se repita num tom tão grave quanto o que ocorreu.

Na dimensão social, o cansaço é um fenômeno observável nos mais variados setores de trabalho que compõem a sociedade. Atualmente, na rotina escolar, tanto professores quanto alunos são atingidos por esse problema, sobretudo após a Pandemia da COVID-19.⁸ Segundo o Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope), 98% dos brasileiros se sentem cansados⁹. Nesse sentido, falar da *sociedade de desempenho*, como conceito que pode diagnosticar o cansaço, é falar de um problema social que atinge as mais variadas camadas.

A nossa pesquisa ocorreu em uma escola de Juazeiro do Norte, Ceará. É considerada uma escola modelo, em que os estudantes têm uma jornada muito intensa. Nesse sentido, o cansaço proporcionado pela *sociedade de desempenho* já começa na simples jornada do aluno para escola. Em termos de avaliações externas, a escola possui alto índice de aprovações em vestibulares, no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), em olimpíadas específicas das disciplinas, SAEB, descritores do SPAECE, simulados, provas diagnósticas, avaliações das próprias disciplinas de componentes obrigatórios precisam atender as demandas dessas avaliações externa. Mas qual está sendo o preço disso mesmo? De que adianta corpos produtivos se não forem saudáveis?

Por fim, a pesquisa possui relevância acadêmica pois coloca a *sociedade de desempenho*

⁸ No início do ano de 2020, a Organização Mundial da Saúde apontou para o surto de COVID-19 como pandemia. A COVID-19 trata-se de uma doença infecciosa causada por um novo tipo de coronavírus. Em decorrência dessa doença, ao longo dos anos, milhões de mortes foram registradas no mundo. A rotina de boa parte das pessoas foi radicalmente modificada, enquanto não havia uma vacina para prevenir tal doença. Especificamente, a vida escolar de milhões de estudantes foi marcada pelo isolamento social e por aulas em sua configuração remota.

⁹ Link da notícia:

<https://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2015/04/sedentarismo-e-ma-alimentacao-sao-viloes-do-cansaco.html>

e a BNCC relacionadas ao ensino de filosofia como um problema filosófico. Se perguntar por uma metodologia de ensino de filosofia, implica perguntar o que é filosofia. Adotar a perspectiva de ensino de filosofia de Gallo, já bem citada na academia, é ampliar as suas possibilidades para lidar com outros problemas filosóficos como o tema da sociedade de desempenho.

Outra justificativa acadêmica é a escassez de trabalhos sobre a temática proposta nesta pesquisa. Em busca no Portal Periódicos CAPES, no Google Acadêmico, sem utilizar filtros de recorte temporal, utilizando somente o descritor *Sociedade de desempenho*, e no Catálogo de Teses e dissertações CAPES acrescentamos o nome de Byung Chul Han, no sentido de melhorar a busca. Assim, encontramos os seguintes trabalhos, a saber:

Quadro 1 – Resultado das buscas de produção científica

Título	Autor	Ano	Local de publicação	Local de Busca
A catástrofe da sociedade de desempenho e o trabalho positivado como caminho para a morte	Renato Nunes Bittencourt	2023	AoristoInternational Journal of Phenomenology, Hermeneutics and Metaphysics	Portal Periódicos CAPES
Sociedade de desempenho e governo da vida deficiente	Divino José da Silva	2021	Revista Educação e Filosofia	Portal Periódicos CAPES
O Ensino de Filosofia na Sociedade do Desempenho: implicações tecnológicas neoliberais na escola e a importância das emoções na aprendizagem	Rafael Douglas Sousa de Andrade	2024	Revista Digital do Ensino de Filosofia	Google Acadêmico
Entre a disciplina e o desempenho: uma reflexão sobre a educação escolar e suas controvérsias' 01/03/2023	Leonardo dos Santos Reis	2023	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro	Catálogo de Teses e Dissertações CAPES

Fonte: Elaboração própria, 2025

Vale ressaltar que essa busca não é um estado da arte, trata-se de um levantamento mais simples, a fim de justificar a contribuição deste tema para o Ensino de Filosofia, bem como para a academia em geral por ser um tema inovador. Observamos que os trabalhos são recentes, sendo que os de Bittencourt e Silva possuem um foco na questão do trabalho e como os indivíduos submetidos a essa lógica de desempenho são afetados psicofisicamente.

E que só encontramos dois trabalhos que se aproximaram mais do meu objeto de pesquisa que são os textos de Reis (2023) e Andrade (2024). Estes dois, além de tratarem de analisar a sociedade de desempenho, vincularam esse tema ao ensino de filosofia. Em termos de posicionamento, os dois autores entendem o ensino de filosofia como possibilidade de

resistência à lógica da sociedade de desempenho.

Por exemplo, Andrade entende o ensino de filosofia como aprendizagem por emoções, uma vez que a sociedade de desempenho, pelo seu excesso de positividade, ignora o cansaço, a depressão e outros efeitos danosos no corpo e na mente dos indivíduos. Andrade também toma como seu referencial de ensino de filosofia o autor Sílvia Gallo para justificar uma prática de ensino resistente:

Eis o papel crucial da filosofia, em especial em seu ensino. Como ressaltado por Gallo (2014), existem possibilidade de ensino da filosofia, seja partindo de textos filosóficos para compreensão de conceitos e qual o problema que surgiu que levou a criação dele, ou partindo da problematização filosófica das coisas, no intuito de reflexão e/ou produção de novos conceitos. É nessa veia em que o professor que leciona filosofia deve guiar-se. Ensinar a partir dos problemas dos alunos, contextualizando questões contemporâneas e inquietações de cada discente, fundamenta o fazer filosófico. A resistência perante a logicidade de uma sociedade que suga o sujeito é: através do questionamento, da dúvida, do método. (Andrade, 2024, p. 12).

Se, por um lado, a relação da filosofia com a BNCC me parece confusa e diluída, por outro, percebo com clareza ou melhor, sinto na pele o fenômeno da sociedade de desempenho, presente em diversas camadas da sociedade e, sobretudo na escola onde leciono. nesse sentido, nosso projeto de pesquisa tem como objetivo colocar o estudante no centro da investigação, analisando se eles percebem a sociedade de desempenho e como o ensino de filosofia pode mediar uma reflexão sobre como lidar com ela, bem como sobre a relação entre esse conceito e a BNCC. Para atingir tais objetivos, realizaremos uma pesquisa de cunho qualitativa, fazendo uso do método da pesquisa-ação a ser realizada em uma escola pública estadual de Juazeiro do Norte, Ceará. Os participantes serão estudantes do segundo ano do Ensino Médio, fazendo uso das aulas que têm como tema o trabalho.

Nesse sentido, a escola torna-se também um locus privilegiado para a análise das implicações subjetivas dessa nova forma de poder, que configura a relação entre o sujeito e seus próprios limites, potencialidades e fragilidades.

2.4 A Filosofia e o Potencial de Interrupção Crítica: A Metodologia de Sílvia Gallo

Frente a esse cenário de pressão e autocobrança, a filosofia tem sido apontada como uma disciplina capaz de promover a reflexão crítica e oferecer modos alternativos de existência dentro do contexto educacional. A partir da proposta epistemológica e pedagógica de Sílvia Gallo, o ensino da Filosofia ultrapassa a mera transmissão de conteúdos conceituais para instaurar uma prática que privilegia o diálogo, a problematização e o exercício do pensamento crítico.

Gallo (2010, 2014) recomenda que a filosofia escolar possibilite ao estudante uma relação questionadora não apenas com o conhecimento, mas também com as formas de vida, os valores vigentes e as condições nas quais vive sua experiência existencial. Este modo de ensino convida o aluno a refletir sobre as estruturas que o condicionam e os discursos que o moldam, constituindo uma interrupção nos ciclos de produtividade e eficiência que caracterizam a sociedade contemporânea.

Esta abordagem reflete a necessidade de criar espaços onde o jovem possa se distanciar da lógica de desempenho e explorar aspectos essenciais da existência humana, como o sentido da liberdade, a dimensão ética das escolhas, o tempo e a finitude. Assim, a filosofia atua como um contraponto à cultura da imediatividade, do resultado e da utilidade imediata, abrindo possibilidades para uma outra forma de subjetivação, menos marcada pela pressão pela performance.

No contexto deste estudo, as oficinas artístico-filosóficas baseadas na metodologia de Gallo visam exatamente este movimento de problematização e autodesvelamento, buscando oferecer aos estudantes instrumentos para pensar seu lugar na sociedade de desempenho com distanciamento crítico. Em diálogo com Sílvio Gallo, compreende-se a aula de Filosofia não como mera transmissão de conteúdos, mas como oficina de pensamento, espaço de criação conceitual, experimentação sensível e elaboração crítica. Sob essa perspectiva, a experiência filosófica pode funcionar como interrupção da temporalidade produtivista, reabilitando atenção, contemplação e escuta. Não se trata de uma metodologia universal como a projetada na modernidade por Comenius. Para Gallo, a ideia de metodologia como algo capaz de ensinar qualquer coisa (tudo) a qualquer um (todos) não passa de uma utopia da modernidade (Gallo, 2012). O ensino de filosofia, para Gallo, trata-se de possibilitar a relação do aluno com o aprendizado de maneira própria:

Em outras palavras, não se aprende por imitação, mas inventando sua própria maneira de relacionar-se com os signos. As implicações disso para o ensino e o aprendizado da filosofia são inúmeras e procuraremos desenvolver algumas delas adiante. Por ora, fiquemos neste paralelo: assim como aprender a nadar não é fazer como, o mesmo pode ser dito do aprender a pensar. Não aprendemos a pensar imitando o outro um professor de filosofia, por exemplo, mas inventando nossa própria maneira de nos relacionarmos com os signos do pensamento. (Gallo, 2012 p.89).

A proposta de Gallo toma a aula de filosofia como oficina de conceitos, reconhecendo que o aluno de ensino médio pode ter experiências do pensamento. Nesse sentido, na aula de filosofia, o aluno precisa ser um pouco filósofo, mesmo que fora do ensino médio ele não venha se tornar um filósofo profissional. Para isso, as principais ferramentas que o professor deve

dispor para os alunos são os problemas. Os problemas são o motor do pensamento. Para Gallo, os problemas são como bússola que desbravou as matas da diversidade do pensamento. Contudo os problemas precisam ter significação existencial para o aluno.

3. VITA CONTEMPLATIVA E ENSINO DE FILOSOFIA COMO EXPERIÊNCIA DE PENSAMENTO: FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS E PROPOSTA METODOLÓGICA

Se a seção anterior buscou entender como os jovens vivem hoje as pressões da sociedade do desempenho, com base nas ideias do filósofo Byung-Chul Han, agora é hora de trazer a pesquisa para dentro da escola, para o campo da educação. O diagnóstico feito por Han ajuda a compreender as dificuldades que os estudantes enfrentam, mas ele não dá sozinho as respostas sobre como ensinar. Por isso, precisamos de uma referência que junte reflexão filosófica, prática pedagógica e ação didática dentro da escola pública.

É aí que entra a proposta de ensino criada por Sílvio Gallo, que é fundamental para este estudo. Para Gallo, ensinar Filosofia é muito mais do que passar a história das ideias ou mostrar as doutrinas dos grandes pensadores. Ele propõe que a aula de Filosofia seja um espaço para pensar a experiência, criar conceitos e filosofar juntos, ou seja, para produzir pensamento e não só repetir conhecimentos já prontos.

Essa ideia é muito importante para o que essa pesquisa quer fazer. A sociedade do desempenho quer que tudo seja útil, eficiente e produtivo, mas a Filosofia pode ser um lugar para parar um pouco com essa lógica, dando tempo para ouvir, pensar, criar e refletir. Não é para dizer que a escola e o currículo estão errados, mas para aproveitar o que o ensino de Filosofia pode oferecer de diferente, ajudando os estudantes a criticar a forma como se veem e veem o mundo.

A escolha do método de Gallo não foi só porque ele é um dos nomes mais relevantes no ensino de Filosofia no Brasil, mas também porque sua visão de pensar como criação de conceitos bate com o que esta pesquisa pretende. Para ele, o ensino deve partir dos problemas reais que os estudantes vivem, e não apenas de conteúdos que precisam ser decorados. Os conceitos filosóficos passam a ser ferramentas para entender a vida e a realidade dos alunos, e não só objetos de estudos teóricos.

Esse jeito de ensinar é parecido com o que foi feito nesta pesquisa. As oficinas filosóficas durante a intervenção não tinham o objetivo de mostrar teorias prontas nem de avaliar se os alunos aprenderam tal conteúdo. O que se buscou foi criar um espaço para que eles pudessem pensar e falar sobre o que sentem em relação ao cansaço, à cobrança e ao tempo apertado que vivem na escola, usando a Filosofia como uma forma de expressar e refletir sobre essas experiências.

Assim, Han e Gallo têm papéis diferentes, mas que se complementam aqui. Han nos dá os conceitos para entender como a pressão pela produtividade molda os sujeitos hoje, e Gallo oferece a base pedagógica para construir as oficinas e propor intervenções na escola. O diálogo entre os dois não quer juntar tudo numa visão só, mas criar uma ponte entre o diagnóstico social e a prática do ensino de Filosofia no Ensino Médio.

É com essa ideia que este capítulo vai apresentar os principais pontos da metodologia de Gallo, discutindo o que torna o ensino de Filosofia uma experiência de pensar, como a criação de conceitos funciona como aprendizado, e como as oficinas filosóficas servem para refletir sobre a realidade da escola. Essas reflexões vão ajudar a basear a metodologia utilizada e a analisar as atividades feitas com os estudantes nos próximos capítulos.

3.1 O ensino de Filosofia como experiência de pensamento a partir da metodologia de Sílvio Gallo

Responder aos desafios que a sociedade contemporânea impõe à formação escolar exige antes de mais nada refletir sobre o que é de fato o ensino de Filosofia. Tradicionalmente, essa disciplina esteve associada principalmente à transmissão da história do pensamento e à exposição sistematizada das ideias filosóficas clássicas. Embora o conhecimento da tradição seja indispensável, essa concepção aumenta o risco de reduzir o ensino a um processo de memorização e repetição, afastando-o de sua verdadeira natureza investigativa e reflexiva.

É nesse sentido que a proposta metodológica de Sílvio Gallo assume papel decisivo. Inspirado por autores como Gilles Deleuze e Félix Guattari para quem a filosofia se define pela criação de conceitos (Deleuze; Guattari, 2010) Gallo entende o ensino de Filosofia como uma experiência que deve colocar o estudante em contato com o pensar em sua dimensão criativa e problemática (Gallo, 2012; 2014). Segundo ele, o papel do ensino filosófico é criar condições para que os estudantes não apenas assimilem conteúdos, mas formulem problemas, construam argumentos, elaborem conceitos e interpretem criticamente a realidade em que estão inseridos.

Esse deslocamento de paradigma implica, também, uma transformação no papel do professor. Ele deixa de ser somente um “transmissor” de saberes para ser um mediador das experiências do pensamento, responsável por organizar situações pedagógicas que estimulem a problematização, o diálogo e a construção coletiva de sentidos (GALLO, 2012, p. 89). Nesse processo, os conceitos filosóficos deixam de ser respostas prontas para se tornarem instrumentos vivos que possibilitam novas interpretações e confrontações com a realidade.

Para Gallo (2014, p. 74), os problemas são a “bússola” do pensamento: devem ter

significado existencial para os estudantes, conectando assim o ensino à experiência concreta vivida por eles. Dessa forma, aprender Filosofia não é imitar ou repetir o pensamento de Platão, Kant ou Nietzsche, mas criar modos próprios de pensar a partir dos conceitos trazidos por esses autores.

Essa concepção dialoga de forma significativa com as análises de Byung-Chul Han acerca da sociedade do desempenho. Os estudantes vivenciam pressões constantes ligadas ao excesso de produtividade, autocobrança e fadiga psíquica, temas que, para Gallo, podem ser problematizados efetivamente na sala de aula a partir da metodologia da criação conceitual (Han, 2017; Gallo, 2014). Assim, o ensino de Filosofia deixa de ser um mero lugar de transmissão técnica e se torna um espaço crítico para o enfrentamento das subjetivações contemporâneas, transformando vivências cotidianas em temas filosóficos.

Outro aspecto fundamental dessa abordagem é a necessidade de tempos e espaços para a atenção, a escuta e a contemplação, dimensões que Han descreve como centrais para resistir à lógica da hiperatividade e do cansaço (Han, 2017). As oficinas filosóficas, como dispositivos pedagógicos, ampliam esse momento de reflexão e criação, afastando o aluno da simples pressa pelo resultado e propondo uma vivência mais profunda do pensamento (Gallo, 2012; 2014).

Cabe destacar que, para Gallo, aprender a pensar não é uma atividade mecânica ou universalizável; é uma criação singular do sujeito. Conforme ele destaca: “Não se aprende a pensar imitando o outro, mas inventando a própria maneira de se relacionar com os signos do pensamento. Assim como aprender a nadar não é fazer como, aprender a pensar envolve inventar seu próprio caminho” (Gallo, 2012, p. 89).

Portanto, o ensino de Filosofia, visto sob esta ótica, forma sujeitos capazes de problematizar, criticar e agir eticamente em meio às pressões da sociedade do desempenho. Gallo nos apresenta sua concepção de filosofia bastante influenciada pelos pensadores Deleuze e Guattari. A filosofia aqui é entendida como a “arte de fabricar conceitos”.

Nesse sentido, cabe esclarecer cada termo desse enunciado. Por “arte” entende-se a compreensão grega do “saber fazer” (techné). Por “fabricar” deve-se atentar ao sentido criativo que a filosofia e seu ensino devem ter. Longe de uma reprodução de ideias filosóficas, como uma entre tantas outras tarefas maçantes. Restando aqui o termo “conceito”, deve-se entendê-lo não como ideias acabadas de um determinado assunto, mas que estas ideias estão em constante formulação para “tornar visível o que está invisível aos olhos do cotidiano”¹⁰:

¹⁰ Embora esta parte esteja em aspas, não se trata de uma citação de um livro, mas faz parte de uma fala do professor Gilvanio Moreira Santos em uma palestra sobre o ensino de filosofia, este professor em dado momento estava falando sobre ensino de filosofia na perspectiva de

“[...]Deleuze e Guattari quando afirmam que o próprio da filosofia é a criação do conceito, isto é, uma apreensão, a configuração de um acontecimento, que não se confunde com o estado de coisas. (Gallo; Kohan; 2001, p. 192)

Vale lembrar que o conceito é totalmente distinto das opiniões. Na medida que aqui se define a concepção do que é filosofia deste projeto, as pistas para seu caráter prático se apresentam. Tal método de ensino de filosofia não deverá reduzir-se a mera reprodução enciclopédica de ideias filosóficas ou história da filosofia. Muito menos ser expressão de opiniões (doxas) as quais incitam “à satisfação imediata das necessidades” (Lipovetsky 2004, p. 61).

Quando se fala em opinião aqui, recorre-se a ambos os significados formulados no Dicionário de Filosofia de Nicola Abbagnano (2007): “Trata-se de um determinado conhecimento (ou crença) que não inclua garantia alguma de validade e/ou qualquer asserção ou declaração, conhecimento ou crença, que inclua ou não uma garantia de validade”. Nesse sentido, o ensino de filosofia aqui, busca algo semelhante ao pensamento de Platão, que seria extrair do aluno um conhecimento inferido por um raciocínio causal, e não apenas crenças sem fundamentos.

A proposta de ensino de filosofia aqui tem a pretensão de parar e refletir sobre a conjuntura atual, sobre o estado de coisas que em muitos momentos são tratados como naturais ou dados no cotidiano. Entre tais coisas, a sociedade de desempenho como fenômeno de uma sociedade doente em vários aspectos, mas que nessa pesquisa, se assume como preocupação filosófica.

De outra forma, o compromisso político que este projeto assume é de colocar o aluno como sujeito, investigando como ele pode através do ensino de filosofia refletir sobre a sociedade de desempenho, seu excesso de positividade e, claro, como eles percebem isso afetando a vida deles. Com a expressão “sujeito alvo”, indicasse aqui apenas a noção de que embora a pesquisa possa vislumbrar vários sujeitos (professores, funcionários da escola, comunidade escolar), em termos de delimitação da pesquisa, o aluno é o sujeito central. É a peça mais frágil da sociedade de desempenho, por estar, principalmente, numa fase de processo de formação básica.

[...] é importante, que todo jovem, ao ter contato com a filosofia, possa desenvolver experiências de pensamento, aprendendo a reconhecer e a produzir, em seu nível, conceitos, a fazer experiência da crítica e da radicalidade sobre a sua própria vida, a

desenvolver uma atitude dialógica frente ao encontro e ao mundo e, fundamentalmente, possa aprender uma atitude interrogativa frente ao mundo e a si mesmo. (Gallo; Kohan; 2001, p. 192).

Esta proposta de ensino de filosofia tem a pretensão de parar o tempo das tarefas e estender o tempo do ócio. Para que haja as experiências de pensamento, é necessário encarar a filosofia como ócio criativo. Pois, só assim, o aluno pode produzir conceitos novos, em seu nível, e refletir criticamente sobre os fenômenos de sua vida. Na proposta deste trabalho, é tratado o fenômeno da sociedade de desempenho e sua naturalização. Na prática, o professor pesquisador construirá um conjunto de propostas de aulas que objetiva que o aluno lide com a temática proposta. O ócio (otium, no latim; skholé, no grego) criativo é colocado aqui como uma pausa necessária das tarefas (trata-se da dupla negação: negar os negócios (negotium ou askholia)) e ampliação da contemplação (theoria) a fim de adquirir conhecimentos (epistemes).

Em suma, ensinar filosofia é um exercício de apelo à diversidade, ao perspectivismo que anunciava Nietzsche; é um exercício de acesso a questões fundamentais para a existência humana; é um exercício de abertura ao risco, de busca da criatividade, de um pensamento sempre fresco; é um exercício da pergunta e da desconfiança da resposta fácil. Quem não estiver disposto a tais exercícios, dificilmente encontrará prazer e êxito na aventura que é ensinar filosofia, e também aprender filosofia. (Gallo, 2012, p. 44-45).

Diante dessa concepção de ensino de filosofia, o projeto de pesquisa pretende produzir planos de aulas que contemplem as três potências do pensamento, não necessariamente nessa ordem: 1) rodas de leitura, interpretação de fragmentos do texto de Han e seu conceito de sociedade e outros autores que possam comentar sobre o assunto. Deve-se deixar claro que não se tratará apenas de uma reprodução do conceito, mas contará com o processo criativo do estudante que pode contribuir com seus argumentos sobre a questão proposta 2) rodas de apreciação artísticas e midiáticas que, por meio da sensibilidade, possuam laços reflexivos com o tema da sociedade de desempenho. No caso, é vasta a gama de possibilidades artísticas e midiáticas. Desde música, cinema, seriados, quadrinhos, tirinhas etc. 3) debates sobre estudos acadêmicos/científicos que buscam discutir a temática a partir de estudos estatísticos sobre o cansaço, sobre o trabalho e questões afins. Esta lista trata-se de afirmar o que Sílvia Gallo chama de três potências do pensamento: filosofia, arte e ciência. Estas atividades caracterizam por sua natureza criativa:

Vamos pensar: uma obra de arte, seja ela qual for, é produto de uma experiência do pensamento que o artista vivenciou e tem o potencial de despertar em outras pessoas a sensibilidade e a curiosidade, instigando-as a pensar. Da mesma forma, uma teoria científica é também um produto do pensamento de um cientista e estimula outras pessoas a refletir. A filosofia, igualmente, consiste em produzir conceitos com base em experiências do pensamento e gerar, assim, outros pensamentos. (Gallo, 2016, p. 57).

A fim de aprofundar mais a metodologia de ensino de Sílvia Gallo (entende-se essa metodologia nunca como algo engessado, mas como um conjunto de orientações que cabe ajustes definidos pelo professor), faz-se necessário apresentar os quatro passos didáticos: 1) *sensibilização*, 2) *problematização*, 3) *investigação* e 4) *conceituação*.

Para Gallo, o motor da filosofia são os problemas. Nenhum filósofo, independente de qual era seu contexto histórico, deixou de filosofar sobre algo que não fosse passível de ser indagado, questionado ou posto em algum nível de dúvida. Cabe perceber que em cada época houve questões pertinentes para aquele contexto, mas que estas questões poderiam ser atualizadas num contexto posterior.

Filosofar a partir de problemas é “fazer com que ele suscite em cada um o desejo de buscar soluções” (Gallo, 2012, p.96). Os temas filosóficos não são conteúdos dados, prontos ou absolutos, mas estão intimamente ligados aos problemas formulados em uma época. No entanto, aqui fala-se de uma prática filosófica feita numa aula do ensino básico.

Gallo, astutamente, aponta uma etapa anterior a própria problematização em sala de aula que é a sensibilização. Talvez o aluno não compreenda de imediato que os problemas que motivam a criação de conceitos na filosofia são, na verdade, problemas seus também. O momento de sensibilização possibilita que o problema filosófico abordado seja significativo para o aluno.

O mecanismo utilizado para sensibilizar o aluno é partir não diretamente pelo texto filosófico em si, mas pelo uso de um aparato artístico. Por exemplo, uma pintura, uma tirinha, uma música, uma poesia, ou seja, algo que permita que o aluno “sinta na pele” a questão posta em sala de aula. Nesse sentido, não existe conteúdo neutro em sala de aula. Todo problema possui uma relação de valor para com o aluno. Será que a *sociedade de desempenho* se refere a algo que o aluno sente no dia-a-dia? A perspectiva desta pesquisa indica que sim.

A terceira etapa diz respeito à investigação. Aqui já há abertura para trabalhar com o texto filosófico propriamente dito, desde seus grandes autores e os fragmentos de suas obras aos textos acadêmicos daqueles que comentam e pesquisam estas produções. A intenção é “buscar elementos que permitam a solução do problema” (Gallo, 2012, p.97). De acordo com Gallo, as ferramentas utilizadas para lidar com estes problemas são os conceitos criados pelos

filósofos no decorrer da história. A história aqui é revisitada não como centro do currículo, “mas como um recurso necessário para se pensar o nosso próprio tempo, nossos próprios problemas” (Idem).

Por fim, a quarta etapa equivale ao processo criativo, trata-se propriamente da fabricação de conceitos. Gallo nos ensina que na etapa da investigação encontramos os conceitos formulados pelos filósofos para lidarem com os problemas de sua época. Neste sentido, o deslocamento destes conceitos para o contexto do aluno permite uma relação autêntica e atualizada com a filosofia. Se algum destes conceitos encontrados na história da filosofia não nos permitirem solucionar os problemas formulados atualmente, ao menos nos permitem ter elementos para o aluno elaborar os seus conceitos próprios.

Um dos aspectos originais desta pesquisa é estimular que o aluno possa expressar, se não os conceitos, ao menos os problemas e os valores alternativos a estes problemas a partir de elementos artísticos. Deste modo, convidando-os a também expressarem o seu pensamento assim como os artistas apreciados na etapa de sensibilização.

3.2 Um parêntese entre filosofia e arte

O produto que resulta desta pesquisa é um catálogo de produções artístico-filosóficas, que reúne tanto uma contribuição crítica, na forma de textos escritos pelos próprios alunos, quanto uma expressão sensível, por meio de obras artísticas por eles produzidas. A seção intitulada “Um parêntese entre filosofia e arte” tem como objetivo destacar o papel dos conceitos de percepto e afeto nesse processo, complementando as reflexões anteriores sobre o ensino de Filosofia.

Com base no pensamento de Gilles Deleuze, é possível compreender a arte e a filosofia como duas atividades distintas, porém profundamente interligadas e complementares. Enquanto o produto da filosofia são os conceitos, a arte, na visão deleuziana, gera perceptos e afetos (Deleuze, 2010). Diferentemente das simples percepções, os perceptos são independentes do estado subjetivo de quem os experiencia, assim como os afetos transcendem os sentimentos pessoais, expressando uma força que atravessa e excede os indivíduos.

Deleuze explica que essas sensações, perceptos e afetos são entidades que possuem valor próprio, que existem independentemente da presença humana: “há perceptos e afetos que existem mesmo na ausência do homem, porque aquele homem, fixado na pedra, na tela ou nas palavras, é ele próprio um composto desses perceptos e afetos” (Deleuze, 2010, p. 194). A obra de arte, portanto, é um ser de sensação autoexistente, que carrega em si mesma essa potência singular.

Essa ênfase na noção de perceptos e afetos é particularmente importante para este trabalho porque reconhecemos que a experiência artística não precisa ser perfeita ou sofisticada para ter valor. Isso permite incluir a participação de alunos em formação no ensino básico, que não necessariamente desejam se tornar artistas profissionais ou filósofos de carreira, mas que conseguem expressar algo significativo para além de si mesmos – seja através de um desenho, uma poesia ou outra forma artística. A arte produzida por eles não é mera percepção pessoal, mas algo que se torna vivo e contundente na própria obra.

Nesse sentido, perguntamo-nos: quais sensações, quais percepções carregam força e independência no contexto da sociedade do desempenho? Quais são os perceptos e afetos que emergem das experiências dos estudantes? Uma resposta preliminar que encontramos é que as aulas deram espaço para que os alunos manifestassem o que Deleuze chama de “bloco de sensações, um puro ser de sensações” (Deleuze, 2010, p. 197), ou seja, uma força autônoma que existe para além das subjetividades individuais.

O catálogo resultante do trabalho dos estudantes pode ser comparado a um monumento, tal como descrito por Deleuze: “Toda obra de arte é um monumento, mas o monumento não é aqui o que comemora um passado, é um bloco de sensações presentes que só devem a si mesmas sua própria conservação, e dão ao acontecimento o composto que o celebra. O ato do monumento não é a memória, mas a fabulação. Não se escreve com lembranças de infância, mas por blocos de infância que são devires-criança do presente” (Deleuze, 2010, p. 198).

Assim, a ideia de monumento ultrapassa a simples representação; ela é uma força criadora e transformadora. O aluno, por meio de sua obra artística, não replica apenas algo que aprendeu, mas sua criação se torna um motor para refletir e transformar o que está sendo celebrado em sua arte. Dessa forma, nosso estudo entende que o catálogo de produções artístico-filosóficas constitui uma presença viva e potente, capaz de dar voz e forma às experiências e reflexões dos alunos, inserindo a arte como parte essencial da prática filosófica e pedagógica.

3.3 A pedagogia do ver e as oficinas filosóficas: entre contemplação e criação de conceitos

Embora Byung-Chul Han não desenvolva diretamente uma teoria para o ensino de Filosofia nem proponha uma metodologia pedagógica específica, suas reflexões sobre a sociedade contemporânea oferecem elementos fundamentais para pensarmos as condições em que o pensamento pode verdadeiramente acontecer. Entre esses elementos, destaca-se a noção de “pedagogia do ver”, apresentada em *Sociedade do Cansaço*, conceito pelo qual Han indica possibilidades éticas de resistência à lógica da hiperatividade e da produtividade incessante.

Ao comentar uma passagem de *Crepúsculo dos Ídolos*, de Nietzsche, Han afirma que toda formação passa por três aprendizagens essenciais: aprender a ver, aprender a pensar e aprender a falar e escrever (Han, 2017). Essas aprendizagens não consistem apenas em adquirir habilidades técnicas, mas configuram exercícios profundos para a formação da atenção. Aprender a ver implica desenvolver a capacidade de interromper reações automáticas, cultivar a paciência e permitir que as experiências sejam realmente pensadas antes de se tornarem respostas imediatas.

Nessa linha, Han interpreta a contemplação como uma forma específica de atividade intelectual, que vai muito além da passividade ou da improdutividade. Contemplar é exercer uma atenção profunda, capaz de resistir à dispersão provocada pelo excesso de estímulos característicos da sociedade do desempenho. O autor ressalta que a ausência dessa capacidade compromete o próprio exercício do pensar, pois sujeitos permanentemente ocupados tendem a reagir sem compreender verdadeiramente os problemas que enfrentam.

Essa reflexão é vital para entendermos que o ensino de Filosofia não pode se limitar à mera aquisição de conceitos ou conteúdos. Filosofar exige também a criação de condições temporais e afetivas que favoreçam o exercício do pensamento. Ler atentamente um texto, sustentar uma dúvida, escutar argumentos divergentes, formular perguntas e elaborar conceitos são práticas que educam a atenção e instauram um tempo qualitativamente distinto daquele orientado pela produtividade imediata.

É justamente nesse ponto que as contribuições de Han e Gallo se cruzam, embora partindo de preocupações filosóficas diversas. Ambos reconhecem que pensar implica a suspensão da resposta automática e imediata. Han descreve essa necessidade no âmbito da contemplação e da pedagogia do ver; Gallo traduz pedagogicamente essa experiência por meio das oficinas filosóficas, concebidas como espaços de problematização, de investigação e de criação conceitual.

As oficinas filosóficas desenvolvidas neste estudo partem dessa aproximação teórica. Mais do que simples técnicas de ensino, elas se configuram como dispositivos pedagógicos voltados para a criação de experiências efetivas do pensamento. Ao articular leitura, diálogo, escrita, produção artística e reflexão coletiva, buscam instaurar na escola tempos de atenção e elaboração conceitual que possibilitem aos estudantes interpretar criticamente suas vivências relativas ao desempenho, à autocobrança e à produtividade.

Sob essa perspectiva, a Filosofia não se apresenta como refúgio ou fuga das exigências da vida escolar, mas como possibilidade de compreendê-las de maneira mais rigorosa e consciente. A contemplação, na acepção desenvolvida por Han, não implica recusa da ação, mas condição para uma ação mais autônoma e reflexiva. De modo semelhante, as oficinas filosóficas não suspendem a aprendizagem; ao contrário, elas a reorganizam em torno do exercício do pensamento, favorecendo a formação de sujeitos capazes de questionar e interrogar criticamente as racionalidades que permeiam sua experiência escolar.

3.4 A Reforma do Ensino Médio, sua relação com a sociedade de desempenho e a possibilidade interruptiva da filosofia

Como indica o título dessa seção, não pretende-se recapitular a história do ensino de filosofia no Brasil desde o período colonial até os dias de hoje. No entanto, não podemos ignorar que, atualmente, as bases curriculares do ensino estão no momento de transição importantes. Entre estas transições encontra-se a questão da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que já vigorava desde o princípio da produção do projeto desta pesquisa e foi amparada pela Reforma do Ensino Médio. O objetivo desta seção é que, a partir do entendimento das mudanças curriculares e das leis que as justificam, seja possível traçar conexões entre o modo de ensino proposto pela BNCC e a sociedade de desempenho.

Como dito antes, a BNCC se caracteriza pelo tratamento da filosofia não mais como uma disciplina, e sim apenas como um componente da área de ciências humanas e sociais aplicadas. Para a perspectiva de ensino desta pesquisa, a redução da filosofia a um mero componente pode ser fatal à compreensão de ensino de filosofia adotado aqui. Deve-se lembrar da filosofia como a “arte de criar conceitos”, mas nesta perspectiva da BNCC a filosofia é diluída no desenvolvimento de competências e habilidades:

Ao longo da Educação Básica, as aprendizagens essenciais definidas na BNCC devem concorrer para assegurar aos estudantes o desenvolvimento de dez competências gerais, que consubstanciam, no âmbito pedagógico, os direitos de aprendizagem e desenvolvimento. Na BNCC, competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho. (BRASIL, 2017, p. 8).

De início, uma relação que se pode estabelecer entre a BNCC e a sociedade de desempenho é o excesso de positividade, a tentativa de colocar o indivíduo como responsável pelo seu desempenho e como empreendedor de si. Quando um trabalhador que presta um serviço a partir de um aplicativo (seja de entregas, como motorista e afins) e a ideologia neoliberal o convence de que ele é um empreendedor, deve-se notar o grau de precarização de seu trabalho ao qual ele está se submetendo. Pois, se ele é empreendedor de si, ele deve garantir o sucesso de seu trabalho e sua seguridade, assim tornando-se passivo ao ataque (ou negação) que há sobre os seus direitos. Com ajuda da pesquisa de Silvia Regina Macario dos Santos, é possível estabelecer uma semelhança entre o exemplo do trabalhador acima e o estudante do “novo” Ensino Médio.

Se analisarmos profundamente as competências gerais, descritas no ANEXO-A, iremos notar como as mesmas são necessárias para a formação de uma boa mão de obra ou força de trabalho e o mais importante, um trabalhador extremamente passivo em relação a seus direitos, ou seja, esse projeto (novo Ensino Médio) está totalmente alinhado aos interesses da classe dominante. Trazendo Marx para nosso debate, o que temos nessa reforma é um projeto de educação para a classe trabalhadora, editada pelos donos dos meios de produção. (Santos, 2024, p.40).

A citação a seguir ilustra a cultura da valorização *self-made man* que está presente na BNCC, isto se reflete também como forma de excesso de positividade que coloca para os sujeitos da sociedade de desempenho.

Proporcionar uma cultura favorável ao desenvolvimento de atitudes, capacidades e valores que promovam o empreendedorismo (criatividade, inovação, organização, planejamento, responsabilidade, liderança, colaboração, visão de futuro, assunção de riscos, resiliência e curiosidade científica, entre outros), entendido como competência essencial ao desenvolvimento pessoal, à cidadania ativa, à inclusão social e à empregabilidade (BRASIL, 2017, p.466).

No texto da própria BNCC, vai demonstrar também Silvia Regina Macario dos Santos, são estimulados valores que promovam o empreendedorismo. O que isso significa na prática? A educação coloca o aluno sempre na postura de um suposto protagonista de sua formação. Na verdade, o que há são mecanismos sutis de uma penetração cada vez maior da lógica neoliberal, que por sua vez, é a lógica presente na sociedade de desempenho apontada por Byung-Chul

Han.

Vale ressaltar que, para Han, o sujeito inserido na sociedade de desempenho acaba na condição de carrasco e vítima de suas crenças, em sua aparente liberdade e aparente protagonismo. O estudante de nível médio que se depara com a lógica da BNCC, muitas vezes sem perceber, assume os mesmos riscos.

O sujeito de desempenho está livre da instância de domínio exterior que o obrigue ao trabalho e o explore. Está submetido apenas a si próprio. Mas a supressão da instância de domínio externa não elimina a estrutura de coação. Ela, antes, unifica liberdade e coação. O sujeito de desempenho acaba entregando-se à coação livre a fim de maximizar seu desempenho. Assim ele explora a si mesmo. Ele é o explorador e ao mesmo tempo o explorado, o algoz e a vítima, o senhor e o escravo. O sistema capitalista mudou o registro da exploração estranha para a exploração própria, a fim de acelerar o processo. (Han, 2017a, p.105).

A fim de ilustrar melhor a ideia de que “o sujeito de desempenho está livre da instância de domínio exterior...”, apontemos como a Lei nº 13.415/2017 organizou a carga horária do estudante em nome de “mais liberdade”. A carga horária obrigatória no ensino regular chegou a ser de 1.800 horas para componentes curriculares (Formação Geral Básica), previstos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e 1.200 horas para itinerários formativos. Deve-se destacar que somente Língua Portuguesa e Matemática deveriam estar presentes em todos os anos do Ensino Médio. A Filosofia é vista apenas como uma forma de desenvolver competências e habilidades específicas da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Nesse sentido, o aluno acaba por ser o “senhor” da sua formação e apenas duas disciplinas representam uma grade externa da sua formação.

Na prática, de acordo com o que eu observei na rotina escolar, o que ocorria era apenas o enxugamento das disciplinas e a inserção de eletivas para os itinerários formativos. Estas eletivas nem sempre condiziam aos interesses e necessidades dos alunos. O que gerou bastante insatisfação, mas ao mesmo tempo a ansiedade de ter que cumprir com o currículo escolar e seus múltiplos estímulos. Um dos elementos da sociedade de desempenho é o estado de alerta, a necessidade que o sujeito se coloca para dar conta de tudo, uma vez que aparentemente as eletivas foram escolhas autônomas.

O excesso de positividade se manifesta também como excesso de estímulos, informações e impulsos. Modifica radicalmente a estrutura e economia da atenção. Com isso se fragmenta e destrói a atenção. Também a crescente sobrecarga de trabalho torna necessária uma técnica específica relacionada ao tempo e à atenção, que tem efeitos novamente na estrutura da atenção. A técnica temporal e de atenção multitasking (multitarefa) não representa nenhum progresso civilizatório. (Han, 2017a, p.31).

Atualmente, a BNCC está num processo de transição com a Lei de nº 14.945/2024. A

Carga horária obrigatória do ensino regular passou a ter 2.400 horas para componentes curriculares (Formação Geral Básica), previstos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e 600 horas para itinerários formativos. Componentes curriculares: Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Artes, Educação Física, Matemática, Ciências da Natureza (Biologia, Física e Química) e Ciências Humanas (Filosofia, Geografia, História e Sociologia), em todos os anos do Ensino Médio. Língua Espanhola opcional. Esta mudança ameniza alguns dos problemas abordados nesta seção, porém um longo caminho ainda deve ser percorrido para sanar as problemáticas apresentadas.

4. PERCURSO METODOLÓGICO

A metodologia segue uma abordagem qualitativa, ou seja, os resultados da nossa pesquisa constituíram-se a partir da análise de conceitos, atualização dos mesmos e sua aplicação em sala de aula. A saber, as palavras-chave são *sociedade de desempenho*, *ensino de filosofia*, *criatividade* e *oficina artístico-filosófica*. Cabe ressaltar que uma das características mais marcantes da pesquisa qualitativa é a ênfase no subjetivo. Para compreender isso, é necessário observar que as palavras-chave destacadas acima referem-se, sobretudo, à dimensão humana - e que o fenômeno humano não se encaixa em uma categoria homogênea, logo, envolve complexidade, pois, o humano é um ser plural, heterogêneo e cheio de singularidades, as quais uma perspectiva quantitativa, pretensamente neutra e beirando um cientificismo positivista, não é capaz de abarcar.

Os fenômenos sociais, as formas de ensinar/aprender e a criatividade possuem nuances que só uma pesquisa qualitativa pode entranhar, neste caso, investigou aquilo que foi mais significativo para o aluno que, a partir das aulas de filosofia, parou para refletir sobre a *sociedade de desempenho*.

Assim, a pesquisa se caracteriza como qualitativa, também pelo interesse no processo, em detrimento do produto (Bogdan e Biklen (1994). Ainda sobre as características de uma pesquisa qualitativa, Alves (2011) nos diz que:

Nesse sentido, além de não existir a neutralidade, inexiste a —conclusão pronta e acabada, mas uma —construção de resultados, uma vez que as compreensões nunca serão definitivas, mesmo seguindo o rigor do método a ser utilizado, dois pesquisadores de um mesmo fenômeno compreendem de forma diferenciada. (Alves, 2011, p.29).

O método escolhido foi a pesquisa-ação que, segundo Alves (2011), caracteriza-se por: 1) a união entre pesquisa e ação, 2) o caráter coletivo, 3) o envolvimento do pesquisador e dos pesquisados, 4) ação que visa uma transformação e 5) ação planejada. Primeiramente, pode-se considerar que a pesquisa se desenvolve simultaneamente à prática de sala de aula. Em relação à segunda e terceira característica, a pesquisa foi feita de forma coletiva e colaborativa com ampla participação dos estudantes e professor, reconhecendo a justificativa pessoal e social da pesquisa. Em seguida, evidenciamos na busca de uma transformação, ou ao menos, de alternativas éticas/existenciais para lidar com a realidade social, formulada aqui pelo conceito de *sociedade de desempenho*. Por fim, essa investigação traz em seu roteiro de aulas e propostas de ações como o convite aos alunos para a criação de conceitos e a produção artística/criativa.

A pesquisa-ação é uma pesquisa na qual há uma ampla e —interação entre pesquisadores e as pessoas implicadas na situação investigada; partindo desta interação é que vai resultar a —ordem de prioridade dos problemas a serem pesquisados e das soluções a serem encaminhadas sob forma de ação concreta; a situação social e os problemas de diferentes naturezas nela encontradas vão constituir o objeto de investigação da pesquisa que terá como resolver ou, pelo menos, em esclarecer os problemas da situação observada; durante o processo todas as decisões, as ações e toda a atividade intencional dos atores da situação passam por um acompanhamento e, por último, a pesquisa não se limita a uma forma de ação apenas, pois há uma pretensão de —aumentar o conhecimento dos pesquisadores e o conhecimento ou o nível de consciência das pessoas e grupos considerados. (Alves, 2011, p. 36).

Em consonância ao método de pesquisa ação, aplicamos quatro etapas de ensino de filosofia baseada no pensamento de Sílvio Gallo. A saber, as etapas são sensibilização, problematização, investigação e conceituação. Uma ou mais etapas podem estar presentes em cada aula.

O lócus da pesquisa foi uma escola pública estadual do município de Juazeiro do Norte, é uma das maiores da região do Cariri Cearense, não apenas em termos de quantidade de alunos, mas em termos de variedade regional, pois muitos são os que saem de cidades vizinhas e de outros estados atraídos por ser considerada uma escola modelo. Os participantes foram estudantes do 2º ano do Ensino Médio da referida instituição, de duas turmas.

Quanto aos procedimentos de coleta das informações, realizamos as ações que foram as aulas da sequência, para ao, final, chegar à coleta propriamente dita:

- a) Uma sequência didática de quatro aulas de filosofia envolvendo a temática “Trabalho e ética na sociedade contemporânea”. Como se trata de um tema bem delimitado, é importante salientar que o tópico trabalho deve ser antecipado pelos seguintes subtópicos: 1) O que é trabalho? 2) A questão do ócio; 3) Trabalho e desumanização; 4) Trabalho e controle na contemporaneidade. O tema *sociedade de desempenho* não será apenas lançado de qualquer maneira em sala de aula, mas que haverá todo um processo que permitirá alicerçar uma base teórica ao aluno que irá lidar com essa temática.

Os planos de aula foram feitos respeitando cada etapa da metodologia de ensino de filosofia mencionada anteriormente. Por fim, trazemos também o relato dos resultados alcançados na produção de conceitos e artes por parte dos próprios alunos. A pretensão aqui foi investigar como os estudantes perceberam a *sociedade do desempenho* a partir das aulas de filosofia. Foram ministradas quatro aulas no semestre em todas as salas regulares do segundo ano do nível médio. As aulas ocorreram na perspectiva de ensino de Sílvio Gallo, a qual cada aula pode se utilizar de uma ou mais etapas (a primeira aula, por exemplo, se utilizou dos passos

de *sensibilização e problematização*).

Vale ressaltar que a sequência didática não foi elaborada de forma deslocada do plano anual já previsto pelo currículo do segundo ano. Nesse sentido, esclarecem-se aqui quais foram os subtópicos trabalhados antes de chegarmos ao tema da sociedade de desempenho propriamente dito. São eles: 1) O que é trabalho? 2) A questão do ócio; 3) Trabalho e desumanização; 4) Trabalho e controle na contemporaneidade.

Em breves palavras, no subtópico 1, abordou-se a tentativa de definir "trabalho", perpassando o senso comum, a etimologia (*tripalium*), o significado em dicionários atuais ("esforço incomum", "luta") e conceitos filosóficos que vinculam uma essência do trabalho à essência humana (Aristóteles, Marx, Locke).

No subtópico 2, o tema do trabalho foi analisado em seu sentido de valor ao ser contrastado com as atividades do ócio. Foi visto como o ócio, na cultura grega, era a expressão da dignidade e da liberdade de certos indivíduos privilegiados (cidadãos atenienses, por exemplo), enquanto os trabalhos físicos eram vistos como penitência (*ponos*) cruel destinada às pessoas consideradas inferiores (escravos, mulheres, estrangeiros). Neste subtópico, também foi abordada a ressignificação desses valores a partir da modernidade, principalmente com as figuras do pensamento iluminista que, "ao mesmo tempo que rebaixavam o repouso e o ócio, inauguravam um discurso cada vez mais frequente sobre a dignidade do trabalho" (Denis Diderot, Jean le Rond d'Alembert).

No subtópico 3, foi abordado o tema do trabalho a partir da pesquisa dos teóricos que vivenciaram a consolidação do capitalismo e o labor predominante no ambiente industrial. Foram estudados pensadores como Karl Marx (socialista), com temas como ideologia burguesa, alienação do trabalho e reificação; e Adam Smith (liberal), que exaltava o labor e a produtividade por meio da divisão e especialização do trabalho, mas que também demonstrava preocupação com a desregulação das relações trabalhistas e os efeitos danosos ao corpo e à mente como consequência do trabalho extremamente dividido e realizado em condições desiguais.

Por fim, no subtópico 4, examinou-se o tema do trabalho contextualizado na contemporaneidade. Embora se trate da contemporaneidade, não foi analisado o modelo de desempenho descrito por Byung-Chul Han (século XXI), mas sim os modelos de trabalho ligados à disciplina e ao controle descritos pela filósofa Hannah Arendt e por Michel Foucault (ambos viveram no século XX). Hannah Arendt tratou da questão de como as inovações tecnológicas substituem o ritmo natural do corpo pelo ritmo mecânico. Michel Foucault discutiu

como instituições disciplinares, como fábricas e escolas, moldam os indivíduos por meio da vigilância e da punição dos corpos.

A intenção dos parágrafos anteriores foi demonstrar que o tema da sociedade de desempenho não foi simplesmente apresentado de qualquer maneira em sala de aula, mas que houve todo um processo que permitiu alicerçar uma base teórica para o aluno lidar com o tema central de nossa pesquisa. Todas essas aulas seguem a mesma referência bibliográfica do livro didático utilizado na sequência da pesquisa.

b) Após a execução da sequência, fizemos um questionário (APÊNDICE E) para estabelecermos qual foi a relação que eles construíram em relação à temática estudada (sociedade de desempenho).

As análises foram realizadas com base na análise temática proposta por Minayo (2008).

Especificamente, a Análise do Conteúdo, que pode estabelecer a criação de significados através das respostas coletadas. Para Minayo, o discurso não seria um produto acabado e que haveria a possibilidade de capturas de significados para além da proposição em si. Ampliando essa ideia, Bardin explica a natureza da análise de conteúdo como algo não pronto, mas como algo que pode ser construído e reinventado a todo momento:

A análise de conteúdo (seria melhor falar de análises de conteúdo) é um método muito empírico, dependente do tipo de "fala" a que se dedica e do tipo de interpretação que se pretende como objetivo. Não existe coisa pronta em análise de conteúdo, mas somente algumas regras de base, por vezes dificilmente transponíveis. A técnica de análise de conteúdo adequada ao domínio e ao objetivo pretendidos tem de ser reinventada a cada momento, exceto para usos simples e generalizados, como é o caso do escrutínio próximo da decodificação e de respostas a perguntas abertas de questionários cujo conteúdo é avaliado rapidamente. (Bardin, 2016, p.36).

O método acima opera nas seguintes etapas: 1) Estabelecimento do *Corpus* ou *Corpi*, isto é, a delimitação do número das questões (a nossa pesquisa optou por um número de 7 questões para não ser uma coisa extenuante para o aluno), bem como as suas formulações. Além disso, estabeleceremos os números de participantes a se submeterem ao processo. No caso da nossa pesquisa, participaram alunos (somente voluntários) de duas turmas as quais as aulas sobre o tema *sociedade de desempenho* foram ministradas. Cabe ressaltar aqui que a qualidade da análise substitui a quantidade do material (uma vez que a aula foi ministrada em todas as salas do segundo ano nas quais o professor está lotado).

A temática central do questionário girou em torno da compreensão que os alunos possuem da *sociedade de desempenho*. 2) Preparação do material: neste momento a pesquisa tratou cada resposta do questionário como uma unidade básica, havendo uma leitura exaustiva de cada uma delas com espaço para ponderações, anotações e informações extras. 3) Análise

propriamente do conteúdo.

Segundo Maia, para a pesquisa cumprir com na terceira etapa é necessário executar os seguintes momentos:

DESCRIÇÃO: apresenta os relatos de modo fiel - apenas apresenta a transcrição dos relatos em tabelas ou quadros; ANÁLISE: agrupa os relatos buscando relações entre as partes - organiza e categoriza os relatos por meio de uma técnica (por exemplo, análise de conteúdo); INTERPRETAÇÃO: buscar o sentido dos relatos; evidencia a sua compreensão - relaciona tais categorias com a literatura para responder o problema de pesquisa. (Maia, 2020, p. 35)

Ressaltamos que o instrumental de análise (APÊNDICE F) cujo material compõe a seção analítica das informações desta pesquisa, foi criado com base no questionário aplicado:

Quadro 2 – Instrumental de análise

Questão:		
CATEGORIA TEMÁTICA	SUBCATEGORIA	TRANSCRIÇÃO
A categoria emerge das perguntas do questionário elaborado para os participantes	São palavras ou expressões, elaboradas a partir das respostas transcritas, oriundas do questionário dos estudantes,	Transcrição literal das respostas dos participantes para cada questão

Fonte: Elaboração própria, 2026

Quanto aos procedimentos éticos, a nossa pesquisa seguiu às orientações das Resoluções do CNS/Ministério da Saúde, Nº 466, de 12 de dezembro de 2012 e Nº 510, de 7 de abril de 2016. O Art. 1º da Resolução 510 dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana, na forma definida nesta Resolução.

O projeto foi submetido ao Comitê de Ética para Pesquisa em Seres Humanos e aprovado, parecer de número 8.272.497. Ressalta-se que buscamos assegurar a confidencialidade das informações, em que todos os participantes foram convidados a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE C) e o Termo de Assentimento Livre Esclarecido (APÊNDICE D). Também coletamos a anuência da Instituição para a realização da pesquisa (APÊNDICE B).

4.1 Descrição do produto técnico tecnológico

Conforme destacado no documento da área de ensino da CAPES, “os cursos de Mestrado e Doutorado profissionais formam pesquisadores cujas investigações se concentram em práticas, processos e produtos que possam ser disseminados nas escolas brasileiras, com o objetivo de qualificar o ensino no País” (Brasil, 2019, p.16).

Dessa forma, uma das características fundamentais dos mestrados profissionais é a criação de um produto, que está diretamente relacionado à dissertação, tendo como propósito resolver um problema específico em sala de aula, algo que possa ser utilizado pelo professor com seus alunos, proporcionando uma melhor aprendizagem (Batalha, 2019).

Barra e Barreira (2021) afirmam que o produto deve “[...] estabelecer uma interface entre a reflexão filosófica e a prática docente – algo essencial para os mestrados profissionais voltados à formação de professores da Educação Básica” (p.144).

Diante disso, apresentamos a proposta do nosso produto, que consiste na criação de um acervo que servirá de suporte ao professor em suas aulas de Filosofia. Para a construção do produto, partimos primeiramente das aulas que realizaremos e das produções dos estudantes.

No ano de 2018, a CAPES instituiu um Grupo de Trabalho que visava o “desenvolvimento de uma metodologia de avaliação da produção Técnica e Tecnológica, a qual deverá ser aplicável a todas as áreas de avaliação” (Brasil, 2019), a fim de aprimorar o sistema de avaliação da pós-graduação brasileira. Assim, o GT buscou identificar todos os produtos das 49 áreas de avaliação, identificando as particularidades de cada área o que resultou em uma listagem composta por 23 diferentes Produtos organizados em eixos. No tipo *produto de editoração*, está o subtipo: *Organização de livro, catálogo, coletânea e enciclopédia* (Brasil, 2019, p.17), no qual se insere a proposta desse trabalho que prevê a construção de um produto de editoração, especificamente na produção de um catálogo de produções artístico-filosóficas, feito coletivamente pelos alunos em sala de aula. Trata-se de um catálogo que contará com pinturas, desenhos, tirinhas, poemas, contos, entre outras produções artísticas que representam características da sociedade de desempenho. Tais características incluem o cansaço, o excesso de estímulos, a multitarefa (*multitasking*), a autoexploração, a ideia de “chefe de si mesmo” (*self-made man*), o *burnout*, entre outras.

Esse catálogo nos servirá de suporte para ministrar aulas de Filosofia. Inspirada nos livros didáticos que não possuem apenas o texto cru do conteúdo, mas que vez ou outra incluem ilustrações com as mais variadas expressões, e pela ideia de Sílvia Gallo sobre oficina de conceitos, nossa pesquisa optou por uma oficina artístico-filosófica. Há, neste ponto, a crença

em, se não uma originalidade, uma autenticidade do produto.

Imagem 1 – Capa do produto

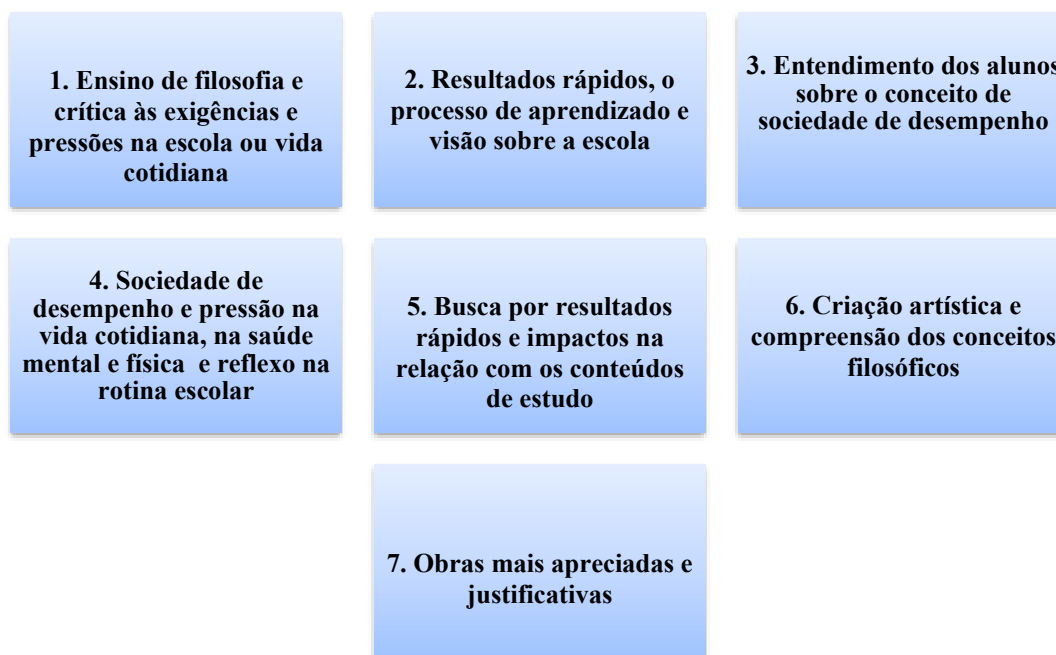


Fonte: Elaboração própria, 2026

5 . ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise realizada por meio da análise de conteúdo foi interpretativa, a partir das respostas do questionário aplicado aos estudantes, o que gerou as seguintes categorias, conforme o quadro abaixo:

Quadro 3 – Categorias de análise



Fonte: Autoria própria, 2026

- ✓ Categoria 1: **Ensino de filosofia e crítica às exigências e pressões na escola ou vida cotidiana**, destacamos as seguintes subcategorias que emergiram das falas dos estudantes: *Desenvolvimento do pensamento crítico e da capacidade de questionamento: “nem tudo precisa ser aceito do jeito que é.”*; *Compreensão das pressões como fenômeno estrutural (Sociedade do Desempenho) “muitas pressões que vivemos na escola e no dia a dia não são naturais, mas construídas”*; *Autoconhecimento e reconhecimento das pressões emocionais “a pressão que sinto comigo mesma é algo comum, logicamente não normal”*; *Valorização da metodologia e da dinâmica das aulas “Fomentando a minha vontade por conhecimento e massificando o mesmo devido aos debates em aula”*.

Em relação à primeira subcategoria *Desenvolvimento do pensamento crítico e da capacidade de questionamento: “nem tudo precisa ser aceito do jeito que é”*, obtivemos as seguintes respostas:

A disciplina de filosofia contribui para a formação do aluno no que diz respeito à compreensão dos modos de pensar e do mundo. (A1)

De forma positiva, me fazendo questionar e buscar outros meios de analisar as situações que não via antes (A2)

*As aulas de Filosofia me ajudaram muito a pensar de forma mais crítica sobre as cobranças e pressões que a gente vive, tanto na escola quanto fora dela, refletindo também que **nem tudo precisa ser aceito do jeito que é**, podemos questionar as coisas e entendermos melhor como tudo funciona. (A3)*

A Filosofia me ajudou a enxergar o mundo de forma mais crítica e racional, fortalecendo minha capacidade de lidar com as exigências da escola e da vida de maneira mais equilibrada e reflexiva. (A4)

Ajudando a desenvolver seu pensamento crítico e a capacidade de questionamento (A7)

Eu acho necessária, me ajudou a construir meu próprio pensamento crítico em relação a diversos temas, além de ter uma melhor compreensão sobre política e o modo como vivemos atualmente. (A8)

O ensino de Filosofia contribuiu, a partir da visão da Byung-Chul Han, para que eu pudesse perceber como essa busca por resultados, a exigência constante de desempenho, ela é bastante presente na vida escolar e como ela pode ser prejudicial, trazendo consequências como o Burnout. (A11)

Acredito que tais reflexões são importantes para o desenvolvimento do pensamento crítico por parte dos alunos, pois os mesmos terão a capacidade de analisar e repensar tais atos visando uma correção de atitudes e melhora da saúde física e mental. (A15)

O ensino de Filosofia, por meio das reflexões em aula, me ajudou a compreender melhor as exigências e pressões da escola e da vida. (A16)

A maioria das respostas dos alunos convergem para aquilo que Gallo e Kohan afirmam no texto intitulado “*Crítica de alguns lugares-comuns ao se pensar a filosofia no Ensino Médio*”. Primeiramente, é importante deixar claro que o texto não critica simplesmente noções do senso comum sobre filosofia. Por isso, a expressão “lugares-comuns” é determinante porque a crítica se dirige exatamente a noções formuladas por grandes filósofos, como Aristóteles, e que se mantiveram como referência por muito tempo, tornando-se um *locus* basilar. No entanto, assim como os conceitos, o papel da filosofia deve se atualizar às necessidades presentes. A saber, a filosofia não pode permanecer compreendida em seu *status* de “nobreza” como algo inútil que serve a si mesma.

“A filosofia contribui para manter aberta e sempre presente a pergunta pelo sentido de como vivemos e do que fazemos” (Larrosa, 1994, p. 80). Essa é sua função social principal. A prática da filosofia é coerente com a sua inquietação inicial: por que temos a sociedade que temos? Por que vivemos de forma que vivemos? O sentido da filosofia é abrir nosso pensamento a essas interrogações e a novas formas de entender essas perguntas, colocando a dimensão do sentido em nossa experiência de mundo.” (Gallo; Kohan, 2001, p. 189)

O papel criativo da filosofia é transformador não só do pensamento, mas também transformador do mundo, ao menos enquanto uma pretensão ou mudança de atitudes. Afinal, do que adiantaria o aluno A3 se questionar “*nem tudo precisa ser aceito do jeito que é*”, se não houvesse pretensão de mudança de sua realidade social?

Em relação à segunda subcategoria Compreensão das pressões como fenômeno estrutural (Sociedade do Desempenho) “ muitas pressões que vivemos na escola e no dia a dia não são naturais, mas construídas ”, obtivemos as seguintes respostas:

*Esses dois semestres de aulas me deram um pensamento crítico muito mais elaborado sobre **sociedade e a sua organização**, contribuiu demais para o meu pensamento filosófico (A9)*

*As aulas de Filosofia ajudaram-me a entender de forma crítica as pressões da escola e da vida cotidiana. Ao estudar Byung-Chul Han e a “sociedade do desempenho”, percebi que muitas cobranças que enfrento não são apenas pessoais, **mas fazem parte de um sistema que exige produtividade constante**. Isso me fez enxergar que nem toda pressão é natural e que é importante valorizar o descanso, a reflexão e o cuidado comigo mesmo. A Filosofia, assim, ampliou minha consciência e me ajudou a analisar melhor essas exigências (A10)*

*A Filosofia nos ajudou a questionar o que parece “normal” na sociedade, como a cobrança excessiva por produtividade. Ao estudar pensadores como Byung-Chul Han, **percebemos que muitas pressões que vivemos na escola e no dia a dia não são naturais, mas construídas por um sistema que valoriza o desempenho acima de tudo**. Isso nos faz enxergar que não somos “culpados” por não dar conta de tudo, mas que estamos inseridos em uma lógica que pode ser prejudicial. (A18)*

*Ele contribuiu para eu perceber que muitas vezes na nossa sociedade somos obrigados a abandonar bastante coisas que gostamos e nos identificamos em prol de alcançar desempenho e conseguir o retorno financeiro e social esperado.[...]A sociedade do desempenho exige que as pessoas tenham sucesso, que equivale a dinheiro e status, e atualmente uma das poucas maneiras do povão conseguir isso é realmente virando médico e advogado, porque eles recebem salários bem altos e a quantidade de conhecimento necessária (além da grana) dá o status. Para isso, basta estudar para passar na universidade, e isso se faz “apenas tendo disciplina e foco, abdicando de distrações”, exatamente como a sociedade do desempenho prega. A parte que eu coloquei entre aspas tá entre aspas porque claramente não é necessário só isso, **tem que ter uma boa condição econômica também pra conseguir pagar os materiais extras dos cursinhos**, por causa que hoje, sobretudo depois do novo ensino médio, só assim pra pelo menos ver alguns conteúdos requisitados nos vestibulares.[...](A19)*

Os relatos acima demonstram que as aulas de filosofia possibilitaram a compreensão dos alunos de que a pressão que os mesmos sofrem é produto de uma estrutura social (sociedade de desempenho). Trata-se de uma estrutura social coercitiva, mas que mantém seu funcionamento internalizado no indivíduo. Destaca-se, ainda, a fala do aluno A19 que

reconhece que, além da ideologia do desempenho internalizado (disciplina e foco), o pleno do sucesso do indivíduo depende de condições materiais. “Essa autorreferencialidade gera uma liberdade paradoxal que, em virtude das estruturas coercitivas que lhe são inerentes, se transforma em violência.” (Han, 2017a, p.30).

Em relação à terceira subcategoria Autoconhecimento e reconhecimento das pressões emocionais “a pressão que sinto comigo mesma é algo comum, logicamente não normal”, obtivemos as seguintes respostas:

*Ajuda a refletir sobre como as diversas formas de sistemas e pensamentos estão inclusos **no nosso dia a dia, na escola, em pessoas, na própria sociedade**. Isso nutre e fortalece uma visão de mundo necessária a todos. (A5)*

*Sim, com as aulas pude entender e refletir que **a pressão que sinto comigo mesma é algo comum, logicamente não normal**, mas que muitas pessoas também sentem isso (A6)*

*Ao discutir temas como liberdade, responsabilidade, justiça, identidade e o papel das normas sociais, **aprendi a analisar essas situações não apenas como obrigações impostas mas como algo para nosso desenvolvimento** (A17)*

As falas acima denotam uma abordagem mais subjetiva da questão, ou melhor, do problema filosófico. O que os alunos relatam não se trata apenas de um conhecimento abstrato e distante, mas de problemas que os alunos “sentem na pele”, superando um plano meramente cognitivo em direção a um plano existencial. Isso dialoga com o que foi dito acima sobre os passos do ensino de filosofia de Sílvio Gallo, especificamente o de sensibilização (2012). Influenciado pelo pensamento de Deleuze, Gallo afirma:

[...] o problema não é uma operação puramente racional, mas parte do sensível; a experiência problemática é sentida, vivenciada, para que possa ser racionalmente equacionada como problema. Por isso, o problema é sempre fruto do encontro; há um encontro, uma experiência que coloca em relação elementos distintos e que gera o problemático. E se o problema é o que força a pensar, somos levados a admitir que o princípio (origem) do pensamento é sempre uma experiência sensível. (Gallo, 2012, p. 72)

Em relação à primeira subcategoria Valorização da metodologia e da dinâmica das aulas “Fomentando a minha vontade por conhecimento e massificando o mesmo devido aos debates em aula”, obtivemos as seguintes respostas:

*Achei muito legal, ,o senhor sabe **ensinar bem o conteúdo e de uma forma dinâmica**. (A13)*

***Fomentando a minha vontade por conhecimento e massificando o mesmo devido aos debates em aula**. (A14)*

Reforçando o que já foi apresentado sobre a metodologia proposta por Sílvia Gallo, que serviu de influência para esta pesquisa, e associando às falas da coleta de dados, percebe-se um *feedback* positivo por parte de alguns alunos.

Aprendemos quando algo nos chama a atenção, nos desperta o desejo, nos captura e entramos em sua rede de sentidos. É a partir desse tipo de encontro não programado e improgramável que se pode processar um aprendizado. (Gallo, 2012, p. 87)

Porém, é necessário perceber que sensibilizar o aluno não é apenas impressioná-lo, mas despertá-lo para a própria experiência do pensamento, isto é, para o exercício do pensamento conceitual.

[...] nessa primeira etapa, de chamar a atenção para o tema de trabalho, criar uma empatia com ele, isto é, fazer com que o tema "afete" os estudantes. Sabemos que os conceitos só são criados para enfrentar problemas, e que só enfrentamos os problemas que efetivamente vivemos. Ora, de nada adiantaria que o professor indicasse um problema aos alunos. Para que eles possam fazer o movimento do conceito, é preciso que o problema seja vivido como um problema para eles. (Gallo, 2012, p. 96)

- ✓ **Categoria 2: Resultados rápidos, o processo de aprendizado e visão sobre a escola,** destacamos as seguintes subcategorias que emergiram das falas dos estudantes: *Aprendizagem superficial e cultura da nota “o conhecimento que levaremos pra vida é eterno e para prova só fica em um papel”*; *Ansiedade, pressão e bloqueio emocional. “a ansiedade em busca da resposta mais rápida afeta nosso aprendizado”*; *Aceleração e empobrecimento da experiência de aprender “sinto que meu cérebro fica com preguiça de pensar e pesquisar”*; *Ambivalência: motivação e desgaste simultâneos “Me incentivam a me esforçar mais, mas, ao mesmo tempo, me desgasta”*; *Crítica ao sistema escolar e suas contradições “A escola deveria focar-se em formar cidadãos, ensinar o aluno a pensar por ele mesmo”*.

Em relação à primeira subcategoria *Aprendizagem superficial e cultura da nota “o conhecimento que levaremos pra vida é eterno e para prova só fica em um papel”*, obtivemos as seguintes respostas:

Isso acarreta uma visão superficial do conteúdo da matéria em razão do tempo de aula e do número de aulas. (A1) Acaba atrapalhando bastante no processo de aprendizado, porque faz a gente se preocupar mais com notas e prazos do que com o que realmente está sendo aprendido. Às vezes, fico tão focada em tirar uma boa nota ou cumprir prazos que esqueço de aproveitar o processo de aprendizado, o que também muda um pouco a forma como eu vejo a escola, em vez de um lugar pra

crescer e aprender com calma, ela parece só um ambiente de pressão e comparação. (A3)

*A busca por resultados rápidos atrapalha meu aprendizado, porque acabo querendo só decorar as coisas em vez de entender de verdade. **Isso faz eu ver a escola mais como um lugar de cobrança do que de aprendizado.** Aprendi que aprender leva tempo e que o mais importante é entender o conteúdo, não só tirar nota. (A4)*

*A busca por resultados rápidos prejudica meu aprendizado porque gera pressa e ansiedade, **fazendo eu focar mais nas notas do que na compreensão real. Isso acaba fazendo a escola parecer um lugar de cobrança, e não de aprendizado.** (A10)*

*Essa busca por resultados rápidos por muitas vezes me faz **esquecer do real significado de aprendizagem**, onde acabamos por focar em uma aprovação e esquecemos de realmente aprender sobre aquilo que é ensinado. **A escola deveria focar-se em formar cidadãos, ensinar o aluno a pensar por ele mesmo**, mas a busca por desempenho acaba transformando esse espaço em uma busca constante por números e alunos focados somente na aprovação. (A11)*

***Acabamos procurando ter uma boa nota (muitos colando ou estudando horas antes das provas**, já que de acordo com o nosso sistema, o 10 tirado dessa forma aparentemente vale mais do que o 7 estudando com dedicação) e não um bom processo de aprendizado de fato. (A12)*

*A busca por resultados rápidos com o objetivo de um sucesso a curto prazo **culmina por apagar a parte mais importante que seria o processo e não o resultado**, pois o conhecimento que levaremos pra vida é eterno e para prova só fica em um papel, tornando a visão sobre a escola algo conturbado que realiza o oposto do que deveria ser (A14)*

Pois dessa forma, você não compreende o assunto tratado nas aulas e não consegue um bom desempenho. (A16)

*Porque cria a sensação de que **o mais importante é “entregar” na hora, e não aprender de verdade o conteúdo** (A17)*

*A busca por resultados rápidos, como notas e aprovações, muitas vezes tira o foco do verdadeiro sentido do aprendizado. **Em vez de absorver e refletir sobre o conteúdo, corremos para cumprir prazos e tirar boas avaliações. Isso pode gerar ansiedade e superficialidade no conhecimento**, fazendo com que a escola se torne um lugar de estresse, e não de crescimento real. (A18)*

*Na minha visão, **a forma como as escolas cobram o conteúdo não é eficaz porque no fundo ela não cobra o aprendizado do aluno, apenas sua capacidade de memorização e replicação de conteúdos decorados anteriormente.***

Por exemplo, o aluno pode nem ter estudado direito o assunto, mas se ele decorou os nomes e os conceitos de tal matéria na noite anterior ou até mesmo horas antes do exame ele tem grande chance de tirar uma nota ok, principalmente se for de uma matéria que não é de exatas. Acho que isto também é um dos grandes motivos pelo qual a área do senhor é tratada com menos importância do que matemática por exemplo, porque é bem mais fácil lembrar de nomes e conceitos do que memorizar fórmulas e aplicá-las em questões.

Na verdade, pra mim a área de exatas é talvez a única em que a escola exige certo raciocínio e compreensão da lógica por trás, devido às questões não

dizerem na cara qual conta usar. Nas outras, geralmente se lembrar do texto do livro/anotação e usar interpretação de texto é suficiente. Mesmo assim ainda há certa decoração nas exatas porque boa parte dos professores não explica a lógica por trás e só dão as fórmulas mastigadas. E no fim ninguém entende nada e no semestre seguinte nem lembra direito o que era, mas tirando o 7 tá bom e é só isso que importa né.

Deve ser por isso que muitas pessoas subestimam/desvalorizam quem se dedica ou vai bem em humanas, elas têm na cabeça que é só um monte de informação absorvida. No entanto, é complexo você desenvolver o raciocínio para realmente entender elas, conectar os assuntos e, principalmente, perceber que aquilo está sim no seu dia a dia. Basta ver a diferença de "prestígio" entre os alunos dada ao bom em física e o bom em filosofia/história/geografia/sociologia.

Isso é triste porque não desenvolve completamente o senso crítico e lógico dos alunos e não permite que eles de fato aprendam (ou pelo menos não os incentiva a querer aprender). Afinal, não vale a pena para vida escolar perceber como aquele conteúdo se encaixa no seu contexto e a relevância dele. É por isso que muita gente não deve gostar de estudar: eles se sentem alienados em relação ao conteúdo. E também por esse fato que é recorrente a pergunta "pra que eu vou usar isso na minha vida?" direcionada a vários conteúdos de todas as matérias. (A19)

Os relatos acima se resumem em pelo menos dois pontos: aprendizado superficial e busca pela melhor nota. Ter um grande número de notas boas aqui não é entendido como sinônimo de aprendizado significativo. Antes, significa o aluno que consegue sobreviver ao ensino médio com a habilidade *multitasking* (multitarefa). Han associa a atenção multitarefa como à atenção de um animal selvagem, que, para lidar com uma atividade específica, divide sua atenção em diversas outras coisas. Deste modo, essa seria uma das principais ferramentas de sobrevivência. O animal não possui a capacidade de contemplação aprofundada, assim como muitos alunos desta pesquisa não têm possibilidade de digerir o que aprendeu antes de ter que vomitar resultados.

Um animal ocupado no exercício da mastigação de sua comida tem de ocupar-se ao mesmo tempo também com outras atividades. Deve cuidar para que, ao comer, ele próprio não acabe comido. Ao mesmo tempo tem de vigiar sua prole e manter o olho em seu(sua) parceiro(a). Na vida selvagem, o animal está obrigado a dividir sua atenção em diversas atividades. Por isso, não é capaz de aprofundamento contemplativo – nem no comer nem no copular. O animal não pode mergulhar contemplativamente no que tem diante de si, pois tem de elaborar ao mesmo tempo o que tem atrás de si. Não apenas a multitarefa, mas também atividades como jogos de computador geram uma atenção ampla, mas rasa, que se assemelha à atenção de um animal selvagem. As mais recentes evoluções sociais e a mudança de estrutura da atenção aproximam cada vez mais a sociedade humana da vida selvagem. (Han, 2017a, p. 32)

Em relação à segunda subcategoria *Ansiedade, pressão e bloqueio emocional*. “*a ansiedade em busca da resposta mais rápida afeta nosso aprendizado*”, obtivemos as seguintes

respostas:

De forma negativa, a ansiedade em busca da resposta mais rápida afeta nosso aprendizado, mas é inevitável o uso (A2)

Acredito que essa atitude aumenta de forma exagerada a cobrança em si mesmos, tanto pressão interna quanto externa(escola, amigos, pais...). Isso pode interromper até um processo de maturidade necessária a se desenvolver, por você não ter espaço para reconhecer nem seus próprios méritos, apenas aumentar seus defeitos para si mesmo. Sentimento o qual te torna alguém inseguro emocionalmente e depende de validação social e diversos âmbitos. Ou seja, um adulto carrancudo que passa o tempo tentando suprir sua vida com trabalho e validação alheia e nunca amor ou cuidado próprio (problemático tá). (A5)

No momento em que não consigo entender determinado conteúdo vou me fechando e acabo tendo um bloqueio com a matéria ou com o conteúdo, apenas por não entendê-lo rapidamente (A6)

Me incentivam a me esforçar mais, mas, ao mesmo tempo, me desgasta (A9)

Porque gera ansiedade pelo “logo” de algo que leva tempo e concentração como o estudo, de certa forma algo bastante problemático e a escola pode ser vista como um “atraso” para uma possível empreitada na vida adulta. (A15)

As falas acima possuem como tema central transtornos psicológicos como ansiedade, bloqueio emocional que advém do excesso de positividade. A internalização da pressão por resultados rápidos pode ser bastante estimulante no começo. Porém, os relatos aqui indicam um caminho que mais cedo ou mais tarde pode se tornar algo patológico.

Para o aluno A2 a ansiedade afeta de modo prejudicial o aprendizado, mas ele não vislumbra um outro caminho. O aluno A5 entende a pressão como algo que pode afetar na maturidade do aluno, no autoconhecimento de seus limites. O aluno A6 fala que cria um bloqueio para com a disciplina que lhe apresente alguma dificuldade de entendimento. O aluno A15 entende que a pressão da escola pode resultar num atraso para a sua vida adulta.

O desaparecimento da alteridade significa que vivemos numa época pobre de negatividades. É bem verdade que os adoecimentos neuronais do século XXI seguem, por seu turno, sua dialética, não a dialética da negatividade, mas a da positividade. São estados patológicos devidos a um exagero de positividade. (Han, 2017a, p. 14)

Em relação à terceira subcategoria *Aceleração e empobrecimento da experiência de aprender* “*sinto que meu cérebro fica com preguiça de pensar e pesquisar*”, obtivemos as seguintes respostas:

Afeta no sentido da preguiça de buscar em livros ou fontes de consulta que

não possui uma agilidade na resposta, prejudicando o aprendizado da pessoa. (A7)

A busca por resultados rápidos me afeta negativamente, sinto que meu cérebro fica com "preguiça" de pensar e pesquisar. (A8)

Prefiro fazer normalmente, não acelerando tudo de uma vez, se não, acabo esquecendo tudo. (A13)

Observa-se aqui, nessas falas, a menção à preguiça. No entanto, não se trata de preguiça de não fazer nada; pelo contrário, o aluno busca justamente formas rápidas e eficientes para conquistar seus objetivos individuais. Este relato está mais relacionado à preguiça de pensar. Na obra *Vita contemplativa: ou sobre a inatividade* (2023), Han faz uma crítica ao *pathos* da ação. Ora, o ativismo desprovido de contemplação pode ser autodestrutivo e não transformador.

[...] o futuro da humanidade não depende do poder de pessoas que agem, mas da reativação da capacidade contemplativa: da capacidade que não age. A vida activa degenera em hiperatividade e termina não só no burnout da psique, mas também de todo o planeta, se ela não incorpora em si mesma a vida contemplativa. (Han, 2023, p. 151-152)

Nesse sentido, o ideal a ser seguido seria a do aluno A13 que prefere não acelerar seu aprendizado.

Em relação à quarta subcategoria *Ambivalência: motivação e desgaste simultâneos “Me incentivam a me esforçar mais, mas, ao mesmo tempo, me desgasta”*, obtivemos a seguinte resposta:

Me incentivam a me esforçar mais, mas, ao mesmo tempo, me desgasta (A9)

Para o aluno A9, a busca por resultados rápidos exige um esforço que o desgasta. Não se trata de um esgotamento vinculado a uma obediência externa, mas à pressão de performar a si mesmo. Quando Han expressa a ideia de alma consumida, ele se refere ao sentimento que o indivíduo tem quando não é suficiente em sua autoperformance.

O que causa a depressão do esgotamento não é o imperativo de obedecer apenas a si mesmo, mas a pressão de desempenho. Vista a partir daqui, a Síndrome de Burnout não expressa o si-mesmo esgotado, mas antes a alma consumida. Segundo Ehrenberg, a depressão se expande ali onde os mandatos e as proibições da sociedade disciplinar dão lugar à responsabilidade própria e à iniciativa. O que torna doente, na realidade, não é o excesso de responsabilidade e iniciativa, mas o imperativo do desempenho como um novo mandato da sociedade pós-moderna do trabalho. (Han, 2017a, p. 27)

Em relação à quinta subcategoria *Crítica ao sistema escolar e suas contradições* “*A escola deveria focar-se em formar cidadãos, ensinar o aluno a pensar por ele mesmo*”, obtivemos as seguintes respostas:

Essa busca por resultados rápidos por muitas vezes me faz esquecer do real significado de aprendizagem, onde acabamos por focar em uma aprovação e esquecemos de realmente aprender sobre aquilo que é ensinado. A escola deveria focar-se em formar cidadãos, ensinar o aluno a pensar por ele mesmo, mas a busca por desempenho acaba transformando esse espaço em uma busca constante por números e alunos focados somente na aprovação. (A11)

Acabamos procurando ter uma boa nota(muitos colando ou estudando horas antes das provas, já que de acordo com o nosso sistema, o 10 tirado dessa forma aparentemente vale mais do que o 7 estudando com dedicação) e não um bom processo de aprendizado de fato. (A12)

Na minha visão, a forma como as escolas cobram o conteúdo não é eficaz porque no fundo ela não cobra o aprendizado do aluno, apenas sua capacidade de memorização e replicação de conteúdos decorados anteriormente.

Por exemplo, o aluno pode nem ter estudado direito o assunto, mas se ele decorou os nomes e os conceitos de tal matéria na noite anterior ou até mesmo horas antes do exame ele tem grande chance de tirar uma nota ok, principalmente se for de uma matéria que não é de exatas. Acho que isto também é um dos grandes motivos pelo qual a área do senhor é tratada com menos importância do que matemática por exemplo, porque é bem mais fácil lembrar de nomes e conceitos do que memorizar fórmulas e aplicá-las em questões[...]. (A19)

Nos relatos desta quinta subcategoria, observam-se críticas fortes por parte dos alunos ao sistema escolar, um sistema que prioriza resultados e não a formação humana e cidadã. Como consequência, é possível apontar que, nesse cenário, a relação entre indivíduos não forma de fato uma sociedade, muito menos uma comunidade.

O cansaço da sociedade do desempenho é um cansaço solitário, que atua individualizando e isolando. É um cansaço que Handke, em seu Versuch über die Müdigkeit (Ensaio sobre o cansaço) chama de “cansaço dividido em dois”: “ambos afastaram-se inexoravelmente distantes um do outro, cada um em seu cansaço extremado, não nosso, mas o meu aqui e o teu lá”. (Han, 2017a, p. 71)

Os alunos inseridos nessa lógica de isolamento, muitas vezes, não passam de competidores ou concorrentes. A dimensão humana fica escamoteada, é o que se pode analisar a partir da fala do aluno A19, que observa uma atribuição de importância maior às disciplinas “exatas” do que às disciplinas da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Categoria 3: Entendimento dos alunos sobre o conceito de sociedade de desempenho

No que concerne à categoria *Entendimento dos alunos sobre o conceito de sociedade de desempenho*, destacamos as seguintes subcategorias que emergiram das falas dos estudantes: 1) *Autoexploração e internalização da cobrança* “*Não é mais alguém mandando ou cobrando diretamente, mas a própria pessoa que se cobra para ser produtiva.*”; 2) *Consequências na saúde mental (cansaço, ansiedade e burnout)* “*estamos constantemente sobrecarregando e exaustos, enquanto a instituição de ensino busca cada vez mais elevar seu status social*”; 3) *Aceleração social e priorização da produção* “*busca tanto o sucesso como roedores desesperados por queijo como se fossem ratos*”; 4) *Aplicação ao contexto educacional(alunos e escola)* “*Nós, alunos, estamos constantemente sobrecarregando e exaustos, enquanto a instituição de ensino busca cada vez mais elevar seu status social*”; 5) *Crítica à perfeição e à comparação social* “*Isso gera um ciclo constante de comparação, autocobrança e sensação de insuficiência*”.

Em relação à primeira subcategoria *Autoexploração e internalização da cobrança* “*Não é mais alguém mandando ou cobrando diretamente, mas a própria pessoa que se cobra para ser produtiva.*”, obtivemos as seguintes respostas:

A sociedade de desempenho é aquela em que as pessoas vivem pressionadas a mostrar resultados o tempo todo. Não é mais alguém mandando ou cobrando diretamente, mas a própria pessoa que se cobra para ser produtiva. (A3)

Entendi que a “sociedade de desempenho”, segundo Byung-Chul Han, é aquela em que as pessoas são pressionadas a mostrar resultados o tempo todo. Em vez de serem controladas por regras externas, elas mesmas se cobram para serem produtivas e perfeitas. Isso acaba gerando muito cansaço, ansiedade e a sensação de que nunca é o bastante. (A4)

Que as pessoas buscam sempre serem melhores e mais produtivas (pressão interna), evidenciando a sua autoexploração. (A7)

Uma sociedade como um sistema que internaliza a pressão para o sucesso, transformando a liberdade individual em uma forma de coerção internalizada, onde o indivíduo está em constante guerra consigo mesmo para ser o máximo de produtivo possível. (A9)

É aquela sociedade na qual a pressão não vem mais de um meio externo, mas está presente no próprio indivíduo, criando uma auto exploração, pressionando-se constantemente para sempre desempenhar mais e melhor. (A11)

Entendi que a “sociedade de desempenho” é um modelo de vida em que as pessoas sentem que precisam estar sempre produzindo, melhorando e se superando. Segundo Byung-Chul Han, não é mais uma pressão vinda apenas de regras externas, mas uma cobrança interna: cada indivíduo se transforma em seu próprio “empresário”, exigindo de si mesmo resultados o tempo todo. Isso gera um ciclo constante de comparação, autocobrança e sensação de insuficiência. (A12)

Uma forma na qual muitas pessoas buscam a produtividade sendo patrões e empregados de si mesmas, gerando cobrança excessiva e desgastando muito o indivíduo. (A15)

A sociedade de desempenho, segundo Byung-Chul Han, é aquela em que as pessoas vivem sob pressão para produzir mais, ser sempre melhores e superar metas. Em vez de alguém mandar, nós mesmos nos cobramos o tempo todo. Isso gera cansaço,

ansiedade e a sensação de que nunca é suficiente. (A16)

*É uma forma de organização social em que as pessoas deixam de ser pressionadas por regras rígidas ou autoridades e **passam a se cobrar internamente para serem cada vez mais produtivas e eficientes** (A17)*

*Entendi que a “sociedade de desempenho” é uma forma de organização social em que **a cobrança não vem mais apenas de chefes ou de um sistema opressor externo, mas de nós mesmos**. Somos incentivados a ser produtivos o tempo todo, a nos superar constantemente, e **isso gera uma autoexploração que pode levar ao esgotamento físico e mental, como a Síndrome de Burnout**. (A18)*

*Na sociedade atual, os sujeitos são incentivados sempre a ter o melhor desempenho, sendo o mais perfeito possível. Para alcançar a perfeição, eles têm que se esforçar e dedicar ao máximo, **já que o desempenho ou sua falta é responsabilidade exclusiva deles mesmos**. Por ser responsabilidade exclusiva deles, é vendido a ideia de que eles são os chefes deles mesmos, pois só as escolhas ditas e feitas por eles interferem.*

***Através disso o sujeito cria metas e táticas de autogerenciamento e autocontrole em busca de resultados**, resultados esses que servem para alcançar o sucesso financeiro e social. No entanto, ao fazer esse gerenciamento excessivo e acreditar nessa positividade exagerada que é a base dos papos chatos de coach insuportável, o indivíduo se esgota aos poucos sem perceber, porque ele passa a viver para trabalhar, em vez de trabalhar para viver, que é todos deveriam fazer para ter uma vida digna e saudável. (A19)*

O grupo acima demonstrou maior compreensão estrutural do conceito de sociedade de desempenho, principalmente no que diz respeito à passagem de uma coerção externa para uma coerção internalizada. O indivíduo assume o papel de ser chefe de si mesmo, o que revela um aparente paradoxo, pois o sentimento de liberdade se torna força motriz de autoexploração. A sociedade atual não reprime, ela estimula - e é justamente esse estímulo contínuo que produz esgotamento. Especificamente, o aluno A19 percebe a ideologia por trás do discurso do empreendedorismo: a “liberdade” de ser seu próprio chefe é, na verdade, uma armadilha que transfere todo risco e toda a culpa para o indivíduo.

Vivemos em um momento histórico particular, no qual a própria liberdade provoca coerções. A liberdade de poder (Können) produz até mais coações do que o dever (Sollen) disciplinar, que expressa regras e interditos. O dever tem um limite; o poder não. Portanto, a coerção proveniente de poder é ilimitada e, por esse motivo, encontramos-nos em uma situação paradoxal. A liberdade é a antagonista da coerção. Ser livre significa estar livre de coerções. Ora, mas essa liberdade que deveria ser o contrário da coação também produz ela mesma coerções. Doenças psíquicas, como depressão ou burnout são expressões de uma profunda crise da liberdade: são sintomas patológicos de que hoje ela se transforma muitas vezes em coerção. O sujeito do desempenho, que se julga livre, é na realidade um servo: é um servo absoluto, na medida em que, sem um senhor, explora voluntariamente a si mesmo. Nenhum senhor o obriga a trabalhar. O sujeito absolutiza a vida nua e trabalha. A vida nua e o trabalho são dois lados de uma mesma moeda: a saúde representa o ideal da vida nua. A esse servo neoliberal a soberania é estranha, ou melhor, a liberdade daquele senhor que, segundo a dialética hegeliana servo-senhor, não trabalha e apenas goza. Essa soberania do senhor consiste em elevar-se além da vida nua e, conseqüentemente, em aceitar até mesmo a própria morte (Han, 2018, p. 9-10)

Em relação à segunda subcategoria Consequências na saúde mental (cansaço, ansiedade e burnout) “estamos constantemente sobrecarregando e exaustos, enquanto a instituição de ensino busca cada vez mais elevar seu status social”, obtivemos as seguintes respostas:

*Esse termo explica a maneira como a sociedade está acelerada e a **priorização da produção em detrimento da saúde mental.** (A1)*

*Horível! Byung fala sobre os trabalhadores, mas isso se encaixa perfeitamente no contexto aluno e escola. **Nós, alunos, estamos constantemente sobrecarregando e exaustos, enquanto a instituição de ensino busca cada vez mais elevar seu status social. Visam notas e mais notas enquanto o aluno está desfalecendo,** e também tem os alunos que são bons, mas com suas dificuldades e limitações, e são enquadrados em situações muito complicadas por não alcançar o top como os outros. **Sofremos a pressão da escola, do governo, em casa e nossa mesmo.** (A2)*

*Entendi que a “sociedade de desempenho”, segundo Byung-Chul Han, é aquela em que as pessoas são pressionadas a mostrar resultados o tempo todo. Em vez de serem controladas por regras externas, elas mesmas se cobram para serem produtivas e perfeitas. Isso **acaba gerando muito cansaço, ansiedade e a sensação de que nunca é o bastante.** (A4)*

Uma forma na qual muitas pessoas buscam a produtividade sendo patrões e empregados de si mesmas, gerando cobrança excessiva e desgastando muito o indivíduo. (A15)

*A sociedade de desempenho, segundo Byung-Chul Han, é aquela em que as pessoas vivem sob pressão para produzir mais, ser sempre melhores e superar metas. Em vez de alguém mandar, nós mesmos nos cobramos o tempo todo. **Isso gera cansaço, ansiedade e a sensação de que nunca é suficiente.** (A16)*

*Entendi que a “sociedade de desempenho” é uma forma de organização social em que a cobrança não vem mais apenas de chefes ou de um sistema opressor externo, mas de nós mesmos. Somos incentivados a ser produtivos o tempo todo, a nos superar constantemente, e **isso gera uma autoexploração que pode levar ao esgotamento físico e mental, como a Síndrome de Burnout.** (A18)*

Na sociedade atual, os sujeitos são incentivados sempre a ter o melhor desempenho, sendo o mais perfeito possível. Para alcançar a perfeição, eles têm que se esforçar e dedicar ao máximo, já que o desempenho ou sua falta é responsabilidade exclusiva deles mesmos. Por ser responsabilidade exclusiva deles, é vendido a ideia de que eles são os chefes deles mesmos, pois só as escolhas ditas e feitas por eles interferem.

*Através disso o sujeito cria metas e táticas de autogerenciamento e autocontrole em busca de resultados, resultados esses que servem para alcançar o sucesso financeiro e social. No entanto, **ao fazer esse gerenciamento excessivo e acreditar nessa positividade exagerada que é a base dos papos chatos de coach insuportável, o indivíduo se esgota aos poucos sem perceber,** porque ele passa a viver para trabalhar, em vez de trabalhar para viver, que é todos deveriam fazer para ter uma vida digna e saudável. (A19)*

O foco das respostas deste grupo está nos efeitos concretos na saúde psicofísica. Isso é sintetizado na fala do aluno A1, que diz que o preço de priorizar a produção é a saúde mental. A fala do aluno A2 já coloca o custo que recai sobre os indivíduos em nome da elevação do *status* da instituição. O aluno A18 foi preciso em seu relato ao nomear a patologia “síndrome de burnout”. O *burnout* é a doença do sujeito que se dedicou demais, que se cobrou demais,

que levou ao limite a lógica do desempenho. É a falência do corpo e da mente quando pressionados além do suportável.

Muitas pessoas estão esgotadas, e a Síndrome de Burnout - distúrbio psíquico caracterizado por esgotamento físico e mental - foi incluída pela Organização Mundial de Saúde (OMS) na Classificação Internacional de Doenças (CID-11), que entra em vigor em 1º de janeiro de 2022. Han afirma que essa síndrome, intimamente ligada à vida profissional, é expressão de uma alma consumida pela necessidade constante de produção e desempenho. Nesse cenário, a exaustão é um fenômeno social que atinge o corpo, a mente e os sentimentos dos indivíduos, cuja vida tem sido praticamente robotizada. (Karnal, 2020, p. 145)

Em relação à terceira subcategoria *Aceleração social e priorização da produção “busca tanto o sucesso como roedores desesperados por queijo como se fossem ratos”*, obtivemos as seguintes respostas:

Esse termo explica a maneira como a sociedade está acelerada e a priorização da produção em detrimento da saúde mental. (A1)

Foi um dos assuntos que mais gostei, eu entendi o conceito como uma sociedade que visa o lucro e a produtividade acima de tudo. (A8)

Eu entendo que a sociedade atual busca tanto o sucesso como roedores desesperados por queijo como se fossem ratos, pessoas que se tratam como animais apenas pelo reconhecimento alheio dos mais poderosos que por muita das vezes não passaram pelo mesmo processo, tudo isso achando que o sucesso está na ostentação e no desempenho, esquecendo que antes de tudo são seres humanos, seres frágeis que um dia morreram sozinhos e não levaram nada do que tanto lutaram para ter... (A14)

Na sociedade atual, os sujeitos são incentivados sempre a ter o melhor desempenho, sendo o mais perfeito possível. Para alcançar a perfeição, eles têm que se esforçar e dedicar ao máximo, já que o desempenho ou sua falta é responsabilidade exclusiva deles mesmos. Por ser responsabilidade exclusiva deles, é vendido a ideia de que eles são os chefes deles mesmos, pois só as escolhas ditas e feitas por eles interferem.

*Através disso o sujeito cria metas e táticas de autogerenciamento e autocontrole em busca de resultados, resultados esses que servem para alcançar o sucesso financeiro e social. No entanto, ao fazer esse gerenciamento excessivo e acreditar nessa positividade exagerada que é a base dos papos chatos de coach insuportável, o indivíduo se esgota aos poucos sem perceber, porque ele **passa a viver para trabalhar, em vez de trabalhar para viver, que é todos deveriam fazer para ter uma vida digna e saudável.** (A19)*

Os dados da terceira subcategoria remetem à dimensão temporal do tema. Há, curiosamente, uma metáfora do aluno A14 que compara a aceleração social a uma corrida de ratos. A figura da mensagem ser a imagem do rato é bem significativa em termos de desumanização da condição dos indivíduos. Não somente o humano perde significado, como também a vida perde significado. Pois o trabalho aqui não é um meio de tornar a vida viável, o trabalho aqui é o fim em si mesmo. Isso é o que relata o aluno A19. O resultado é uma existência empobrecida, onde lazer é visto como perda de tempo, o descanso como preguiça, a contemplação como improdutividade. Resumindo, as respostas dos alunos acima são exemplos

de uma sociedade acelerada, a qual Bittencourt analisa, a luz do pensamento de Han:

Exige-se respostas rápidas e gestos acelerados que sinalizam a interiorização do controle moral do trabalho que subtrai a vitalidade subjetiva daquele que está enredado no capitalismo tecnocrático, daí a importância disciplinar dos aplicativos que impõem aos indivíduos a checagem constante de informações-diretrizes. Tudo é regido pela urgência, palavra que ao ser ouvida ou lida produz agitação no receptor. Chega-se ao cúmulo de se consumir alimentos de maneira extremamente veloz para que não se perca tempo produtivo, para maior desgaste orgânico do trabalhador: “O processo do Capital e da produção acelera-se ao infinito pelo fato de eliminar a teleologia do bem viver” (HAN, 2017a, p. 44). Toda reflexão, todo exercício contemplativo, todo processo deliberativo, ações que demandam uma experimentação singularizada da temporalidade, são vilipendiadas pelo dispositivo gerencial. (Bittencourt, 2023, p.47)

Em relação à quarta subcategoria *Aplicação ao contexto educacional (alunos e escola)* “Nós, alunos, estamos constantemente sobrecarregando e exaustos, enquanto a instituição de ensino busca cada vez mais elevar seu status social”, obtivemos as seguintes respostas:

Horível! Byung fala sobre os trabalhadores, mas isso se encaixa perfeitamente no contexto aluno e escola. Nós, alunos, estamos constantemente sobrecarregando e exaustos, enquanto a instituição de ensino busca cada vez mais elevar seu status social. Visam notas e mais notas enquanto o aluno está desfalecendo, e também tem os alunos que são bons, mas com suas dificuldades e limitações, e são enquadrados em situações muito complicadas por não alcançar o top como os outros. Sofremos a pressão da escola, do governo, em casa e a nossa mesmo. (A2)

Entendi que não sociedade em que vivemos somos sempre cobrados a ter sucesso e sermos produtivos (A6)

Sim, ajuda a compreender as coisas do dia a dia. (A10)

O agrupamento das falas acima aponta para alunos que souberam relacionar o conceito de *sociedade de desempenho* ao seu contexto próprio, especificamente à sua própria vida na escola. Sílvio Gallo, com sua perspectiva deleuziana, entende que:

[...] é importante que cada um (dos alunos) tenha direito a seus próprios problemas. É importante que cada um viva o problema como seu, faça sua própria experimentação, e não assuma falsamente o problema imposto por outrem. Essa seria a condição de uma pedagogia do conceito, de um aprendizado da filosofia que significasse um novo começo. (Gallo, 2012, p. 116)

Em relação à quinta subcategoria *Crítica à perfeição e à comparação social* “Isso gera um ciclo constante de comparação, autocobrança e sensação de insuficiência”, obtivemos as seguintes respostas:

Uma sociedade repleta de cobranças e julgamentos, onde a ideia de perfeito é teoricamente considerável entre os indivíduos e avaliada pelo desempenho de cada um. (A5)

Entendi que a “sociedade de desempenho” é um modelo de vida em que as pessoas sentem que precisam estar sempre produzindo, melhorando e se superando. Segundo Byung-Chul Han, não é mais uma pressão vinda apenas de regras externas,

mas uma cobrança interna: cada indivíduo se transforma em seu próprio “empresário”, exigindo de si mesmo resultados o tempo todo. Isso gera um ciclo constante de comparação, autocobrança e sensação de insuficiência. (A12)

Que o trabalhador só “se ferra” pelo seu desejo de agradar a sociedade (A13)

*Eu entendo que a sociedade atual busca tanto o sucesso como roedores desesperados por queijo como se fossem ratos, **pessoas que se tratam como animais apenas pelo reconhecimento alheio dos mais poderosos que por muita das vezes não passaram pelo mesmo processo**, tudo isso achando que o sucesso está na ostentação e no desempenho, esquecendo que antes de tudo são seres humanos, seres frágeis que um dia morreram sozinhos e não levaram nada do que tanto lutaram pra ter... (A14)*

*Na sociedade atual, **os sujeitos são incentivados sempre a ter o melhor desempenho, sendo o mais perfeito possível**. Para alcançar a perfeição, eles têm que se esforçar e dedicar ao máximo, já que o desempenho ou sua falta é responsabilidade exclusiva deles mesmos. Por ser responsabilidade exclusiva deles, é vendido a ideia de que eles são os chefes deles mesmos, pois só as escolhas ditas e feitas por eles interferem.*

Através disso o sujeito cria metas e táticas de autogerenciamento e autocontrole em busca de resultados, resultados esses que servem para alcançar o sucesso financeiro e social. No entanto, ao fazer esse gerenciamento excessivo e acreditar nessa positividade exagerada que é a base dos papos chatos de coach insuportável, o indivíduo se esgota aos poucos sem perceber, porque ele passa a viver para trabalhar, em vez de trabalhar para viver, que é todos deveriam fazer para ter uma vida digna e saudável. (A19)

As falas acima remetem à idealização da perfeição percebida pelos alunos em sua compreensão sobre a *sociedade de desempenho*. Essa idealização da perfeição avança simultaneamente a um processo de comparações e cobranças feitas pelos próprios indivíduos. Resumindo, na sociedade de desempenho, da forma como os alunos acima a entenderam, a ideia de perfeição, mesmo sendo algo inalcançável, acaba por ser a força motora de um ciclo contínuo de comparações e autocobranças. Curiosamente, isso difere da percepção de Bittencourt que, ao analisar o pensamento de Han, afirma que ninguém é obrigado a se comprometer com ninguém:

O trabalhador, antes conectado pelos laços de solidariedade profissional, encontra-se sozinho, isolado, autocentrado, e tal solidão autoimposta é enaltecida pelo gerencialmente ultraliberal como uma virtude resiliente, pois se defende o ideário de ninguém é obrigado a se comprometer com ninguém. Configura-se assim o “empreendedor de si” individualista que é como uma mônada profissional, sem portas nem janelas para a alteridade: “O eu como empreendedor de si mesmo produz a si, performa a si mesmo, e oferece a si mesmo como mercadoria. A autenticidade é um ponto de venda” (Han, 2022, p. 37-38). (Bittencourt, 2023, p.47)

Se comparar não necessariamente significa se importar com o outro. Na verdade, trata-se de se isolar em seus objetivos pessoais. Portanto, comparar-se com outro não é o mesmo que se comprometer com ele.

✓ **Categoria 4: Sociedade de desempenho e pressão na vida cotidiana, na saúde mental e física e reflexo na rotina escolar**

No que concerne à categoria ***Sociedade de desempenho e pressão na vida cotidiana, na saúde mental e física e reflexo na rotina escolar***, destacamos as seguintes subcategorias que emergiram das falas dos estudantes: *o sujeito que se explora até o limite, transformando-se em “burro de carga de si mesmo”; muitas cobranças vêm do próprio sistema e não só de mim; Eu não sou um número. Reflexão sobre a escola, o acadêmico me ajuda a retomar a consciência; A pressão é naturalizada, vista como “normal” ou “necessária”; Cansaço, ansiedade e sobrecarga afetam a saúde; Esforço por reconhecimento externo.*

Na primeira subcategoria *o sujeito que se explora até o limite, transformando-se em “burro de carga de si mesmo”*, obtivemos as seguintes respostas:

Afeta diretamente, eu tô pedindo arrego da minha escola. Não aguento mais ser esse burro de carga. (A2)

Sim. Percebi que muitas vezes eu me cobro demais para dar conta de tudo, tirar boas notas etc. [...] (A3)

Acho que essa pressão me faz querer a todo custo dar o melhor de mim, mesmo que para isso eu deixe minha própria saúde de lado, como por exemplo: virar a noite estudando para uma prova mesmo tendo que acordar cedo no outro dia, acabo me cobrando (A6)

Sim, pois geralmente, criamos uma pressão interna para buscar conhecimento forçados para alcançarmos a média, para não irmos para a recuperação, onde se encaixa com esse conceito. (A7)

Sim. A ideia de “sociedade de desempenho” me ajudou a perceber que a pressão por produtividade afeta minha saúde mental e física e também influencia minha rotina escolar, mostrando que muitas cobranças vêm do próprio modelo social e não só de mim (A10)

[...] Compreender isso me ajudou a identificar quando estou me cobrando demais e a buscar um equilíbrio entre responsabilidade e cuidado com minha saúde mental. (A18)

As falas dos alunos apontam claramente para indivíduos que, embora estejam sendo levados ao limite, ainda permanecem obedientes. Nessa condição, os alunos podem furar o limite daquilo que é saudável para o corpo e a mente, mesmo tendo consciência dessa possibilidade. Han (2017a) aponta que a raiz desse problema está no fato de que a lógica de desempenho não aponta para metas definitivas. Isso implica que se não houver metas definitivas, não há limites para o esforço empreendido. Ora, mesmo o corpo e a mente humana mais robustos não seria capaz de acompanhar o esforço ilimitado. Desse modo, mais cedo ou mais tarde, esses alunos podem sucumbir e culparão a si mesmos pelo fracasso. Essa dinâmica inclui até mesmo o caso do aluno A7, que, ainda que pareça estar se referindo a uma meta específica, como “alcançarmos a média” para evitar uma “recuperação”, está, na verdade, falando apenas de uma etapa entre tantas outras que envolvem o processo de formação do ensino

básico.

A coação de desempenho força-o a produzir cada vez mais. Assim, jamais alcança um ponto de repouso da gratificação. Vive constantemente num sentimento de carência e de culpa. E visto que, em última instância, está concorrendo consigo mesmo, procura superar a si mesmo até sucumbir. Sofre um colapso psíquico, que se chama de burnout (esgotamento). O sujeito do desempenho se realiza na morte. Realizar-se e autodestruir-se, aqui, coincidem. (Han. 2017a, p. 85-86)

Em relação à segunda subcategoria *muitas cobranças vêm do próprio sistema e não só de mim*, obtivemos as seguintes respostas:

Sim. A ideia de “sociedade de desempenho” me ajudou a perceber que a pressão por produtividade afeta minha saúde mental e física e também influencia minha rotina escolar, mostrando que muitas cobranças vêm do próprio modelo social e não só de mim (A10)

Sim. O conceito me ajudou a perceber que muitas pressões que eu sentia no dia a dia — como tentar dar conta de tudo, tirar boas notas, ser produtiva o tempo todo — fazem parte dessa lógica da sociedade de desempenho [...] (A12)

Sim, foi muito útil. Percebi que a pressão que sinto para estudar, fazer tarefas e me destacar não é só uma questão pessoal, mas um reflexo desse sistema. [...] (A18)

De acordo com o que foi abordado no capítulo “O que é sociedade de desempenho?”, é possível apontar uma relação com as falas dos alunos que se encontram nesta subcategoria. Trata-se de uma constatação de que a sociedade de desempenho não significa a destruição de coerções externas, mas, no máximo, a sua fragmentação. Os indivíduos da sociedade de desempenho continuam tão disciplinados quanto - ou até mais que - os indivíduos da sociedade disciplinar. E quanto a questão da liberdade dos indivíduos na sociedade de desempenho? Ela não passa de uma liberdade mais associada ao sistema capitalista neoliberal do que associada às pessoas comuns, como aponta Reis (Reis. 2023, p. 44).

Em relação à terceira subcategoria *Eu não sou um número. Reflexão sobre a escola, o acadêmico me ajuda a retomar a consciência*, obtivemos as seguintes respostas:

Sim, isso me propôs um reflexo a respeito do meu tempo de lazer e do meu empenho exacerbado em atividades curriculares. (A1)

Sim, [...]o conhecimento sobre o conceito foi importante. Considerando que muitos jovens enfrentam a pressão cotidianamente. No meu caso, foi mais uma forma de refletir sobre como eu lido com acontecimentos no meio escolar (tenho uma validação constante no meu meio acadêmico e social) mais no acadêmico, me ajuda a em momentos de crise retomar a consciência que eu não sou um número que alguém me dá, e que a nota que eu tirei não significa que eu não posso superá-la. (A5)

Sim, pois geralmente, criamos uma pressão interna para buscar conhecimento forçados para alcançarmos a média, para não irmos para a recuperação, onde se encaixa com esse conceito. (A7)

*Sim, foi muito útil. Percebi que a pressão que sinto para estudar, fazer tarefas e me destacar não é só uma questão pessoal, mas um reflexo desse sistema. Compreender isso me ajudou a identificar quando estou me **cobrando demais** e a buscar um equilíbrio entre responsabilidade e cuidado com minha saúde mental. (A18)*

*Sim, pois me ajudou a perceber melhor tudo o que falei nos itens 1 e 2 além de como eu **me cobrava muito por notas** até meu ensino fundamental II e como isso influenciava na minha interação com os conteúdos. É bom demais você ter aula com alguém que realmente ama o ofício e a matéria, não um professor que só passa o básico pra você decorar. Quando eu tinha/tenho aula com alguém assim, tudo fica claro e deixa de ser um fardo, aquilo trazia boas sensações e incentiva a compreender. **Quando se entende, a nota 10 é só um detalhe**, porque você vai saber das respostas pois elas fazem sentido, sabe? Já no momento em que você simplesmente busca por desempenho sem incentivo a entender, aquilo vira um fardo gigantesco e te desincentiva a gostar daquilo. Com isso, a chance de não ter um bom desempenho é alta, e quando vem, a culpa é toda sua. Consequentemente, a saúde mental fica abalada porque de certa forma você se sente incapaz, já que dependia só de você e mesmo assim não deu certo. Acho que foi por isso que comecei a perder o interesse em estudar certas matérias e ganhei interesse em outras. (A19)*

De acordo com as falas acima, percebe-se uma preocupação dos indivíduos em não se limitarem a valores quantificáveis e que, mesmo com as pressões impostas pelo meio escolar, eles conseguem retomar uma consciência sobre si mesmos. Na fala do aluno A1, há uma clara preocupação em separar o tempo de lazer do tempo dedicado ao empenho escolar.

Na fala do aluno A5, há uma expressão bastante forte que serve de tentativa de demarcar sua identidade para além de valores quantificáveis. Porém, cabe também notar que, só pelo fato de existir essa tentativa de resistência, já se evidencia o quanto essa lógica de cobrança se naturalizou.

De modo geral, as falas desta subcategoria servem como fonte para apontar a relação entre o número da nota do indivíduo e o número de tempo dedicado para alcançá-la. Muitas vezes essa relação pode ocultar o que poderia ser mais significativo no processo de formação do aluno. Nesse sentido, o relato do aluno A19 demonstra a necessidade de que a aula não tenha como único objetivo um resultado positivo, mas que o próprio afeto pelo conhecimento traria como consequência a nota positiva. O aluno A19 aponta que esse afeto não vem apenas do aluno, mas o professor representa um papel determinante e uma força contagiante para o aluno.

Na quarta subcategoria A pressão é naturalizada, vista como “normal” ou “necessária”, obtivemos as seguintes respostas:

Sim, foi extremamente importante pra mim esse assunto. (A8)

*Sim eu achei muito útil, pois mostrou também que **na vida adulta nós teremos uma pressão maior na nossa rotina**. (A16)*

Sim, o conceito de “sociedade de desempenho” foi útil para entender melhor

como a pressão por produtividade afeta minha vida (A17)

As respostas dos alunos destacadas acima, embora curtas e sem muito desenvolvimento, podem significar quanto à percepção de um problema por parte dos alunos, mas não indicam uma preocupação em tratá-lo. Claro que podemos interpretar isso de outras formas, como pela falta de domínio sobre o assunto, já que temos respostas mínimas ou genéricas. Mas, por trás dessas respostas mínimas e genéricas, pode-se vislumbrar certa naturalização da lógica do desempenho na vida de estudante. Destaca-se a fala do aluno A16 que tem a previsão de que passará pela mesma pressão na vida adulta, como se fosse algo inevitável. A BNCC coloca como um dever da escola preparar o aluno como um sujeito protagonista, interpreta-se aqui com uma pressão no sujeito:

Com base nesse compromisso, a escola que acolhe as juventudes deve: [...] • garantir o protagonismo dos estudantes em sua aprendizagem e o desenvolvimento de suas capacidades de abstração, reflexão, interpretação, proposição e ação, essenciais à sua autonomia pessoal, profissional, intelectual e política; [...]. (BRASIL, 2018, p. 465)

No que concerne à quinta subcategoria *Cansaço, ansiedade e sobrecarga afetam a saúde*, os alunos disseram o seguinte:

*Sim. Percebi que muitas vezes eu me cobro demais para dar conta de tudo, tirar boas notas, etc, o que acaba gerando **cansaço e ansiedade**. Às vezes, essa busca por resultados faz a gente esquecer de cuidar da saúde mental e física. (A3)*

*Sim, o conceito de “sociedade de desempenho” me ajudou a perceber como a pressão por ser produtivo o tempo todo afeta minha rotina e minha saúde. Entendi que essa cobrança constante pode causar **cansaço, ansiedade e até desmotivação na escola**. Aprendi que é importante equilibrar os estudos e o descanso, valorizando o que aprendo e não só o quanto produzo. (A4)*

*Sim. O conceito me ajudou a perceber que muitas pressões que eu sentia no dia a dia como tentar dar conta de tudo, tirar boas notas, ser produtiva o tempo todo fazem parte dessa lógica da sociedade de desempenho. Isso me fez entender melhor por que, às vezes, **me sinto cansada, ansiosa ou sobrecarregada**. Na rotina escolar, percebo que essa cobrança constante afeta meu foco e meu bem-estar, porque fico mais preocupada em entregar resultados rápidos do que em aprender com calma e profundidade. (A12)*

Nesta subcategoria, tratamos do termo mais central - o cansaço - e de sua relação com a forma como ele afeta a saúde do aluno e não apenas os indivíduos que já estão em seus postos de trabalho. Na realidade, um olhar atento para as respostas do questionário indica o cansaço como tema central e majoritário das falas. Mas, aqui, selecionamos as falas que foram mais explícitas.

O resultado de toda essa lógica não é apenas o possível total esgotamento de muitos indivíduos que já se encontram em seus postos de trabalho, mas do aumento no número de alunos que começam a desenvolver condições psicológicas como ansiedade, depressão ou mesmo o burnout, que podem ser causados pela consciência das expectativas que são colocadas em cima deles e a sensação de incapacidade, ou seja, do “não-poder-poder” alcançá-las. (Reis. 2023, p. 76)

Em relação à sexta subcategoria *Esforço por reconhecimento externo*, obtivemos a seguinte resposta:

Sim, foi importante pois isso me fez perceber que não só eu mas muitos outros alunos se "matam" por uma competição onde o prêmio é meramente ilustrativo [...] muitas vezes porque seus responsáveis querem e não pela vontade dos alunos. Um esforço por reconhecimento alheio não traz felicidade, pois está, vem de nós mesmo (A14)

Notas, certificados e medalhas são compensações bastantes comuns na escola que serve de base para essa pesquisa. Observa-se que, neste trabalho, não se utiliza o termo “recompensa”, para deixar claro que tais premiações advêm de um esforço que pode ser, por muitas vezes, danoso psicofisicamente. Receber esse reconhecimento pode ser algo bastante estimulante, a princípio, para determinados alunos. Porém, essa premiação parece, de fato, algo distante de ser significativo (ao menos, o aluno A14 relata isso). É possível interpretar que esse reconhecimento não significa uma comunhão entre aqueles que reconhecem e aqueles que são reconhecidos. É importante deixar claro que, provavelmente, o “ilustrativo” que o aluno A14 se refere possui uma distinção forte ao que Han (2023) entende por simbólico.

O simbólico atua imediatamente na percepção. No âmbito pré-reflexivo, emocional, estético, ele influencia nosso comportamento e nosso pensamento. Símbolos produzem coisas comuns que tornam possível o nós, a coesão de uma sociedade. Só por meio do simbólico, do estético, forma-se o sentimento compartilhado, o Sym-Pathos ou a Com-Paixão. No vazio simbólico, em contrapartida, a comunidade se despedaça em indivíduos indiferentes, pois não há mais o vinculante e o associativo. A perda do sentimento compartilhado proporcionado pelo simbólico acentua a falta de ser. A comunidade é uma totalidade mediada simbolicamente. O vazio simbólico narrativo leva à fragmentação e à erosão da sociedade. (Han. 2023, p.91-92)

Ao se deter no termo “simbólico”, Han toma como base sua interpretação de Eros, mais precisamente, o Eros narrado pelo personagem Aristófanes, na obra *O Banquete*, de Platão. Tal Eros é compreendido como o amor que busca a sua outra metade. Trata-se de uma concepção de união.

O aluno A14 relata que a exigência por desempenho, que acreditava ser sua, não passava de um desejo alheio. Desejo que não une, mas que isola. Com o esvaziamento do simbólico, não há mais vida ou ser autêntico. Nesse contexto, a vida se reduz a algo banal; ela é apenas

uma sobrevivência.

O regime neoliberal eleva a produtividade ao isolar os seres humanos e lançá-los em uma competição brutal. Ele transforma a vida em uma batalha por sobrevivência, em um inferno da concorrência desenfreada. Sucesso, desempenho e competição são formas de sobrevivência. (Han. 2023, p.93-94)

✓ Categoria 5: Busca por resultados rápidos e impactos na relação com os conteúdos de estudo

No que concerne à categoria *Busca por resultados rápidos e impactos na relação com os conteúdos de estudo*, destacamos as seguintes subcategorias que emergiram das falas dos estudantes: *Aprendizagem Superficial e Mecânica (Foco na Nota, não no Processo)* “às vezes sinto que aprendo menos do que poderia”; *Pressão, Ansiedade e Autoexploração* “Somos limitados a um 10 e anulados se tiramos um 6”; *Ritmo Acelerado e Falta de Tempo para Elaborar* “preciso absorver os conteúdos rapidamente”; *Perda de Sentido e Desmotivação* “esquece rapidamente do que aprendeu”.

Em relação à primeira subcategoria *Aprendizagem Superficial e Mecânica (Foco na Nota, não no Processo)* “às vezes sinto que aprendo menos do que poderia”, obtivemos as seguintes respostas:

Sim. Quando o foco está só em tirar boas notas ou passar nas provas, o aprendizado fica mais superficial, porque a preocupação é decorar o conteúdo e ser sempre a melhor nota e a melhor aluna e não realmente entender o conteúdo. (A3)

Sim, porque quando fico muito focado em ter bons resultados rápidos, acabo estudando só para a prova e não para realmente entender o conteúdo. Isso faz eu aprender de um jeito mais superficial e esquecer depois. Percebi que é melhor estudar com calma, tentando compreender o que estou aprendendo, em vez de pensar só na nota. (A4)

*Sim, pois as vezes procuro estudar somente o **superficial** que sei que vai cair na prova. (A8)*

*Sim. Focar só em resultados rápidos faz eu estudar mais para tirar nota do que para entender de verdade, deixando o **aprendizado superficial e mecânico**. (A10)*

*Sim, pois na busca de um desempenho imediato e com um tempo curto, acabo por focar muito naquele resultado, **esquecendo-me de aproveitar o processo de aprendizagem e de aprender aquele conteúdo de verdade**. (A11)*

*Sim. A busca por resultados imediatos acaba fazendo com que eu estude mais para “acertar a prova” do que para realmente compreender o conteúdo. Isso cria um **ritmo acelerado e superficial**, porque priorizo memorizar rapidamente em vez de refletir ou aprofundar. Como consequência, às vezes sinto que aprendo menos do que poderia, já que fico mais preocupada com*

a nota do que com o processo de aprendizagem. (A12)

Sim, acabo estudando mais para cumprir uma meta do que para compreender de verdade o assunto. (A17)

*Sim. Muitas vezes estudo apenas para passar na prova, e não para realmente aprender. Isso faz com que eu decore conteúdos em vez de compreendê-los profundamente. Com o tempo, **percebo que esqueço com facilidade o que “estudei”, porque a aprendizagem não foi significativa.** (A18)*

As falas dessa primeira subcategoria apontam para algo que já foi observado antes, que é a superficialidade do aprendizado. Porém, o destaque interpretativo recai agora para a ideia de “performance”. Não se observa, com essas falas, alunos estimulados a formar-se, mas a performar. Nesse sentido, vale mais a aparência, a imagem exposta, a propaganda do que um aprendizado autêntico ou uma formação da pessoa.

Na sociedade expositiva cada sujeito é seu próprio objeto-propaganda; tudo se mensura em seu valor expositivo. A sociedade exposta é uma sociedade pornográfica; tudo está voltado para fora, desvelado, despido, desnudo, exposto. O excesso de exposição transforma tudo em mercadoria que “está à mercê da corrosão imediata, sem qualquer mistério”. (Han, 2017b, p.19)

Em relação à segunda subcategoria *Pressão, Ansiedade e Autoexploração “Somos limitados a um 10 e anulados se tiramos um 6”*, obtivemos as seguintes respostas:

*Sim! Aquele ditado “Quem não tem cão, caça com gato”. Querendo ou não o que os nossos pais e a escola querem é um boletim azul, a forma que você vai conseguir isso não importa. **Eles querem saber se vai passar, se aprendeu ou não aí é com você.** Não vemos apoio familiar ou pedagógico, praticamente não tem. **Somos limitados a um 10 e anulados se tiramos um 6** (A2)*

*Com certeza, as matérias que sinto alguma dificuldade de entendimento natural são as mais pressionadas, embora tenha diversas outras que são boas mas é como se só o defeito importasse. Portanto, **muitos conteúdos que eu poderia aprender naturalmente eu não consigo justamente porque já tenho incluso no pensamento a pressão e pensamentos pessimistas** (uma das consequências de cobranças em excesso, a famosa ansiedade). (A5)*

Sim, chegando a minha mente não absorve essas matérias caso tire alguma nota baixa (A6)

*Sim, muitas das vezes algo que eu gosto de estudar se torna chato e cansativo por conta de tantas outras matérias, além das atividades por fora como esportes e academia onde **além de uma cobrança acadêmica eu me cobro fisicamente e esportivamente** (A14)*

*Sim, em química e física. No último semestre **eu não senti muita vontade de realmente aprender as coisas, então eu só fazia o necessário para absorver o máximo para fazer as provas** (a minha sorte é que eu consigo memorizar conceitos facilmente).*

Em química foi porque eu achava as aulas um pouco entediadas devido a professora não avançar muito no conteúdo e não dar muita aprofundada (mas uma parte disso devia ser por causa da sala que ficava conversando).

Em física acho que foi por causa das notas baixas que eu tirei com certa frequência, isso me desmotivou de certa forma e teve um momento que eu só deixei mais de lado as aulas, principalmente no último bimestre. (A19)

As falas da segunda subcategoria demonstram alguns pontos já ressaltados acima, como a cultura da nota, o aprendizado superficial e o sentimento de ansiedade. Mas, aqui, destaca-se a fala dos alunos A14 e A19, que ilustram muito bem o fenômeno do *multitasking* (multitarefa) e da hiperatenção (que se trata de uma atenção ampla, porém rasa (Han, 2017a)). O aluno A14 fala do desgaste por se dedicar à vida acadêmica e aos esportes. Já o aluno A19 fala sobre desestímulo a aprender de forma mais profunda para apenas cumprir o necessário para ser aprovado nas múltiplas disciplinas do currículo. Nesse contexto, o que acontece na escola é o estilo de vida marcado pela sobrevivência (algo animalesco) e não marcado pelo tédio - que, segundo Han, não é algo negativo, mas algo necessário aos desempenhos culturais da humanidade:

Os desempenhos culturais da humanidade, dos quais faz parte também a filosofia, devem-se a uma atenção profunda, contemplativa. A cultura pressupõe um ambiente onde seja possível uma atenção profunda. Essa atenção profunda é cada vez mais deslocada por uma forma de atenção bem distinta, a hiperatenção (hyperattention). (Han, 2017a, p. 33)

Em relação à terceira subcategoria *Ritmo Acelerado e Falta de Tempo para Elaborar “preciso absorver os conteúdos rapidamente”*, obtivemos as seguintes respostas:

Sim. Pois, as vezes, quando buscamos resultados rápido, ele pode acabar pulando algo que seja importante, e no futuro pode cobrar essa parte esquecida (A7)

*Sim, **preciso absorver os conteúdos rapidamente** e fazer muitas questões, pois conciliar escola, trabalho e vida social é complexo. (A9)*

*Sim. **Acredito que essa facilidade de ter informações hoje em dia está influenciando a forma como estamos entendendo o conteúdo**, muitas vezes apenas no automático sem pensar naquilo que está sendo transmitido de fato. (A15)*

A terceira subcategoria reforça de forma coerente os tópicos debatidos na sequência. As falas retratam uma consequência da hiperatenção, que é o ritmo acelerado para lidar com as múltiplas tarefas da vida. Destaca-se aqui a fala do aluno A15 que não só observa a velocidade do cumprimento das tarefas, mas também das informações que bombardeiam nossa atenção.

Essa atenção dispersa se caracteriza por uma rápida mudança de foco entre diversas atividades, fontes informativas e processos. E visto que ele tem uma tolerância bem pequena para o tédio, também não admite aquele tédio profundo que não deixa de ser

importante para um processo criativo. (Han, 2017a, p. 33)

Em relação à quarta subcategoria Perda de Sentido e Desmotivação “esquece rapidamente do que aprendeu”, obtivemos as seguintes respostas:

Sim, já que isso reflete diretamente a minha vida. (A1)

Sim. O homem esquece rapidamente do que aprendeu, daí precisa aprender de novo (A13)

Sim, pois por causa disso, muitos não conseguem relacionar direito o conteúdo. (A16)

Neste grupo, observa-se o esvaziamento do sentido do aprendizado quando há a busca máxima por desempenho. Não apresenta-se aqui um conhecimento significativo, mas sim algo esquecível (descartável) e sem relação com a vida do aluno. Uma analogia possível para esse aprendizado vazio é com a ideia de “mero viver”, que Han - influenciado pelo pensamento de Aristóteles - afirma:

O capitalismo absolutiza o mero viver. O bem viver não é seu telos. Sua gana por acumulação e crescimento se volta contra a morte, que se lhe afigura como perda absoluta. Para Aristóteles, a pura aquisição de capital é perniciosa porque não é uma busca pelo bem viver, mas apenas uma busca do mero viver: “Por isso, muitas pessoas imaginam que esta seria a tarefa da economia ou administração da casa, e defendem reiteradamente a ideia de que se deve acumular bens monetários ou multiplicá-los infinitamente. A razão para pensarem assim é o esforço laborioso por viver, mas não para bem viver”[25]. (Han, 2023, p. 25)

Nesse sentido, o *mero aprender* equipara-se ao *mero viver*.

✓ Categoria 6: Criação artística e compreensão dos conceitos filosóficos

No que concerne à categoria **Criação artística e compreensão dos conceitos filosóficos**, destacamos as seguintes subcategorias que emergiram das falas dos estudantes: Sociedade do Desempenho e Hiperprodutividade; Autoexploração, Burnout e Esgotamento; Falsa Liberdade e Ilusão do “Self-Made Man”; Reflexão Existencial e Relação com a Própria Vida; Dificuldade de Memória ou Desconexão.

Em relação à primeira subcategoria Sociedade do Desempenho e Hiperprodutividade, obtivemos as seguintes respostas:

Eu criei o poema "multitarefas", que retrata como a geração atual realiza várias tarefas ao mesmo tempo, fazendo uma crítica à sociedade de desempenho. Ele ajudou a compreender melhor o conteúdo. (A1)

A minha criação mostra uma pessoa cercada por símbolos de produtividade, como

relógio, livros, computador e uma lista de tarefas, representando alguém sobrecarregado e sempre tentando dar conta de tudo. Ela me ajudou a entender melhor o conceito de “sociedade de desempenho”, pois mostra como as pessoas hoje se cobram para serem eficientes o tempo todo, como se fossem suas próprias chefes. Percebi que essa busca constante por resultados pode causar cansaço físico e mental, tirando a liberdade e o prazer de aprender e viver com tranquilidade. (A4)

*A minha criação apresenta um local de trabalho, onde o apresentador do projeto apresenta para o trabalhador, **porém o trabalho sabe sobre o projeto pois ele esteve a noite toda trabalhando com ele sobre esse projeto, evidenciando a busca da produtividade. (A7)***

Foi uma tirinha sobre uma garota que só pensava em ser produtiva e sua rotina era acordar, trabalhar e dormir. Esse trabalho me ajudou a compreender o assunto, pois eu tive que pesquisar e pensar em como retratar o que aprendi. (A8)

"O homem com vários braços" esquematizando o conceito de sociedade de desempenho de Byung Chul-Han. Ela é um exemplo de como a maioria das pessoas age hoje em dia, fazendo várias coisas ao mesmo tempo, muitas vezes sem descansar direito apenas para não perder a produtividade e ficar para "trás". (A15)

Minha criação foi um trabalho que representava os principais conceitos estudados. Quando eu produzi, precisei organizar e aplicar as ideias na prática, o que me ajudou a entender melhor os conteúdos filosóficos discutidos em aula. (A10)

A minha criação foi um poema sobre a filosofia de Byung Chul Han (A17)

A devolutiva sobre as produções artístico-filosóficas é bastante positiva. Os relatos dos alunos afirmam que o trabalho ajudou eles a compreenderem o conceito de sociedade de desempenho. Porém, é importante ressaltar aqui que não foi apenas visado a compreensão dos conteúdos, mas produção de conceitos filosóficos. Entende-se nessa pesquisa que, ao se apropriar dos conceitos e relacionando a própria vivência, ocorre também a atualização destes conceitos. Nesse sentido, a atualização é um traço da criação. A partir do poema abaixo, é possível vislumbrar um conceito original e autêntico, ao nível do aluno A1:

“Multitarefa
Corpos apressados, mentes divididas,
Em telas múltiplas, vidas partidas.
Pulsa o relógio, a alma se cala,
Tudo se move, ninguém mais para.

Faz mil tarefas, responde, produz,
Sorriso no e-mail, disfarça a cruz.
O chefe é sombra, o algoz é interno:
“Seja melhor!”, diz o grito moderno.

Não há patrão com voz autoritária,
Há metas próprias, prisão voluntária.
Não é chicote, é a própria missão:
Ser eficiente é nova opressão.”

Em relação à segunda subcategoria Autoexploração, Burnout e Esgotamento, obtivemos as seguintes respostas:

Foi de um homem que dormia no trabalho, o tempo era pouco para ele e ele só pensava em dinheiro, estava sempre com a mente ligada. Me ajudou a compreender melhor que temos que ter o tempo de descanso, lazer e o de estudar e trabalhar. (A3)

Minha criação foi um poema denominado "escravo de si mesmo" onde expressei como é a vida de uma pessoa que decide ser seu próprio chefe, com isso entendi melhor o conceito de self-made man (A6)

Eu, juntamente a um colega meu, fizemos um poema sobre o Burnout. Nela buscamos descrever como a busca por desempenho acaba trazendo consequências para a saúde mental e trazendo críticas à autoexploração. Esse trabalho me ajudou bastante a compreender os impactos da autoexploração e como funciona o burnout. (A11)

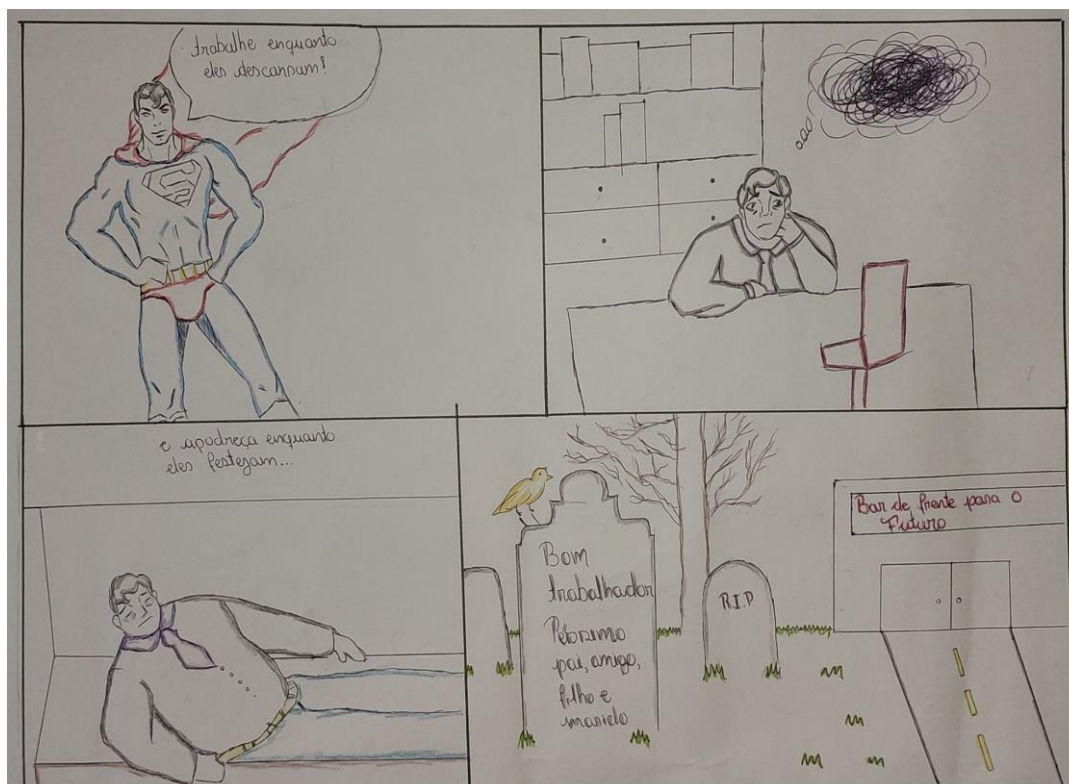
Os algozes de si mesmo. Essa obra descreve como é a vida de um estudante cheio de tarefas a cumprir. (A16)

Minha criação foi uma tirinha que retrata uma pessoa esgotada carregando um fardo pesado, com a frase "Trabalhe enquanto eles dormem". Isso nos ajudou a visualizar de forma crítica como a sociedade do desempenho pode levar as pessoas ao limite, mostrando que o excesso de trabalho e a busca incessante por produtividade podem custar a saúde e a vida. (A18)

Eu e minha equipe (Kenned, Joana e Pedro Lucas) fizemos aquele livrinho pequeno chamado Memórias Póstumas de um Trabalhador. Eu e Kenned escrevemos a história, Kenned fez os desenhos da capa e algumas ilustrações internas e Joana e Lucas fizeram os comentários finais. Por meio dele eu quis trazer a reflexão de que a ideia de sociedade do desempenho faz a gente ser espectador da nossa vida. Vivemos no automático, sempre buscando mais e cultivando essa ambição, e deixamos de ser protagonista da nossa história. Infelizmente, quando percebemos, pode ser tarde demais, como o caso do protagonista, que só percebeu quando estava literalmente nos seus últimos momentos de vida e acessou suas memórias principais. Lá não tinha nada de interessante, nada que cativasse a alma, só trabalho, meta de trabalho e cansaço. (A19)

As produções artístico-filosóficas do segundo grupo giraram em torno das consequências da sociedade de desempenho, sobretudo a autoexploração, o cansaço e o esgotamento. Temos a seguinte tirinha que apresenta um super-homem em relação ao trabalho, mas que, no fim da vida, se mostrou um fracasso em outros âmbitos da vida. A tirinha do aluno A18 termina com um epitáfio que serve como dura crítica ao sujeito de desempenho: "Bom trabalhador, péssimo pai, amigo, filho e marido".

Imagem 2 - Tirinha (aluno A18)



Fonte: Acervo da pesquisa, 2026

Em relação à terceira subcategoria Falsa Liberdade e Ilusão do “Self-Made Man”, obtivemos as seguintes respostas:

Foi um homem preso ao computador com uma placa atrás dizendo “zona da liberdade”. Ajudou a visualizar melhor os pensamentos teóricos (A2)

Minha criação foi um poema denominado “escravo de si mesmo” onde expressei como é a vida de uma pessoa que decide ser seu próprio chefe, com isso entendi melhor o conceito de self-made man (A6)

Eu abordei pensamentos como, trabalhadores de aplicativo que acham que tem seu negócio próprio, escala de trabalho mal planejada e governantes sem vontade de mudar isso, tudo isso abriu meus olhos a pensar nesses tópicos tão presentes do século 21 (A9)

Nesta subcategoria, temos a crítica à *liberdade da sociedade de desempenho* e à ideia do indivíduo “*chefe de si mesmo*”. Ambas as ideias já foram descritas ao longo dos capítulos anteriores, mas que, agora, são prestigiadas pela visão própria dos alunos com suas produções artístico-filosóficas:

“Escravo de si mesmo

Sou *self-made man*, chefe de mim mesmo,
Neste século, é normal, não é?
Trabalho no celular, sociedade de desempenho,
Onde o que move os indivíduos é poder que ganho.
Achamos que temos o controle, temos? Não
O que acontece de verdade é a autoexploração.

Como dizia o filósofo Byung-Chul Han,
Sobre como a autoexploração é bem pior do que a de outro,
Pois anda de mãos dadas com a liberdade.
Faço parte também desses falsos chefes de si mesmo,
Pergunte-me se me arrependo e te direi que sim,
Um sim cansado, um som inaudível.

Vão me perguntar, por que está cansado?
Você trabalha pelo celular, mas esse é o problema:
Não tenho tempo para descansar,
Porque, para ganhar, tenho que trabalhar.
Trabalho enquanto como, enquanto escovo os dentes,
Só não enquanto durmo. Essa é minha rotina: trabalhar.

Sou controlado. Posso colocar a culpa no meu chefe
Que me deu trabalho para casa? Não, pois meu chefe sou eu.
Posso usufruir da liberdade de escolher minha rotina?
Não, acordo pensando em trabalhar e durmo no mesmo.
A verdade é uma só: me tornei meu próprio escravo.” (aluno A6)

A poesia acima possui uma construção bem interessante, pois começa com o eu lírico apontando para a ilusão do século XXI, que é a liberdade do sujeito na *sociedade de desempenho*. Ou seja, a primeira estrofe já demonstra uma consciência do autor sobre o contexto do problema. Logo em seguida, o aluno cita a referência filosófica Byung-Chul Han e já faz jus ao pensamento de que a autoexploração é mais profunda do que a exploração externa. Na terceira estrofe, o eu lírico demonstra a sutileza de como as tecnologias criam uma linha tênue entre vida pessoal e vida profissional por estar sempre disponível com o celular, até mesmo na hora de escovar os dentes. A última estrofe reflete sobre a incapacidade de apontar culpados, pois não há senhorio externo.

Imagem 3 - Desenho (aluno A2)



Fonte: Acervo da pesquisa, 2026

Na imagem acima existe uma alusão ao indivíduo escravizado que ficava preso a uma bola maciça de ferro. Perspicazmente, os autores desse desenho criaram a metáfora que a bola de ferro que prende o indivíduo hoje é o computador (um exemplo de tecnologia contemporânea, a qual praticamente nenhum trabalhador pode evitar o uso). O rosto do sujeito retratado demonstra uma expressão de cansaço e o mesmo comenta: “quanta liberdade...” ao ver uma placa que indica que está numa “zona de liberdade”. Os autores do desenho ainda fortaleceram o contraste entre liberdade e prisão com um passarinho pousado/posado na placa. Há na tela do computador retratado um *e-mail* com uma demanda que deve ser cumprida dentro de um prazo, mas o toque especial deste e-mail é a mensagem de excesso de positividade que

diz: “você pode mais!”. Frase esta muito semelhante ao mandamento maior da *sociedade de desempenho*: “sim, eu posso!”.

Em relação à quarta subcategoria *Reflexão Existencial e Relação com a Própria Vida*, obtivemos as seguintes respostas:

Minha criação foi cheia de valores e cobranças na infância, porém hoje já estando com os dois fixos em mim, tenho aprendido a administrar a forma em como lido. Portanto, me serve muito como base de reflexão, pois estando ciente dos conceitos filosóficos servem como fonte de reflexões, como os aprendizados se relacionam com a minha vida. (A5)

Eu não entendi se isso foi uma pergunta sobre minha família ou autodesenvolvimento, mas em toda via eu sempre fiz quase tudo sozinho e minha família sempre estava lá pra me motivar, mas quase nunca ensinar. Meu pai e mãe não são escolarizados e meus irmãos ou estão casados ou trabalham fora então desde de novo sempre me cobro em ter sucesso para ajudar meus pais e hoje estão separados devido muitos fatores. Isso me ajudou a refletir mais nas aulas, principalmente nas conversas de teor teológico que tinha com meu pai. (A14)

*Eu e minha equipe (Kenned, Joana e Pedro Lucas) fizemos aquele livrinho pequeno chamado *Memórias Póstumas de um Trabalhador*. Eu e Kenned escrevemos a história, Kenned fez os desenhos da capa e algumas ilustrações internas e Joana e Lucas fizeram os comentários finais. **Por meio dele eu quis trazer a reflexão de que a ideia de sociedade do desempenho faz a gente ser espectador da nossa vida.** Vivemos no automático, sempre buscando mais e cultivando essa ambição, e deixamos de ser protagonistas da nossa história. Infelizmente, quando percebemos, pode ser tarde demais, como o caso do protagonista, que só percebeu quando estava literalmente nos seus últimos momentos de vida e acessou suas memórias principais. Lá não tinha nada de interessante, nada que cativasse a alma, só trabalho, meta de trabalho e cansaço. (A19)*

A presente subcategoria ultrapassa a dimensão da crítica social, e as produções artístico-filosóficas ganham uma conotação existencial. Um destaque impressionante é a obra feita pela aluna A19 e seus colegas, que, em pouco tempo, desenvolveram um conto intitulado *Memórias Póstumas de um Trabalhador*. Claro, trata-se de uma clara influência da obra do escritor Machado de Assis, intitulada *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. A crítica à vida vivida “no automático” e a perda do protagonismo aproximam-se das reflexões de Han em *Agonia do Eros* (2017a), onde ele discute o esvaziamento da experiência e a perda de sentido. A interpretação mostra que o ensino de filosofia, nesse grupo, cumpriu um papel formativo - ajudou os estudantes a refletir sobre a sua própria existência.

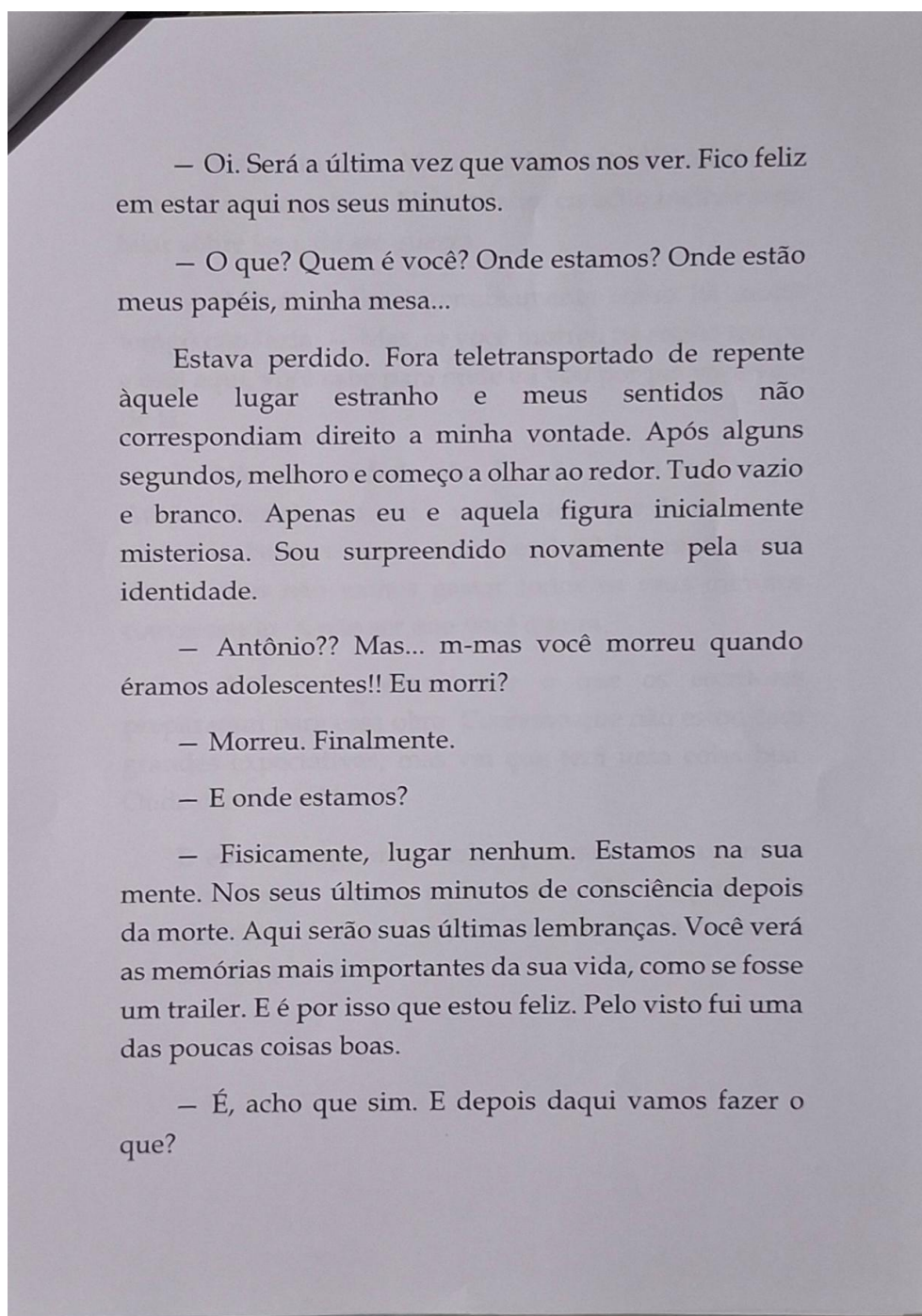
A seguir, apresenta-se alguns trechos do conto:

Imagem 4 – Capa do conto: *Memórias Póstumas de um trabalhador*



Fonte: Acervo da pesquisa, 2026

Imagem 5 - Página 3 da obra: *Memória Póstumas de um trabalhador*



Fonte: Acervo da pesquisa, 2026

Imagem 6 - Página 7 da obra: *Memória Póstumas de um trabalhador*

Ele gostava mais de receber presentes quando alcançava as metas. Eram lembrancinhas muito legais.

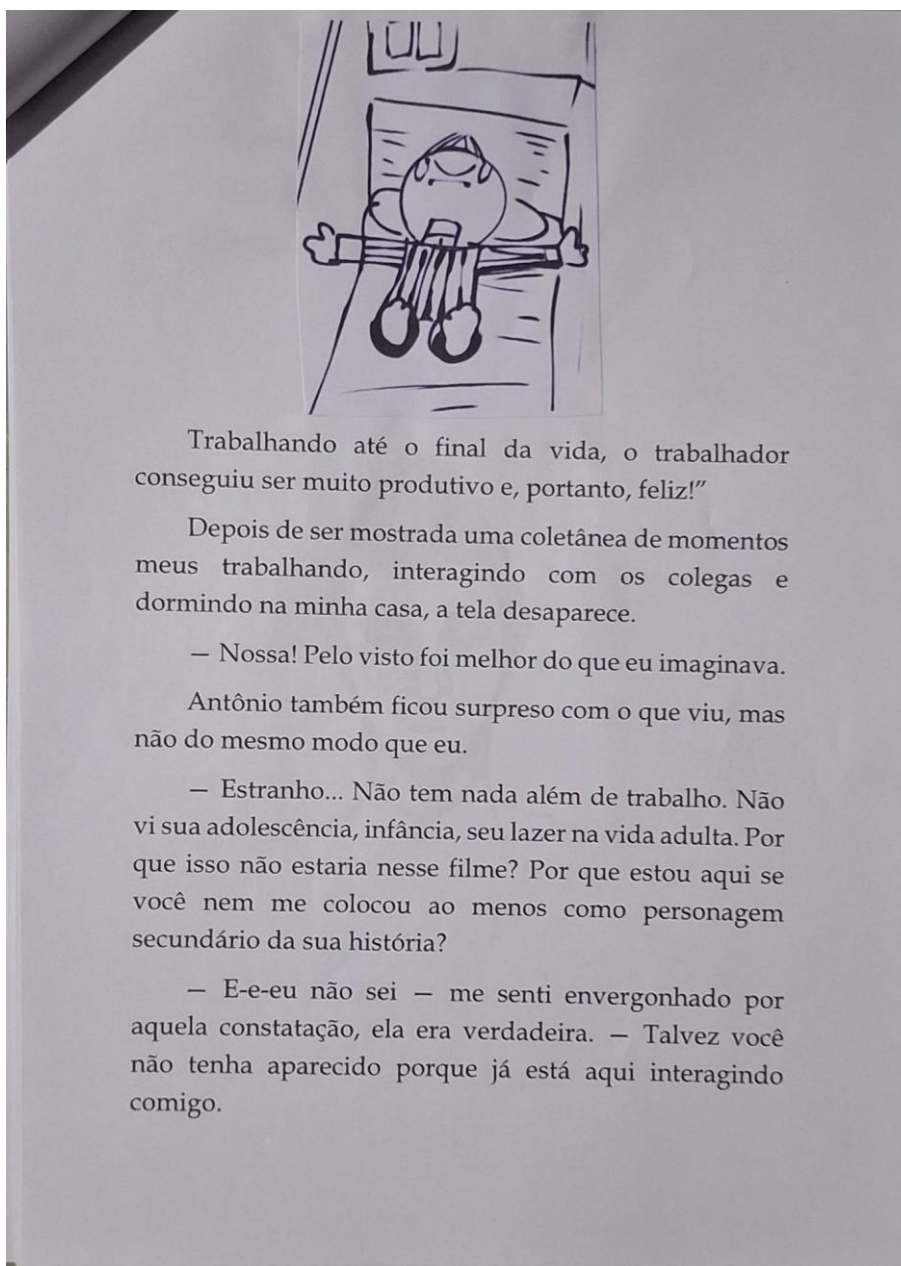


Mas, um dia, o trabalhador foi demitido. Ele não entendeu o motivo e ficou triste por causa disso. Ele era tão esforçado!



Mesmo triste, ele decidiu se reinventar. Até porque, como seu ex-chefe dizia, 'é trabalhando que se tem uma vida boa!'

Imagem 7 - Página 8 da obra: *Memória Póstumas de um trabalhador*



Fonte: Acervo da pesquisa, 2026

As imagens acima são partes de um conto que mereceria um artigo próprio só para ele. A capa da obra já identifica uma tensão existencial que se encontra no título. O personagem retratado na capa chora sangue por cima de uma máscara que ele mesmo segura. Talvez esse choro seja um grande remorso de ter vivido uma mentira, uma vida vulgar, uma vida sem significado, uma não-vida. O personagem tem em sua cabeça uma chave de corda, enfatizando ainda mais a vida mecânica que levava. No entanto, a percepção de sua condição só foi possível tarde demais, depois que ele morre e assiste a um filme sobre sua vida resumida a trabalho:

“- Estranho... Não tem nada além de trabalho. Não vi a sua adolescência, infância, seu lazer na vida adulta. Por que isso não estaria nesse filme? Por que estou com você aqui se você nem me colocou ao menos como personagem secundário da história?
 - E-e-eu não sei - me senti envergonhado por aquela constatação, ela era verdadeira.
 - Talvez você não tenha aparecido porque já está aqui interagindo comigo.” (trecho do conto)

Em relação à quinta subcategoria Dificuldade de Memória ou Desconexão, obtivemos as seguintes respostas:

Não lembro (A12)

Um desenho esquisito que tem dois emojis, um reclamando da vida, outro vendendo dindin, e um vêi no teto sem trabalhar (A13)

A última subcategoria demonstra que as propostas de tarefas em sala de aula não foram totalmente exitosas. Embora tenha havido engajamento majoritário de alunos, alguns poucos não conseguiram se engajar o suficiente e fizeram as tarefas apenas por nota, logo depois esquecendo-se do que produziram. Mesmo numa aula de Filosofia que se propõe como resistência à lógica da superficialidade provocada pela sociedade de desempenho, ainda tivemos exemplos de alunos que não se desvincularam desta lógica.

✓ Categoria 7: **Obras mais apreciadas e justificativas**

No que concerne à categoria **Obras mais apreciadas e justificativas**, destacamos as seguintes subcategorias que emergiram das falas dos estudantes: Sociedade do Desempenho e Autoexploração; Burnout e Esgotamento Psíquico; Aparência de Sucesso vs. Sofrimento Interior; Identificação Pessoal e Espelhamento; Desinteresse, Indiferença ou Desengajamento; Narcisismo.

Em relação à primeira subcategoria Sociedade do Desempenho e Autoexploração, obtivemos as seguintes respostas:

A obra "Produtivo até dormindo", porque retrata perfeitamente a sociedade de desempenho. (A1)

Do trabalho de um aluno do 2º B. Não tem o nome no trabalho mas é um em que a pessoa está aprisionado ao computador e colocando algo na cabeça, está escrito "Não é o suficiente". Me chamou atenção devido a sempre acharmos que o q fazemos não é o suficiente em vez de prestarmos atenção no que já fizemos e no quanto nos esforçamos para fazer aquilo (A3)

Foi um desenho de um aluno do 2º D em que mostra um homem usando uma camiseta escrita "meu próprio chefe", mas está acorrentado a um computador, que cobra produtividade e prazos. Ele está na chamada "zona da liberdade", porém visivelmente cansado e desanimado. Isso mostra que, na sociedade atual, as pessoas acreditam ser livres e autônomas, mas, na verdade, estão presas à pressão por resultados, ao trabalho excessivo e à busca constante por desempenho. (A4)

*De um adulto correndo numa esteira que na frente dele está escrito " **Mais! Melhor! Agora!**", pois ele resume bastante sobre a sociedade do desempenho, evidenciando cada característica (A7)*

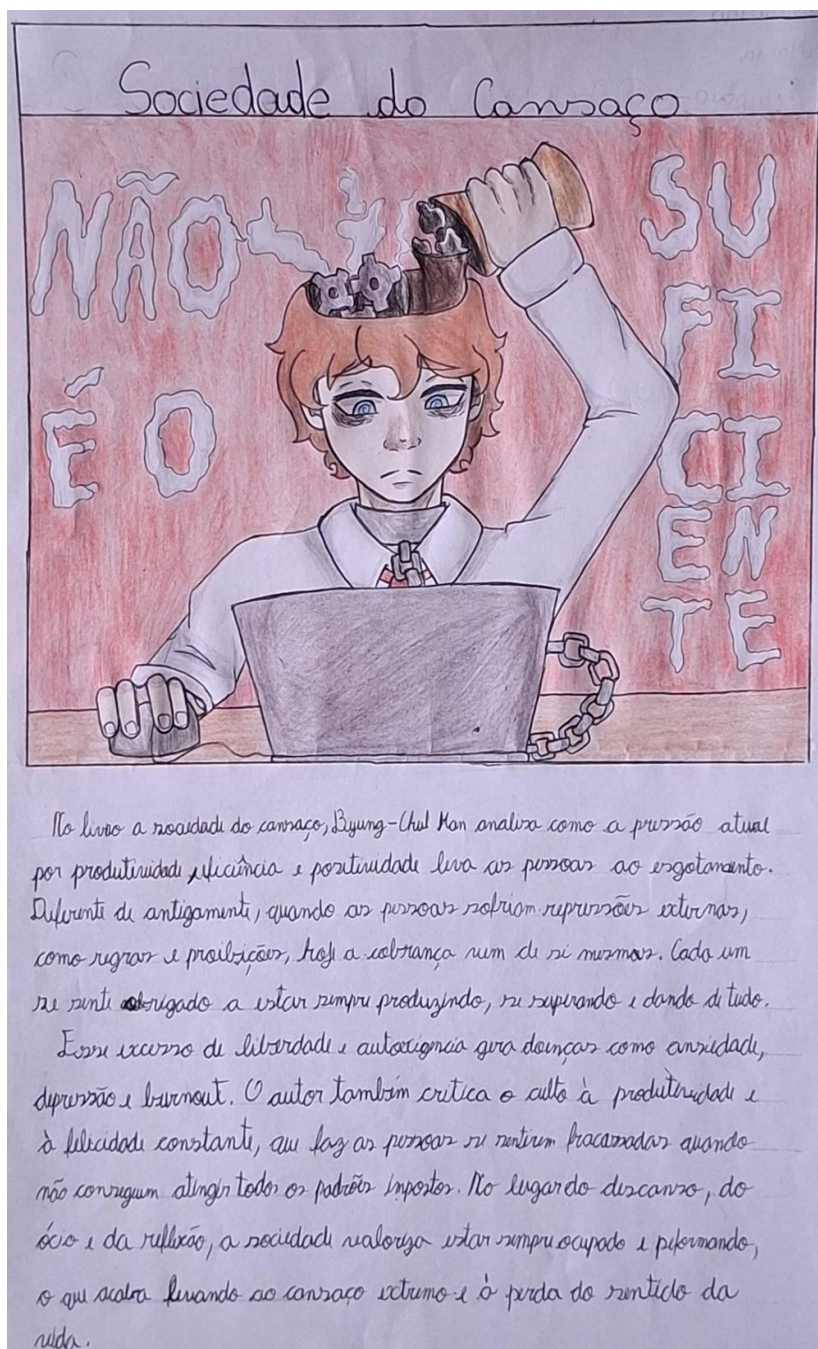
*Foi o **memórias póstumas de um trabalhador** que, além de criativo, retrata muito bem o tema. (A8)*

*Gostei mais da obra do "**homem com muitos braços**" que explica a sociedade de desempenho do 2º A. (A15)*

Os algozes de si mesmo. Pois ela fala a realidade de um estudante atual. (A16)

Na primeira subcategoria, percebe-se que os estudantes reconhecem, a partir das produções artísticas dos colegas, que a opressão não se apresenta mais de forma explícita ou autoritária, mas disfarçada de liberdade, autonomia e empreendedorismo. O sujeito acredita estar escolhendo produzir mais, quando na verdade está submetido a uma lógica estrutural de desempenho contínuo. A seguir, algumas das obras citadas nos relatos:

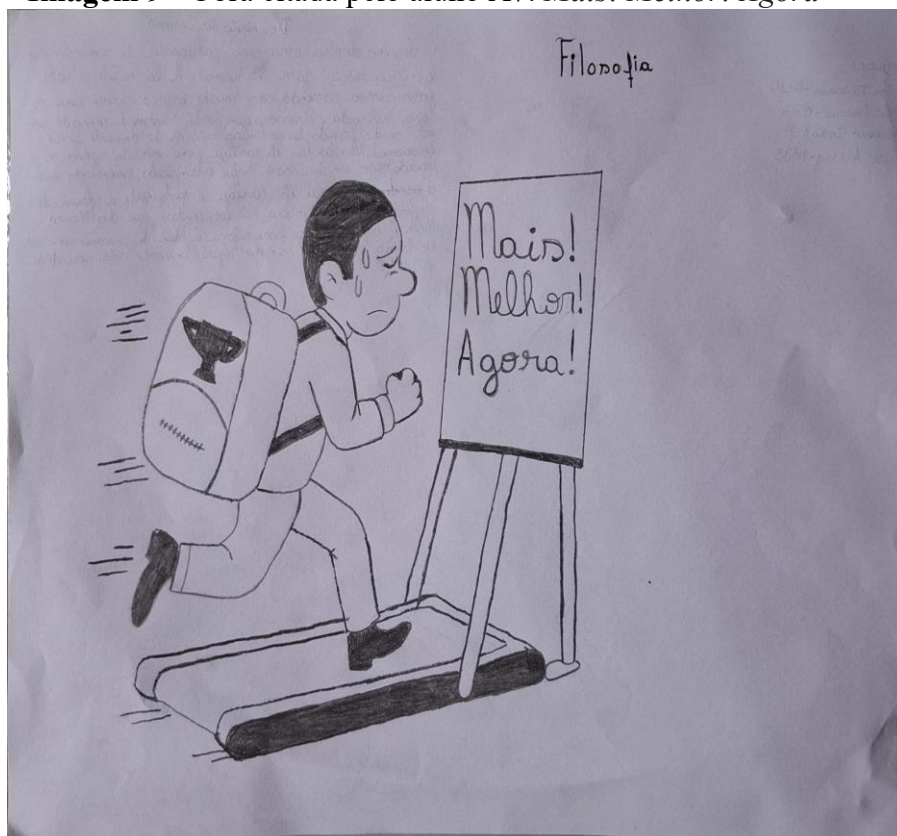
Imagem 8 - Obra citada pelo aluno A3: *Não é o suficiente*



Fonte: Acervo da pesquisa, 2026

A imagem acima pode ser um ótimo exemplo de representação do sujeito da *sociedade de desempenho*. Não se vê aqui um mero operário de fábrica, mas a figura de um executivo, um vendedor, um professor ou estudante, um programador - em suma, alguém que está constantemente preso ao seu computador em um escritório em casa ou na empresa. Curiosamente, o personagem insere engrenagens ou outros dispositivos na cabeça para melhorar a performance.

Imagem 9 - Obra citada pelo aluno A7: *Mais! Melhor! Agora*



Fonte: Acervo da pesquisa, 2026

!

Este é outro ótimo exemplo de representação do sujeito da *sociedade de desempenho*. Aqui vemos um personagem correndo numa esteira com os seguintes comandos de positividade: “Mais! Melhor! Agora!”. O personagem não está numa linha de montagem fabril com outros companheiros confinados. Observa-se aqui um indivíduo isolado em suas metas sobre uma máquina que estimula a autoperformance, uma máquina de academia *fitness*. Além da expressão de cansaço, ele carrega uma bolsa que simboliza a busca pelo prêmio, ou por um troféu.

Em relação à segunda subcategoria *Burnout e Esgotamento Psíquico*, obtivemos as seguintes respostas:

*Eu gostei do trabalho sobre o **trabalho excessivo** de Carla rayla do 2ºG que pessoas exercem funções do trabalho depois de chegar em casa (A9)*

*A obra sobre o **multitasking**, feita por um integrante do 2ºA, foi a que eu mais gostei. Eu achei interessante porque ela mostra de um jeito bem claro como o multitasking deixa a pessoa sobrecarregada. No primeiro desenho, dá pra ver a personagem cheia de tarefas ao mesmo tempo, toda confusa e acelerada. Já no segundo, mesmo deitada, ela ainda está pensando nas obrigações, mostrando que nem consegue desligar. Isso resume bem o impacto emocional dessa rotina, por isso foi a que mais me chamou atenção. (A10)*

*O desenho sobre **Burnout** no qual o homem tem sua energia representada por uma bateria de celular. Gostei bastante dessa obra pois ela representa muito bem o*

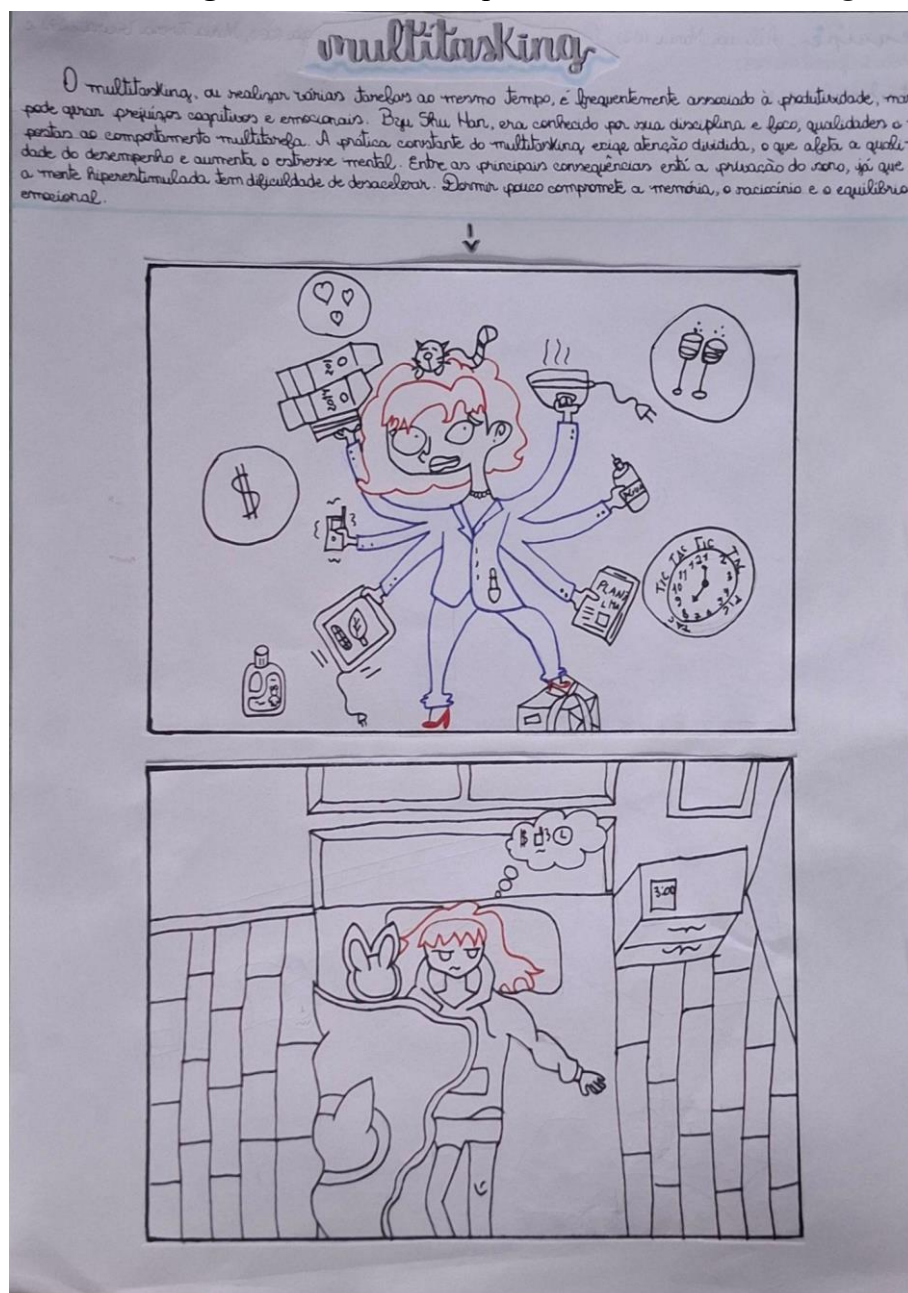
Burnout, trazendo uma metáfora da bateria com o cansaço e o desgaste. (A11)

Na segunda subcategoria, as produções artísticas-filosóficas citadas pelos alunos, indicam a capacidade dos mesmos relacionarem o *burnout* não como uma fraqueza individual, mas como consequência de um sistema que exige disponibilidade permanente. O trabalho invade o espaço doméstico e mental, eliminando a fronteira entre produção e descanso.

Segundo Han (2017a), as doenças da contemporaneidade são neurais: depressão, TDAH e *burnout*. Elas surgem do excesso de positividade e estímulo. O sujeito de desempenho adoece não por repressão, mas por excesso de cobrança interna e autossuperação constante.

A seguir, uma das obras citadas nos relatos:

Imagem 10 - Obra citada pelo aluno A10: *Multitasking*



Fonte: Acervo da pesquisa, 2026

A imagem acima apresenta dois momentos de uma tirinha que atualiza muito bem a ideia de *multitasking*. Na primeira cena, vemos uma personagem extremamente atarefada, bombardeada por estímulos, compromissos, etc. Listam-se aqui a necessidade de performar relações amorosas, cuidar de animais domésticos, de estudar, de passar roupa, de festejar ou de socializar, de atualizar a planilha, de limpar a casa, de ganhar dinheiro ou cuidar das finanças, de atender ao telefone celular, de organizar o tempo, de beber água, entre outras coisas. No segundo momento, se apresenta a consequência disso tudo: uma mente que não consegue

descansar e permanece desperta até a madrugada.

Em relação à terceira subcategoria *Aparência de Sucesso vs. Sofrimento Interior*, obtivemos as seguintes respostas:

*Gostei da arte em forma de **desenho onde colocaram nas costas do homem uma chave de corda**, foi uma ótima forma de demonstrar como os homens hoje em dia mesmo desgastados tem que agir por serem a todo momento cobrados (A6)*

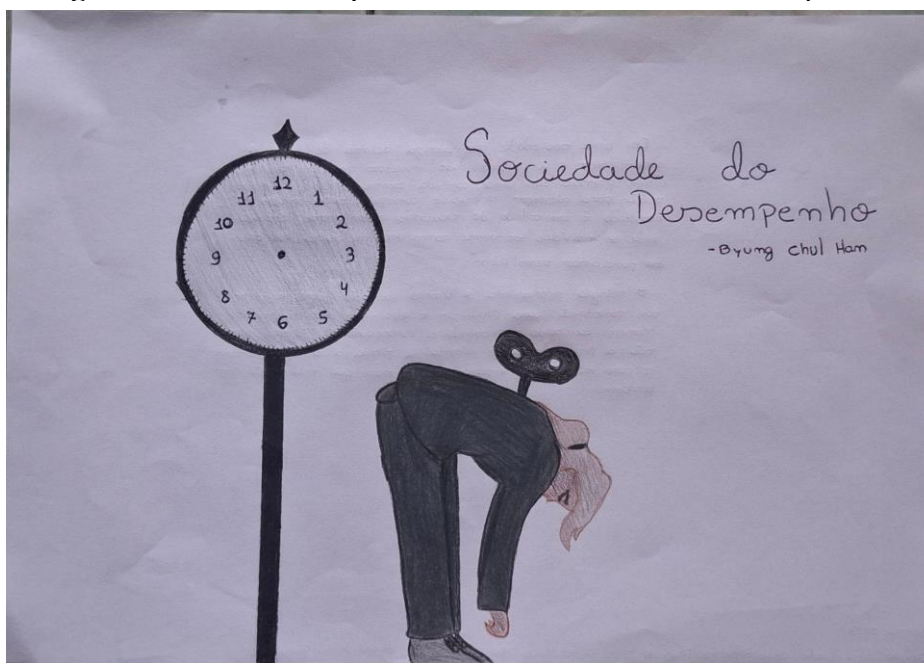
*A charge "**Finja até conseguir**" foi a que mais me marcou porque vai além de mostrar o cansaço, ela mostra a psicologia por trás do esgotamento na sociedade moderna: a necessidade constante de representar um papel de sucesso e a autocobrança destrutiva que define a nossa época. (A18)*

*Eu gostei de um desenho do 2º B, não sei de quem é, mas **é uma flor azul que está com uma expressão triste**, mostrando que os sujeitos do desempenho estão aparentemente felizes por fora mas acabados por dentro, e também do poema "Cinzas de mim" dos alunos Antônio Jonas e Pedro Ygor 2ºB, porque ele retratou o burnout com uma bela sensibilidade. (A19)*

Na terceira subcategoria, as obras citadas pelos alunos indicam uma tensão entre aparência e realidade. Estimulado pela culpa, caso fracasse em suas tarefas, o indivíduo precisa manter a performance de eficiência e felicidade, ocultando fragilidades.

A seguir, uma das obras citadas nos relatos:

Imagem 11 - Obra citada pelo aluno A6: *Sociedade do desempenho*

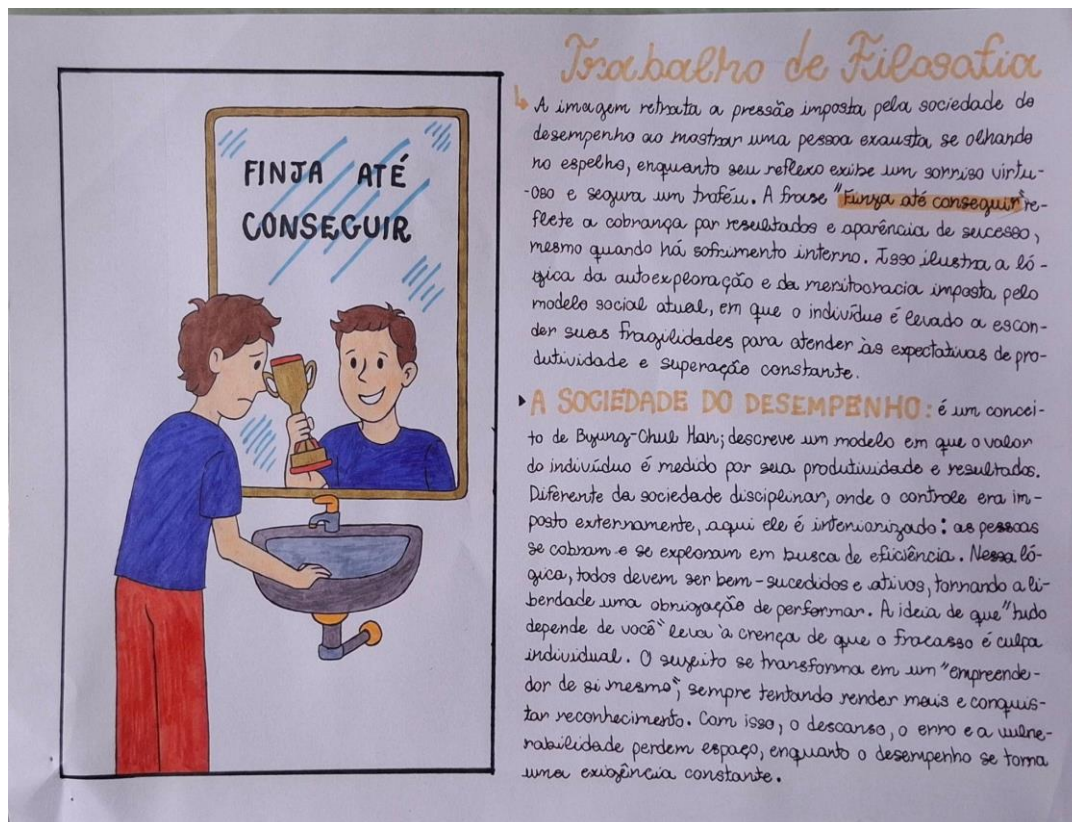


Fonte: Acervo da pesquisa, 2026

A imagem acima apresenta uma disputa entre o estímulo ilimitado da *sociedade de desempenho* e a capacidade limitada do indivíduo de lidar com pressão exigida. a seguir uma esclarecimento formulado pelos próprios autores:

O processo do capital e da produção acelera-se ao infinito pelo fato de eliminar a teleologia do bem viver. (Han, 2017c, p. 25) O relógio representa o tempo que não para, pressão constante de para produzir e alcançar resultados. O homem cansado representa a consequência dessa pressão: a perda de saúde mental e física, e a falta de tempo para si mesmo e para outras coisas que realmente importam. (Trecho da explicação dos próprio autores)

Imagem 12 - Obra citada pelo aluno A18: *Finja até conseguir*



Fonte: Acervo da pesquisa, 2026

A imagem acima mostra o indivíduo diante do espelho. A imagem refletida projeta positividade, conquista e sorriso. No entanto, a pessoa está cansada, desanimada e frágil. Para deixar bem enfático a ideia de performance e de aparente sucesso, os autores projetaram também no espelho a frase "Finja até conseguir". Podemos interpretar, a partir dessa frase, que para haver autoexploração é necessário o autoengano. De certa forma, isso já foi dito em outros momentos da pesquisa, quando se colocou a liberdade da sociedade de desempenho como uma mera ilusão.

Em relação à quarta subcategoria *Identificação Pessoal e Espelhamento*, obtivemos as seguintes respostas:

O desenho em formato de quadrinhos e anime, retrata como estão meus pensamentos em partes do meu cotidiano. (A5)

Os algozes de si mesmo. Pois ela fala a realidade de um estudante atual. (A16)

Na quarta subcategoria, a partir das obras apontadas, o aluno se inclui na dinâmica da sociedade de desempenho. A lógica da sociedade de desempenho já atravessa a juventude. O estudante não é apenas observador crítico, mas também vítima em seu cotidiano.

A seguir, uma das obras citadas nos relatos:

Imagem 13 - Obra citada pelo aluno A5: *Burnout*



Fonte: Acervo da pesquisa, 2026

A obra acima me afetou de forma particular. Primeiro, porque se utilizou de um estilo de origem japonesa que aprecio muito. No caso, a obra traz elementos de mangá (história em

quadrinhos de origem japonesa). Segundo, porque me identifiquei com a personagem que não conseguia parar de pensar em seus estudos (no meu caso, no meu projeto), mesmo em momentos de lazer e para socializar. A identificação só não é completa - ainda bem - porque eu não entrei em estado de *burnout*.

Em relação à quinta subcategoria Desinteresse, Indiferença ou Desengajamento, obtivemos as seguintes respostas:

Não vou saber explicar e nem dizer (A2)

Nenhuma (A12)

Eu não lembro, eu realmente só fiz pelo ponto, não conseguirei lembrar de certos detalhes por isso. (A14)

Os desenhos (A17)

Na quinta subcategoria, observa-se mais uma vez a falta de engajamento de alguns poucos alunos sobre as produções artístico-filosóficas dos colegas. Infelizmente, A fala do aluno A14, exemplifica aquilo que já foi falado sobre a cultura da nota em outros momentos da pesquisa.

Em relação à sexta subcategoria Narcisismo, obtivemos as seguintes respostas:

Da minha (A13)

Na sexta subcategoria, fica a curiosidade se a fala do aluno A13 ressalta um narcisismo, falta de interesse nas obras dos colegas ou ambos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa lança uma busca de como lidar de forma crítica com o fenômeno da *sociedade de desempenho* por meio do ensino de filosofia, entendendo a disciplina de filosofia como ferramenta criativa para a prevenção dos danos causados por esse modelo de sociedade. Nesse percurso, houve o intento de demonstrar que tal fenômeno está presente na rotina escolar, amparado pela BNCC, o que submete os alunos a uma lógica cruel de autoc coerção para a produtividade. Nesse sentido, a pesquisa promoveu um conjunto de atividades que não se reduziu a mera produtividade pela produtividade, mas que ampliou as capacidades contemplativas e criativas a partir da influência de metodologias de ensino alternativas.

Na seção “O que é *sociedade de desempenho*?”, foi explicitado que essa sociedade, conceituada por Byung-Chul Han no contexto contemporâneo, representa uma mudança de paradigma em relação à sociedade disciplinar de Foucault. Enquanto a sociedade disciplinar se baseava na negatividade, no dever e na punição externa, por meio de confinamento em instituições como escolas e fábricas, a sociedade de desempenho caracteriza-se pelo excesso de positividade, pelo incentivo à autonomia e pela sensação de liberdade, expressa no “sim, eu posso”. No entanto, essa aparente liberdade gera novas formas de coerção interna, levando a consequências nocivas como depressão, esgotamento e fracasso, ao contrário da sociedade disciplinar, que produzia “loucos e delinquentes”. Embora haja uma predominância do novo paradigma, o antigo não desaparece completamente, fragmentando-se. Por fim, nessa seção, justificou-se a pesquisa, de cunho filosófico, como uma forma de prevenção dos danos psicofísicos provocados por essa sociedade. A filosofia promove alternativas éticas e existenciais que resistem ao excesso de positividade.

Na seção *O ensino de Filosofia e as potências do pensamento*, foi apresentada uma fundamentação teórica para o ensino de filosofia em quatro passos: a definição de filosofia como “arte de fabricar conceitos” inspirada por Deleuze e Gallo; a metodologia prática de ensino; o compromisso político-social de problematizar a naturalização da *sociedade de desempenho*; e a adaptação dos quatro passos didáticos de Gallo (sensibilização, problematização, investigação e conceituação). A filosofia é entendida como criação conceitual, distinta da mera opinião ou reprodução enciclopédica, e o ensino proposto visa promover experiências de pensamento por meio do ócio criativo, interrompendo a lógica produtivista. O projeto assume o compromisso de colocar o aluno como sujeito reflexivo sobre o excesso de positividade e suas consequências. A prática pedagógica organiza-se em torno das

três potências do pensamento (filosofia, arte e ciência), por meio de leitura e interpretação, apreciações artísticas e debates em sala de aula. Os quatro passos didáticos incluem: sensibilização via arte para tornar o problema significativo; problematização; investigação com textos filosóficos; e conceituação, estimulando o aluno a fabricar seus próprios conceitos ou expressar valores alternativos artisticamente.

A partir da análise da relação entre as categorias BNCC, Reforma do Ensino Médio e sociedade de desempenho, foi destacado que a filosofia deixou de ser tratada como disciplina e passou a ser um mero componente da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Assim, a filosofia foi diluída no desenvolvimento de competências e habilidades. Essa abordagem, centrada no protagonismo e no empreendedorismo do estudante, reflete o excesso de positividade característico da sociedade de desempenho, na qual o indivíduo é levado a se autogerir e se responsabilizar por sua formação, tornando-se, paradoxalmente, “carrasco e vítima” de si mesmo. A Reforma do Ensino Médio (Lei nº13.415/2017) reforçou essa lógica ao reduzir a carga horária obrigatória e fragmentar o currículo, gerando ansiedade e sobrecarga nos alunos. Embora a nova Lei nº 14.945/2024 tenha amenizado alguns problemas ao aumentar a carga horária da formação básica e restabelecer a filosofia como componente obrigatório em todos os anos, a seção concluiu que há um longo caminho para superar as problemáticas apontadas.

Para além da discussão do referencial teórico desta pesquisa, são de grande destaque os resultados que obtivemos com a coleta e análise de dados, isto é, a parte empírica de nossa pesquisa. Muito do que se objetivou nesta pesquisa pode ser referenciado de forma positiva pela devolutiva dos alunos, ao menos majoritariamente. Conseguimos, por meio do ensino de filosofia, despertar a compreensão e a criticidade por parte do aluno acerca do problema de pesquisa: *sociedade de desempenho*. O aluno, além de “sentir na pele”, relacionou esse problema ao contexto individual e à sua rotina escolar, evidenciando que aquilo que é orientado pela BNCC se assemelha à lógica da sociedade descrita por Han. Por meio dos passos da metodologia de ensino inspirado no pensamento de Sílvio Gallo, os estudantes puderam criar conceitos, ao seu nível, e produzir *afectos* com suas produções artísticas. Por fim, essas produções compuseram um catálogo que pode servir de suporte para outros professores em suas aulas de filosofia.

A seguir algumas considerações no âmbito pessoal, social e profissional.

Esta pesquisa simboliza um marco na minha vida como professor. Primeiro, porque, embora o problema da *sociedade de desempenho* seja algo que sinto na pele todos os dias, foi com essa pesquisa que percebi que não estou sozinho. O nosso aluno, que é sujeito-alvo dessa

pesquisa, sente isso também. Mais do que qualquer um, o aluno é a peça mais frágil desse sistema, principalmente por ser um sujeito que ainda está em formação. É necessário que o ensino de filosofia seja solidário para com as fragilidades dos alunos. Acredito que a nossa pesquisa apontou um caminho para lidar com isso, por exemplo, mostrando que a escola não é lugar apenas de conquista de resultados, mas de formação humana.

O segundo marco foi reconhecer o quanto a relação ensino-aprendizagem e a relação aluno-professor envolvem uma troca constante e vital. Mais do que nunca, a partir dessa pesquisa, podemos aprender bastante no processo de ensinar os alunos. Em cada relato do questionário, em cada obra artística produzida, em cada conceito analisado, interpretado e atualizado pelo próprio aluno, pode-se notar não um aparente protagonismo, mas, de fato, um engajamento autêntico com a prática filosófica e artística. Nós, professores, podemos ensinar com mais qualidade e de forma mais significativa quando escutamos o aluno e o colocamos como verdadeiro protagonista.

Sinto que estes marcos também podem ser experimentados por outros professores que vejam esta pesquisa como um modelo, uma alternativa, uma sugestão para o ensino de filosofia. Não como algo engessado, mas como abertura. A filosofia está em constante movimento, atualizando-se; por que não o seu ensino? Nesse sentido, acredito que a nossa pesquisa cumpriu com o papel de ser mais um caminho para o ensino de filosofia, para ser suporte para as aulas de outros professores.

Não podemos negligenciar alguns desafios e limitações encontrados na pesquisa. A saber, os resultados positivos levados em consideração para o aluno não são unânimes. O que fazer com os demais alunos? A disciplina de filosofia ainda continua sendo uma entre tantas outras demandas da vida escolar. O número de aulas ainda é singular por semana, já o número de turmas em que o professor leciona continua sendo absurdamente grande para cumprir com sua carga horária. Tudo isso influencia num menor contato. Levando isso em consideração, é impressionante o que pôde ser feito mesmo com essas limitações. Talvez um caminho para lidar com isso, para engajar mais o aluno, seja propor um movimento coordenado entre as disciplinas, numa abordagem mais contemplativa/teórica e menos voltada para metas, competências e habilidade, entendidos aqui como valores da *sociedade de desempenho*.

Por fim, acreditamos que com esta pesquisa o ensino de filosofia avançou alguns passos na formação de alunos que assumem os problemas filosóficos como problemas seus e que vislumbram uma vida para além dos paradigmas estabelecidos e naturalizados. Nesse sentido, trata-se de sentir, problematizar, investigar e criar novas possibilidades de vida por meio da criatividade filosófica e artística.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ALVES, Francione Charapa. **A pesquisa como instrumento de formação docente**. 2011. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação) – Centro de Educação, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2011.
- ANDRADE, Rafael Douglas Sousa de. O Ensino de Filosofia na Sociedade do Desempenho: implicações tecnológicas neoliberais na escola e a importância das emoções na aprendizagem. **Revista Digital de Ensino de Filosofia**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. e20/1–18, 2024. DOI: 10.5902/2448065789268. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/refilo/article/view/89268>. Acesso em: 29 mar. 2025.
- ASPIS, Renata Lima; GALLO, Sílvio. **Ensinar a filosofia: um livro para professores**. São Paulo: Atta Mídia e Educação, 2009.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BARRA, Eduardo Sales de Oliveira; BARREIRA, Marcelo Martins. **A intervenção como prática constitutiva do Prof-Filo**. Kalagatos, v. 18, n. 2, 2021.
- BATALHA, E. R. C. **Recomendações técnicas para construção dos produtos educacionais**. 2019. 44 f. Guia (Produto Educacional de Mestrado) – Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, Pelotas, 2019. Disponível em: <http://proedu.rnp.br/handle/123456789/1644>. Acesso em: 30 jul. 2024.
- BITTENCOURT, Renato Nunes. A catástrofe da sociedade de desempenho e o trabalho positivado como caminho para a morte. *Aoristo – International Journal of Phenomenology, Hermeneutics and Metaphysics*, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 38–50, 2023. DOI: 10.48075/aoristo.v6i1.31565. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/aoristo/article/view/31565>. Acesso em: 29 mar. 2025.
- BITTENCOURT, Renato Nunes. **Sociedade de desempenho e governo da vida deficiente**. Educação e Filosofia, Uberlândia, v. 34, n. 70, p. 45–71, 2021. DOI: 10.14393/REVEDFIL.v34n70a2020-56419. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/56419>. Acesso em: 29 mar. 2025.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 28 ago. 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Documento de área: Área 46 – Ensino**. Brasília, DF, 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/ENSINO.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2024.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Novo Ensino Médio: perguntas e respostas**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=40361#barra-brasil>. Acesso em: 22 set. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Relatório de grupo de trabalho temático: produção técnica**. Brasília, DF, 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/10062019-producao-tecnica-pdf>. Acesso em: 30 jul. 2024.

CERLETTI, Alejandro. **O ensino de filosofia como problema filosófico**. Tradução de Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é filosofia?** Tradução de Bento Prado Junior e Alberto Alonso Muñoz. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhe. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

G1. **Sedentarismo e má alimentação são vilões do cansaço: pesquisa diz que 98% dos brasileiros se dizem cansados**. Globo Repórter, 17 abr. 2015. Disponível em: <https://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2015/04/sedentarismo-e-ma-alimentacao-sao-viloes-do-cansaco.html>. Acesso em: 29 mar. 2025.

GALLO, Sílvio. **Deleuze e a educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GALLO, Sílvio. **Filosofia: experiência do pensamento**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2016.

GALLO, Sílvio. **Metodologia do ensino de filosofia: uma didática para o ensino médio**. Campinas: Papirus, 2012.

GALLO, Sílvio; KOHAN, Walter Omar. **Filosofia no ensino médio**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

GALLO, Sílvio; MENDONÇA, Samuel. **A escola: uma questão pública**. São Paulo: Parábola, 2020.

HAN, Byung-Chul. **Agonia do eros**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017c.

HAN, Byung-Chul. **Infocracia: digitalização e crise da democracia**. Tradução de Gabriel Salvi Philipson. Petrópolis: Vozes, 2022.

HAN, Byung-Chul. **O desaparecimento dos rituais: uma topologia do presente**. Tradução de Gabriel Salvi Philipson. Petrópolis: Vozes, 2021.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. Tradução de Maurício Liesen. 7. ed. Belo Horizonte: Ayiné, 2018.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017b.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. 2. ed. ampl. Petrópolis: Vozes, 2017a.

HAN, Byung-Chul. **Vita contemplativa: ou sobre a inatividade**. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2023.

KARNAL, Leandro *et al.* **Identidade em ação: ciências humanas e sociais aplicadas: manual do professor**. São Paulo: Moderna, 2020.

LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

MAIA, A. C. B. **Questionário e entrevista na pesquisa qualitativa: elaboração, aplicação e análise de conteúdo**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

MASI, Domenico de. **O ócio criativo: entrevista a Maria Serena Palieri**. Tradução de Léa Manzi. 3. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2000. Disponível em: <https://copyfight.noblogs.org/gallery/5220/Domenico%2520de%2520Masi%2520-%2520O%2520%25C3%2593cio%2520Criativo.pdf>. Acesso em: 22 set. 2023.

MENDONÇA, Samuel; GALLO, Sílvio. **A escola: problema filosófico**. São Paulo: Parábola, 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. Rio de Janeiro: Abrasco, 2007.

RACHID, Laura. **BNCC é um desastre para a educação brasileira, critica Sílvio Gallo**. Revista Educação, 16 maio 2022. Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2022/05/16/silvio-gallo-bncc/>. Acesso em: 28 ago. 2022.

REIS, Leonardo dos Santos. **Entre a disciplina e o desempenho: uma reflexão sobre a educação escolar e suas controvérsias**. 2023. 79 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia, Subjetividade, Ética e Política) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2023.

SANTOS, Silvia Regina Macario dos. **A filosofia nos livros didáticos do novo ensino médio**. 2024. 120 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Filosofia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2024.

SILVA, Divino José da. **Sociedade de desempenho e governo da vida deficiente**. Educação e Filosofia, Uberlândia, v. 34, n. 70, p. 45–71, 2021. DOI: 10.14393/REVEDFIL.v34n70a2020-56419. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/56419>. Acesso em: 29 mar. 2025.

APÊNDICES

APÊNDICE A – SEQUÊNCIA DIDÁTICA

AULA 1: Título da 1ª aula: “Trabalho e ética na sociedade contemporânea: uma introdução”.

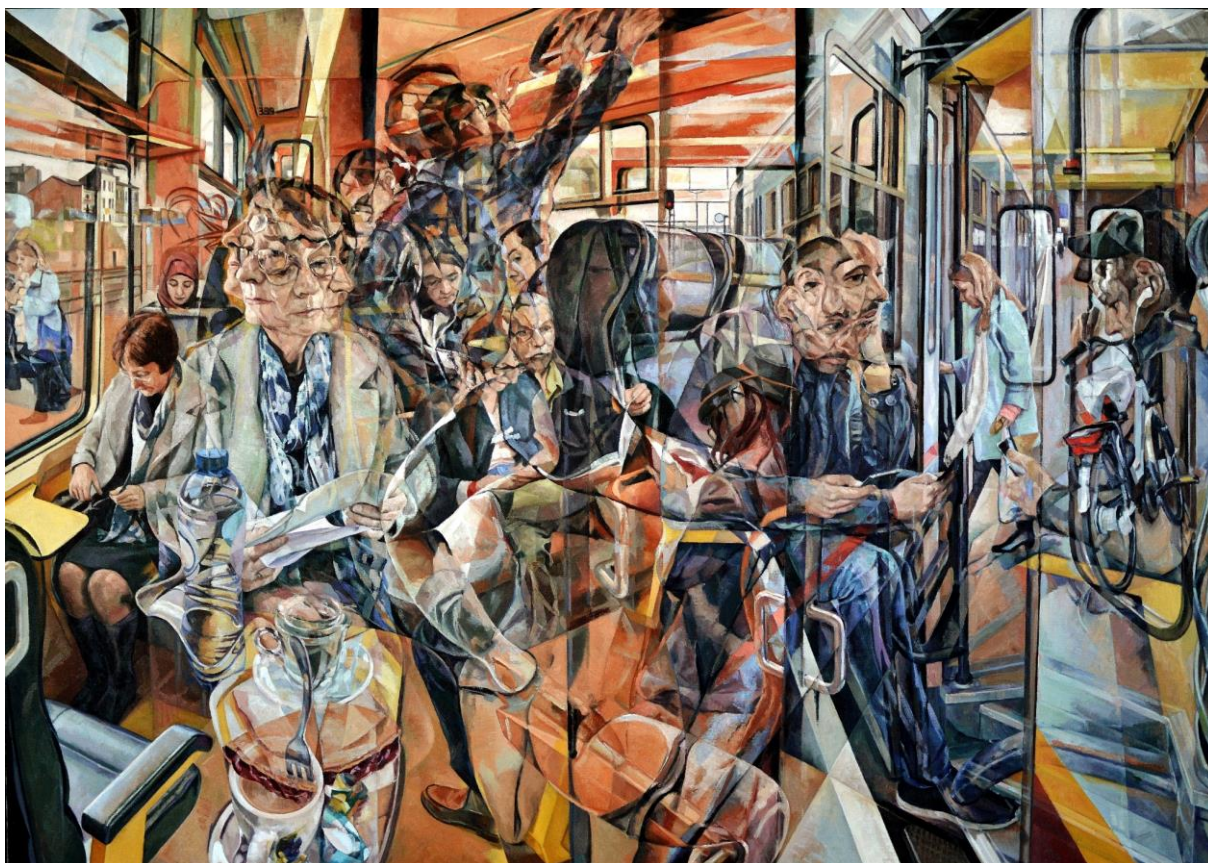
Objetivos:

- Apresentar a configuração mais atual do fenômeno do trabalho na sociedade contemporânea e suas problemáticas na vida do indivíduo.
- Sensibilizar os alunos de que os problemas relacionados à vida do trabalhador possuem proximidade aos problemas enfrentados por eles no ambiente escolar.
- Esboçar a necessidade de elaborar respostas que possibilitem lidar com os efeitos danosos da mudança dos modelos tradicionais do trabalho.

Materiais utilizados:

- Pintura “The cherry train” de Clive Head, 2017 (impressa ou projetada por data show)

Imagem - Pintura “The cherry train” de Clive Head, 2017 (impressa ou projetada por data show)



Fonte: KARNAL, Leandro *et. all.* **Identidade em ação:** ciência humanas e sociais aplicadas: manual do professor. São Paulo: Moderna, 2020.

- Trechos da obra “O novo espírito do capitalismo” de Luc Boltanski e Ève Chiapello.
- Esquematização por tópicos do tema em lousa ou projetado
- Livro didático: KARNAL, Leandro *et. all.* **Identidade em ação:** ciências humanas e

sociais aplicadas: manual do professor. São Paulo: Moderna, 2020.

Plano de Aula:

Apresentação e sensibilização (15 minutos)

- Iniciar a aula pedindo para que os alunos observem a pintura “The cherry train” de Clive Head, a fim de apresentar e sensibilizar o tema.
- Pedir para que os alunos apontem o que conseguiram perceber da imagem. Alguns poderão relatar confusão, excesso de informação, dificuldade de definir algo específico na imagem. Alguns poderão relatar a própria experiência de quando utilizam o transporte público lotado para ir à escola, a experiência do excesso de tarefas nos variados componente curriculares, a exigência de desempenho em avaliações internas e externas ao ambiente escolar etc.
- Explicar que os sentimentos e impressões provocados pela imagem estão intimamente relacionados ao fenômeno do trabalho na contemporaneidade. O excesso de estímulos, que vão desde o excesso de cores e ao excesso de traços, podem sinalizar na gente um estado de alerta, ânsia de dar conta de tudo, dificuldade de se concentrar em apenas uma tarefa num mundo tão acelerado.

Recapitulação de modelos tradicionais do trabalho e explanação acerca de novas lógicas do mundo do trabalho (25 minutos)

- A fim de introduzir o tema da sociedade de desempenho na próxima aula, se faz necessário aqui recapitular os últimos assuntos do primeiro bimestre, a saber a sociedade disciplinar de Michel Foucault que teve seu modelo bastante presente até meados do século XX.
- Apresentar as características de modelos mais flexíveis do trabalho que tomam o caráter rígido e de confinamento da sociedade disciplinar.
- Debater com os alunos sobre o aumento dos trabalhos rotativos, criativos e remotos e sua soma aos valores de empreendedorismo e iniciativa individual, não deixando de ressaltar como isso reverbera na própria formação da escola com aulas remotas, escolhas de eletivas para compor o currículo, incentivo a participação de projetos e avaliações internas e externas.
- Utilizar de forma transversal e panorâmica autores que falam sobre as novas dinâmicas do trabalho no mundo flexível. Sugestões como Luc Boltanski e Ève Chiapello e sua obra “*O novo espírito do capitalismo*”.

Avaliação (10 minutos)

- Observar a participação e a sensibilização dos alunos durante a aula;
- Avaliar a habilidade do aluno expressar a sua compreensão do tema e de propor as primeiras formulações de um problema que necessita de uma resposta filosófica.

Dicas: O foco principal dessa aula está na necessidade de *sensibilização* dos alunos. A intenção seria mostrar que o tema possui relação com a vida dos alunos, antes mesmo de formular um problema e buscar soluções para ele. Por isso o uso do recurso artístico que foi a pintura de Clive Head. Outro ponto central da aula é a contextualização de temas anteriores com temas atuais para esboçar um *problema*, isto é, uma questão cuja a mesma necessite de uma resposta filosófica.

AULA 2: Título da 2ª aula: “A sociedade de desempenho”.

Objetivos:

- Analisar a contraposição entre sociedade de desempenho (Byung Chul Han) e sociedade disciplinar (Michel Foucault).
- Explanar os recursos terminológicos que enriquecem a compreensão do fenômeno do desempenho: cansaço, excesso de positividade, excesso de estímulos, multitarefa (*multitasking*), autoexploração, chefe de si mesmo (*self-made man*), *burnout*.
- Explicar os efeitos nocivos que este modelo de sociedade provoca nos sujeitos.

Materiais utilizados:

- Música “Vamos ao trabalho” da banda titãs (caixa de som)
https://www.youtube.com/watch?v=1zxRXkjAtDA&list=RD1zxRXkjAtDA&start_radio=1
<https://www.letras.mus.br/titas/49005/>
- Trechos da obra “A sociedade do Cansaço”, Byung Chul Han.
- Esquematização por tópicos do tema em lousa ou projetado
- Livro didático: KARNAL, Leandro *et. all.* **Identidade em ação:** ciência humanas e sociais aplicadas: manual do professor. São Paulo: Moderna, 2020.

Plano de Aula:

Introdução (10 minutos)

- Pedir para os alunos prestarem atenção na música “Vamos ao trabalho” de Titãs. Após isso, fazer uma breve sondagem das atividades e demandas as quais os alunos devem cumprir na escola. (Observação extra: No decorrer deste período de quatro aulas deu para listar as seguintes atividades relatada pelos alunos que mal tinham terminado a semana de provas bimestrais: 1) a “semana de linguagem”, evento organizado pela área de linguagens e códigos na qual os estudantes apresentam trabalhos que mesclam elementos de feira de ciências e apresentações artísticas; 2) A primeira fase da VI Olimpíadas Internas de Ciências Humanas, que na modalidade do nível médio funciona como uma avaliação de 30 questões (8 de História, 8 de Geografia, 5 de Sociologia, 5 de Filosofia e 4 Instrução Militar), as quais os alunos que se destacarem ganham pontuação extra e até isenção de avaliação bimestral para as disciplinas de humanas; 3) Alguns relataram que ainda iriam fazer avaliações das eletivas, entre outras atividades.)
- Apresentar brevemente o conceito de *sociedade de desempenho* e perguntar aos alunos se estes enxergam uma relação com o cotidiano deles.

Explicação e debate aprofundado sobre o conceito *sociedade de desempenho* (30 minutos)

- Discutir que o excesso de demandas, tarefas e estímulos foi considerado por Byung Chul Han não como um avanço civilizatório, mas como um problema que pode ser nocivo ao corpo e a mente.
- Citar trechos da obra *sociedade do cansaço* e estimular análise interpretativa das ideias expostas na obra.
- Explicar as palavras-chave que compõem o escopo do conceito de *sociedade de desempenho*: cansaço, excesso de positividade, excesso de estímulos, multitarefa (*multitasking*), autoexploração, chefe de si mesmo (*self-made man*), *burnout*.

Avaliação (10 minutos)

- Observar se os alunos compreenderam bem o problema dado e o conceito formulado pelo pensador investigado nessa aula.
- Convidar os alunos a formarem grupos para os mesmos planejarem uma criação de uma arte e conceito próprios (uma atualização do conceito estudado) sobre o tema. No entanto, o resultado desse trabalho só será entregue na quarta aula.

Dicas: O foco desta aula está na tentativa de fecharmos a formulação do problema e

também de investigarmos a nossa principal referência. Nesta aula também deve ser proposta a avaliação principal desta série de aulas.

AULA 3: Título da 3ª aula: “O cansaço e o tempo livre”.

Objetivos:

- Apresentar o fenômeno do cansaço como efeito direto da lógica da sociedade do desempenho.
- Analisar dados estatísticos que demonstrem que esse fenômeno está presente na realidade brasileira.
- Explanar as ideias do autor Jonathan Crary que demonstra que o comportamento do sono está diretamente vinculado ao padrão de aparelhos tecnológicos e ao modo de trabalho do capitalismo 24/7 (24 horas por dia, 7 dias por semana).
- Debater a relação entre tempo de trabalho e tempo livre.

Materiais utilizados:

- Tirinha “Como eu realmente” de Fernanda Nia, 2019 (impressa ou projetada por datashow)
 - **Imagem** - - Tirinha “Como eu realmente” de Fernanda Nia, 2019



Fonte: KARNAL, Leandro *et. all.* **Identidade em ação:** ciências humanas e sociais aplicadas: manual do professor. São Paulo: Moderna, 2020.

- Esquematização por tópicos do tema em lousa ou projetado
- Livro didático: KARNAL, Leandro *et. all.* **Identidade em ação:** ciências humanas e

sociais aplicadas: manual do professor. São Paulo: Moderna, 2020.

Plano de Aula:

Introdução e sensibilização (10 minutos)

- Pedir aos alunos observarem a tirinha de Fernanda Nia.
- Solicitar que os alunos apontem o que conseguiram abstrair da tirinha. Alguns podem se identificar com a personagem da história, pois, enquanto em casa estão despertos, na escola ou no caminho para ela (no ônibus, por exemplo), sentem-se com muito sono.

Apresentar dados e reflexões sobre os temas cansaço e sono (30 minutos)

- Apresentar os dados do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope) a fim de iniciarmos um debate sobre a questão do cansaço não ser um tema distante relatado por um filósofo coreano. Segundo uma pesquisa do Ibope de 2013, 98% dos brasileiros entrevistados disseram estar cansados e 61% afirmaram se sentir exaustos.
- Explanar as reflexões dos trechos da obra *24/7: capitalismo tardio e os fins do sono* de Jonathan Crary. Nesta obra, são discutidas as mudanças de padrões de sono que ocorreram do início do século XX ao momento atual. Foi discutido como os serviços e negócios estão ganhando um caráter cada vez mais ininterrupto (24 horas por dia, 7 dias por semana).
- Explicar uma questão terminológica que se tornou padrão nos aparelhos tecnológicos (celulares, computadores, videogames), se trata da expressão *sleep mode*.

Avaliação (10 minutos)

- Apresentar orientações mais detalhadas sobre o trabalho final desta sequência de aulas. No caso, os alunos são convidados, em grupos, a fazerem um trabalho que possua duas partes: uma artística (que representa o conceito) e uma filosófica (que argumente e explique o conceito).
- Atribuir uma tarefa de casa aos alunos (esta tarefa pode servir de esboço para a parte escrita do trabalho final).
- Observar engajamento da turma com relação às propostas de tarefas.

Dicas: A ênfase deste momento é trazer mais elementos que promovam um aprofundamento da *investigação*. Com este aprofundamento, os alunos vão dispor de mais mecanismos na produção de conceitos, ou seja, na *conceituação*.

AULA 4: Título da 4ª aula: “O ensino de filosofia como alternativa criativa à sociedade de desempenho”.

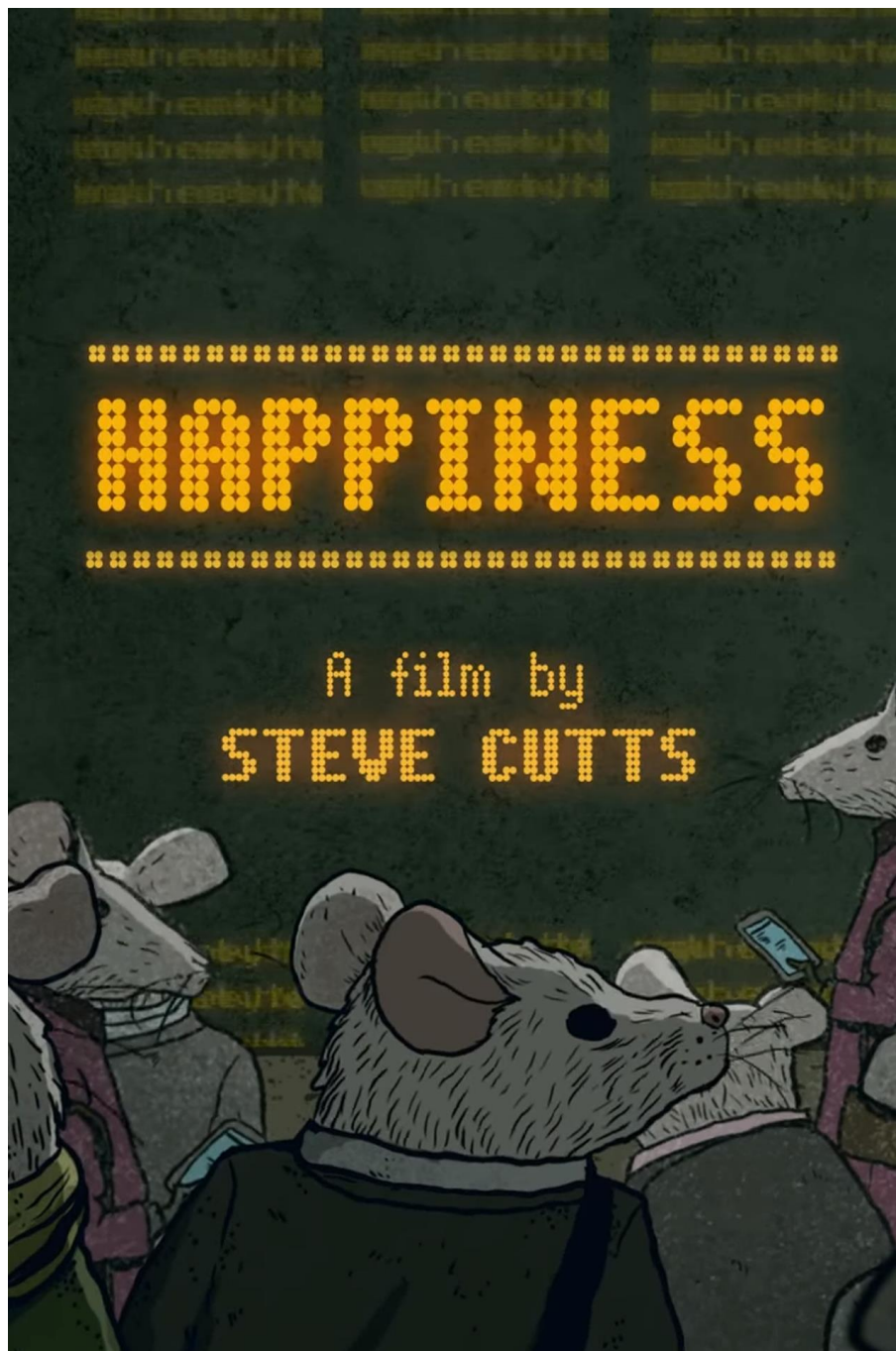
Objetivos:

- Discutir os resultados dos produtos realizados pelos alunos.
- Avaliar e corrigir o que for necessário nestes trabalhos.
- Apresentar o conceito de ócio criativo de Domenico de Masi

Materiais utilizados:

- Produtos realizados pelos próprios alunos
 - Curta-metragem “Happiness” de Steve Cutts, 2017 (este filme é conhecido no Brasil como “Corrida dos ratos”)
- <https://www.youtube.com/watch?v=e9dZQelULDk>

Imagem - Captura de imagem do Curta-metragem “Happiness” de Steve Cutts, 2017 (este filme é conhecido no Brasil como “Corrida dos ratos”)



Fonte: “Happiness” de Steve Cutts, 2017 (este filme é conhecida no Brasil como “Corrida dos ratos”)

<https://www.youtube.com/watch?v=e9dZQelULDk>

- Esquematização por tópicos do tema em lousa ou projetado
- Livro didático: KARNAL, Leandro *et. all.* **Identidade em ação:** ciências humanas e sociais aplicadas: manual do professor. São Paulo: Moderna, 2020.

Plano de Aula:**Apresentação e sensibilização: Exibir o curta Curta-metragem “Happiness” de Steve Cutts, 2017 (este filme é conhecida no Brasil como “Corrida dos ratos”) (10 minutos)**

- Debater como o tempo de trabalho afeta nosso tempo livre. Debater como o cansaço interfere na qualidade de nosso tempo livre, nos leva a um estado de busca desenfreada pelo prazer e pelo consumo (assim como no filme).

Apresentação breve do conceito de ócio criativo de Domenico de Masi (10 minuto)

- Explicar a criatividade como alternativa ao problema da sociedade de desempenho. Além disso, explicar que o que os alunos fizeram em casa trata-se de algo semelhante à noção de ócio criativo proposta por Domenico de Masi.

Avaliação e Autoavaliação (30 minutos)

- Receber e avaliar os trabalhos. Neste momento haverá a entrega dos trabalhos, mas também haverá espaço para compartilhar experiência daquilo que foi produzido artística e teoricamente.
- Abrir espaço de debate para os alunos expressarem oralmente sobre aquilo que produziram.
- Promover uma autoavaliação das questões trabalhadas nas últimas aulas do professor e dos trabalhos produzidos pelos alunos.

Dicas: Esse é o momento de colher os frutos de nossa “oficina de conceitos”. Como dito antes, esse projeto tem como novidade não apenas a fabricação de conceitos a partir de elementos escritos, mas também de *afectos* a partir de elementos artísticos. Foram produzidos pelos alunos pinturas, tirinhas, poemas, contos, jogos eletrônicos.

APÊNDICE B – ANUÊNCIA DE INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE

Eu, _____, responsável pela escola _____, situada à _____, declaro, para os devidos fins, ter ciência dos objetivos e metodologia do projeto intitulado O ENSINO DE FILOSOFIA COMO INSTRUMENTO DE REFLEXÃO SOBRE A SOCIEDADE DE DESEMPENHO E A BNCC que tem como objetivo compreender se o ensino de Filosofia, nos moldes da BNCC, pode contribuir para a reflexão crítica da sociedade de desempenho por parte de estudantes do Ensino Médio, que será desenvolvido pelo mestrando Alex Moraes de Melo, sob a orientação da professora Francione Charapa Alves.

Na condição de instituição co-participante desse projeto, autorizo a realização da coleta dos dados a partir dos estudantes de ensino médio, mediante acordo prévio entre o pesquisador e a gestão da escola à escolha dos dias e horários adequados para realização da coleta dos dados.

Esta autorização está condicionada à aprovação da referida pesquisa por um Comitê de Ética em Pesquisa antes do início da coleta de dados. O descumprimento desse condicionamento assegura-nos o direito de retirar esta anuência a qualquer momento da pesquisa.

Juazeiro do Norte- CE, _____ de _____ de _____

Assinatura legível do responsável pela Instituição e carimbo

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO (TCLE)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI
INSTITUTO INTERDISCIPLINAR DE SOCIEDADE, CULTURA E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM
FILOSOFIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI- PPGFI

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) pai/ mãe,

Seu/sua filho/a está sendo convidado(a) a participar desta pesquisa intitulada O ENSINO DE FILOSOFIA COMO INSTRUMENTO DE REFLEXÃO SOBRE A SOCIEDADE DE DESEMPENHO E A BNCC que tem como objetivo investigar de que modo o ensino de Filosofia pode fomentar a reflexão crítica sobre a *sociedade de desempenho*, considerando a BNCC alinhada ao modelo desta sociedade, por parte de estudantes do Ensino Médio. Ao participar desta pesquisa, ele/ela contribuirá com a sua percepção sobre esse tema, que será registrada por meio de aulas de Filosofia. Os dados da pesquisa serão utilizados para a produção de uma dissertação de mestrado e/ou publicação de artigos, bem como para a elaboração de um produto. Esclarecemos que os prováveis riscos da pesquisa incluem: a probabilidade de constrangimento ao relatar as situações experienciadas no dia a dia envolvendo o conceito de *sociedade de desempenho*, dificuldades que enfrentou ou enfrenta, bem como sentir-se incomodado(a) com o tempo dispendido nas atividades das aulas que serão realizadas na pesquisa (50 minutos). Esta dissertação também terá um produto em que o estudante fará atividades envolvendo artes visuais para representar o que entende pela *sociedade de desempenho*. As atividades serão fotografadas e utilizadas pelo pesquisador para o produto educacional.

Lembramos que a participação do seu/sua filho/a é voluntária, você tem a liberdade de não querer participar, e pode desistir em qualquer momento, mesmo após ter iniciado o(a) os(as) grupos de discussão sem nenhum prejuízo para ele/ela.

Os benefícios esperados com a pesquisa são contribuições científicas e sociais para ampliar os estudos na Universidade Federal do Cariri sobre o tema do ensino de Filosofia como instrumento de reflexão sobre a sociedade de desempenho e a BNCC. Nesse sentido, os maiores beneficiados serão as pessoas envolvidas com a investigação: os estudantes, bem como servirá também para os/as professores(as) da educação básica e pesquisadores(as). Se seu filho/ sua filha precisar de alguma orientação por se sentir prejudicado por causa da pesquisa, ou se o pesquisador descobrir que seu filho/ sua filha tem alguma coisa que necessite de tratamento, você será encaminhado(a) pelo pesquisador responsável Alex Moraes de Melo, (88)996947348,

alexmoraesdemelo.filosofo@gmail.com e pela sua orientadora Francione Charapa Alves. Fone: (85) 33617696/ Email: francionecharapa@gmail.com para o atendimento Psicológico do Instituto de Formação de Educadores da Universidade Federal do Cariri-UFCA. Ressaltamos que a pesquisa não incorrerá em nenhum custo para ele/ela, bem como não trará nenhuma remuneração por participar dela. Porém, confirmamos que sua participação será de grande importância para a execução desta investigação. Todas as informações que o(a) seu filho/ sua filha nos fornecer serão utilizadas somente para esta pesquisa e para publicações dela decorrentes. Os dados pessoais e as respostas ficarão em segredo e o seu nome não aparecerá em nenhum lugar dos grupos de discussão, nem quando os resultados forem apresentados, serão mantidos em absoluto sigilo de acordo com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS/MS) nº 466/2012 que trata da Pesquisa envolvendo Seres Humanos. Também está de acordo com a resolução (CNS/MS) nº 510/2016

Se quiser conhecer mais detalhes da pesquisa, se tiver alguma dúvida a respeito da pesquisa e/ou dos métodos utilizados na mesma, pode procurar a qualquer momento o(a) pesquisador(a) responsável e/ou com o/a licenciando/a:

Nome do pesquisador responsável:

Endereço:

Telefone para contato:

E-mail:

Orientador (a): Francione Charapa Alves

Endereço: Rua Vereador Tita Nicodemos, 161, Brejo Santo-CE

Telefone para contato: (85) 986092775

E-mail: francione.alves@ufca.edu.br

Se desejar obter informações sobre os direitos dos(as) seus(suas) filhos(as) e os aspectos éticos envolvidos na pesquisa poderá consultar o Comitê de Ética da sua Universidade:

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Cariri (UFCA), E-pelo

Endereço: R. Divino Salvador, 246 - Tupinambá, Barbalha - CE, 63180-000.

Telefone (88) 32219606

E-mail: cep@ufca.edu.br

Se o(a) Sr.(a) estiver de acordo que eu filho/ sua filha participe da pesquisa deve orientá-lo(a) a preencher e assinar o Termo de Consentimento Pós-esclarecido que se segue, e receberá uma via deste termo e a outra ficará com o(a) pesquisador(a) responsável:
Antecipadamente, agradecemos a sua colaboração.

Juazeiro do Norte-Ce, ____ de _____ de 2025.

Assinatura do(a) Pesquisador(a)

APÊNDICE D – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento que atende às exigências legais, eu _____ d
eclaro que, após leitura minuciosa do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, tive
oportunidade de fazer perguntas, esclarecer dúvidas que foram devidamente explicadas pelos
pesquisadores.

Ciente dos serviços e procedimentos aos quais serei submetido e, não restando quaisquer
dúvidas a respeito do lido e explicado, firmo meu ASSENTIMENTO LIVRE E
ESCLARECIDO para que participe voluntariamente desta pesquisa.

E, por estar de acordo, assino o presente termo.

Juazeiro do Norte- CE, _____ de _____ de _____.

Assinatura do participante

APÊNDICE E – ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO DO ESTUDANTE

1. Como acha que o ensino de Filosofia por meio das reflexões filosóficas nas aulas que tivemos contribui para a sua compreensão crítica das exigências e pressões na escola ou na vida cotidiana)? Comente.
2. De que forma a busca por resultados rápidos afetam o seu processo de aprendizado e sua visão sobre a escola?
3. Como você entendeu o conceito de "sociedade de desempenho" apresentado por Byung Chul Han?
4. Você acha que o conceito de "sociedade de desempenho" foi útil para você entender o impacto da pressão por produtividade na vida cotidiana, na sua saúde mental e física, e como isso se reflete em sua rotina escolar?
5. A busca por resultados rápidos focada no desempenho imediato como boas notas e sucesso nas avaliações, tem impactado a forma como você se relaciona com o conteúdo que estuda? Explique.
6. Qual foi a sua criação? Descreva-a e explique como ela ajudou você a compreender melhor os conceitos filosóficos discutidos em aula?
7. Das obras criadas pelos seus colegas, qual você mais gostou? Explique.

APÊNDICE F- QUADRO DE ANÁLISE

1) Como acha que o ensino de Filosofia por meio das reflexões filosóficas nas aulas que tivemos contribui para a sua compreensão crítica das exigências e pressões na escola ou na vida cotidiana? Comente.		
CATEGORIAS	Subcategoria/redução textual	TRANSCRIÇÃO
Ensino de filosofia e crítica às exigências e pressões na escola ou vida cotidiana	Desenvolvimento do pensamento crítico e da capacidade de questionamento de <i>que nem tudo precisa ser aceito do jeito que é,</i>	<i>A disciplina de filosofia contribui para a formação do aluno no que diz respeito à compreensão dos modos de pensar e do mundo. (A1)</i> <i>De forma positiva, me fazendo questionar e buscar outros meios de analisar as situações que não via antes (A2)</i> <i>As aulas de Filosofia me ajudaram muito a pensar de forma mais crítica sobre as cobranças e pressões que a gente vive, tanto na escola quanto fora dela, refletindo também que nem tudo precisa ser aceito do jeito que é, podemos questionar as coisas e entendermos melhor como tudo funciona. (A3)</i> <i>A Filosofia me ajudou a enxergar o mundo de forma mais crítica e racional, fortalecendo minha capacidade de lidar com as exigências da escola e da vida de maneira mais equilibrada e reflexiva. (A4)</i> <i>Ajudando a desenvolver seu pensamento crítica e a capacidade de questionamento (A7)</i> <i>Eu acho necessária, me ajudou a construir meu próprio pensamento crítico em relação a diversos temas, além de ter uma melhor compreensão sobre política e o modo como vivemos atualmente. (A8)</i> <i>O ensino de Filosofia contribuiu, a partir da visão da Byung-Chul Han, para que eu pudesse perceber como essa busca por resultados, a exigência constante de desempenho, ela é bastante presente na vida escolar e como ela pode ser prejudicial, trazendo consequências como o Burnout. (A11)</i> <i>Acredito que tais reflexões são importantes para o desenvolvimento do pensamento crítico por parte dos alunos, pois os mesmos terão a capacidade de analisar e repensar tais atos visando uma correção de atitudes e melhora da saúde física e mental. (A15)</i> <i>O ensino de Filosofia, por meio das reflexões em aula, me ajudou a compreender melhor as exigências e pressões da escola e da vida. (A16)</i>
	Compreensão das pressões como fenômeno estrutural (Sociedade do Desempenho) <i>“muitas pressões que vivemos na escola e no dia a dia não são naturais, mas construídas”</i>	<i>Esses dois semestres de aulas me deram um pensamento crítico muito mais elaborado sobre sociedade e a sua organização, contribuiu demais para o meu pensamento filosófico (A9)</i> <i>As aulas de Filosofia ajudaram-me a entender de forma crítica as pressões da escola e da vida cotidiana. Ao estudar Byung-Chul Han e a “sociedade do desempenho”, percebi que muitas cobranças que enfrento não são apenas pessoais, mas fazem parte de um sistema que exige produtividade constante. Isso me fez enxergar que nem toda pressão é natural e que é importante valorizar o descanso, a reflexão e o cuidado comigo mesmo. A Filosofia, assim, ampliou minha consciência e me ajudou a analisar melhor essas exigências (A10)</i> <i>A Filosofia nos ajudou a questionar o que parece “normal” na sociedade, como a cobrança excessiva por produtividade. Ao estudar pensadores como Byung-Chul Han, percebemos que muitas pressões que vivemos na escola e no dia a dia não são naturais, mas construídas por um sistema que valoriza o</i>

		<i>desempenho acima de tudo. Isso nos faz enxergar que não somos “culpados” por não dar conta de tudo, mas que estamos inseridos em uma lógica que pode ser prejudicial. (A18)</i> <i>Ele contribuiu para eu perceber que muitas vezes na nossa sociedade somos obrigados a abandonar bastante coisas que gostamos e nos identificamos em prol de alcançar desempenho e conseguir o retorno financeiro e social esperado.[...]A sociedade do desempenho exige que as pessoas tenham sucesso, que equivale a dinheiro e status, e atualmente uma das poucas maneiras do povão conseguir isso é realmente virando médico e advogado, porque eles recebem salários bem altos e a quantidade de conhecimento necessária (além da grana) dá o status. Para isso, basta estudar pra passar na universidade, e isso se faz “apenas tendo disciplina e foco, abdicando de distrações”, exatamente como a sociedade do desempenho prega. A parte que eu coloquei entre aspas tá entre aspas porque claramente não é necessário só isso, tem que ter uma boa condição econômica também pra conseguir pagar os materiais extras dos cursinhos, por causa que hoje, sobretudo depois do novo ensino médio, só assim pra pelo menos ver alguns conteúdos requisitados nos vestibulares.[...](A19)</i>
	Autoconhecimento e reconhecimento das pressões emocionais “a pressão que sinto comigo mesma é algo comum, logicamente não normal”	<i>Ajuda a refletir sobre como as diversas formas de sistemas e pensamentos estão inclusos no nosso dia a dia, na escola, em pessoas, na própria sociedade. Isso nutre e fortalece uma visão de mundo necessária a todos. (A5)</i> <i>Sim, com as aulas pude entender e refletir que a pressão que sinto comigo mesma é algo comum, logicamente não normal, mas que muitas pessoas também sentem isso (A6)</i> <i>Ao discutir temas como liberdade, responsabilidade, justiça, identidade e o papel das normas sociais, aprendi a analisar essas situações não apenas como obrigações impostas mas como algo para nosso desenvolvimento (A17)</i>
	Valorização da metodologia e da dinâmica das aulas “Fomentando a minha vontade por conhecimento e massificando o mesmo devido aos debates em aula.”	<i>Achei muito legal , o senhor sabe ensinar bem o conteúdo e de uma forma dinâmica .. (A13)</i> <i>Fomentando a minha vontade por conhecimento e massificando o mesmo devido aos debates em aula. (A14)</i>

2) De que forma a busca por resultados rápidos afetam o seu processo de aprendizado e sua visão sobre a escola?		
CATEGORIAS	Subcategoria/redução textual	TRANSCRIÇÃO
Resultados rápidos, o processo de aprendizado e visão sobre a escola	Aprendizagem superficial e cultura da nota “o conhecimento que levaremos pra vida é eterno e para prova só fica em um papel”	<i>Isso acarreta uma visão superficial do conteúdo da matéria em razão do tempo de aula e do número de aulas. (A1)</i> <i>Acaba atrapalhando bastante no processo de aprendizado, porque faz a gente se preocupar mais com notas e prazos do que com o que realmente está sendo aprendido. As vezes, fico tão focada em tirar uma boa nota ou cumprir prazos que esqueço de aproveitar o processo de aprendizado, o que</i>

		<i>também muda um pouco a forma como eu vejo a escola, em vez de um lugar pra crescer e aprender com calma, ela parece só um ambiente de pressão e comparação. (A3)</i> <i>A busca por resultados rápidos atrapalha meu aprendizado, porque acabo querendo só decorar as coisas em vez de entender de verdade. Isso faz eu ver a escola mais como um lugar de cobrança do que de aprendizado. Aprendi que aprender leva tempo e que o mais importante é entender o conteúdo, não só tirar nota. (A4)</i> <i>A busca por resultados rápidos prejudica meu aprendizado porque gera pressão e ansiedade, fazendo eu focar mais nas notas do que na compreensão real. Isso acaba fazendo a escola parecer um lugar de cobrança, e não de aprendizado. (A10)</i> <i>Essa busca por resultados rápidos por muitas vezes me faz esquecer do real significado de aprendizagem, onde acabamos por focar em uma aprovação e esquecemos de realmente aprender sobre aquilo que é ensinado. A escola deveria focar-se em formar cidadãos, ensinar o aluno a pensar por ele mesmo, mas a busca por desempenho acaba transformando esse espaço em uma busca constante por números e alunos focados somente na aprovação. (A11)</i> <i>Acabamos procurando ter uma boa nota (muitos colando ou estudando horas antes das provas, já que de acordo com o nosso sistema, o 10 tirado dessa forma aparentemente vale mais do que o 7 estudando com dedicação) e não um bom processo de aprendizado de fato. (A12)</i> <i>A busca por resultados rápidos com o objetivo de um sucesso a curto prazo culmina por apagar a parte mais importante que seria o processo e não o resultado, pois o conhecimento que levaremos pra vida é eterno e para prova só fica em um papel, tornando a visão sobre a escola algo conturbado que realiza o oposto do que deveria ser (A14)</i> <i>Pois dessa forma, você não compreende o assunto tratado nas aulas e não consegue um bom desempenho. (A16)</i> <i>Porque cria a sensação de que o mais importante é “entregar” na hora, e não aprender de verdade o conteúdo (A17)</i> <i>A busca por resultados rápidos, como notas e aprovações, muitas vezes tira o foco do verdadeiro sentido do aprendizado. Em vez de absorver e refletir sobre o conteúdo, corremos para cumprir prazos e tirar boas avaliações. Isso pode gerar ansiedade e superficialidade no conhecimento, fazendo com que a escola se torne um lugar de estresse, e não de crescimento real. (A18)</i> <i>Na minha visão, a forma como as escolas cobram o conteúdo não é eficaz porque no fundo ela não cobra o aprendizado do aluno, apenas sua capacidade de memorização e replicação de conteúdos decorados anteriormente.</i> <i>Por exemplo, o aluno pode nem ter estudado direito o assunto, mas se ele decorou os nomes e os conceitos de tal matéria na noite anterior ou até mesmo horas antes do exame ele tem</i>
--	--	--

		<i>grande chance de tirar uma nota ok, principalmente se for de uma matéria que não é de exatas. Acho que isto também é um dos grandes motivos pelo qual a área do senhor é tratada com menos importância do que matemática por exemplo, porque é bem mais fácil lembrar de nomes e conceitos do que memorizar fórmulas e aplicá-las em questões.</i> <i>Na verdade, pra mim a área de exatas é talvez a única em que a escola exige certo raciocínio e compreensão da lógica por trás, devido as questões não dizerem na cara qual conta usar. Nas outras geralmente se lembrar do texto do livro/anotação e usar interpretação de texto é suficiente. Mesmo assim ainda há certa decoração nas exatas porque boa parte dos professores não explica a lógica por trás e só dão as fórmulas mastigadas. E no fim ninguém entende nada e no semestre seguinte nem lembra direito o que era, mas tirando o 7 tá bom e é só isso que importa né.</i> <i>Deve ser por isso que muitas pessoas subestimam/desvalorizam quem se dedica ou vai bem em humanas, elas tem na cabeça que é só um monte de informação absorvida.</i> No entanto, é complexo você desenvolver o raciocínio pra realmente entender elas, conectar os assuntos e, principalmente, perceber que aquilo está sim no seu dia a dia. Basta ver a diferença de "prestígio" entre os alunos dada ao bom em física e o bom em filosofia/história/geografia/sociologia. <i>Isso é triste porque não desenvolve completamente o senso crítico e lógico dos alunos e não permite que eles de fato aprendam (ou pelo menos não os incentiva a querer aprender). Afinal, não vale a pena pra vida escolar perceber como aquele conteúdo se encaixa no seu contexto e a relevância dele. É por isso que muita gente não deve gostar de estudar: eles se sentem alienados em relação ao conteúdo. E também por esse fato que é recorrente a pergunta "pra que eu vou usar isso na minha vida?" direcionada a vários conteúdos de todas as matérias. (A19)</i>
	Ansiedade, pressão e bloqueio emocional: “a ansiedade em busca da resposta mais rápida afeta nosso aprendizado”	<i>De forma negativa, a ansiedade em busca da resposta mais rápida afeta nosso aprendizado, mas é inevitável o uso (A2)</i> <i>Acredito que essa atitude aumenta de forma exagerada a cobrança em si mesmos, tanto pressão interna quanto externa(escola, amigos, pais...). Isso pode interromper até um processo de maturidade necessária a se desenvolver, por você não ter espaço pra reconhecer nem seus próprios méritos, apenas aumentar seus defeitos pra si mesmo. Sentimento o qual te torna alguém inseguro emocionalmente e depende de validação social e diversos âmbitos. Ou seja, um adulto carrancudo que passa o tempo tentando suprir sua vida com trabalho e validação alheia e nunca amor ou cuidado próprio (problemático tá). (A5)</i> <i>No momento em que não consigo entender determinado conteúdo vou me fechando e acabo tendo um bloqueio com a matéria ou com o conteúdo, apenas por não entendê-lo rapidamente (A6)</i> <i>Me incentivam a me esforçar mais, mas, ao mesmo tempo, me desgasta (A9)</i>

		<i>Porque gera ansiedade pelo “logo” de algo que leva tempo e concentração como o estudo, de certa forma algo bastante problemático e a escola pode ser vista como um “atraso” para uma possível empreitada na vida adulta. (A15)</i>
	Aceleração e empobrecimento da experiência de aprender . <i>“sinto que meu cérebro fica com preguiça de pensar e pesquisar”.</i>	<i>Afeta no sentido da preguiça de buscar em livros ou fontes de consulta que não possui uma agilidade na resposta, prejudicando o aprendizado da pessoa. (A7)</i> <i>A busca por resultados rápidos me afeta negativamente, sinto que meu cérebro fica com "preguiça" de pensar e pesquisar. (A8)</i> <i>Prefiro fazer normalmente, não acelerando tudo de uma vez, se não, acabo esquecendo tudo. (A13)</i>
	Ambivalência: motivação e desgaste simultâneos <i>“Me incentivam a me esforçar mais, mas, ao mesmo tempo, me desgasta”</i>	A9 (também dialoga com categoria 2) <i>Me incentivam a me esforçar mais, mas, ao mesmo tempo, me desgasta (A9)</i>
	Crítica ao sistema escolar e suas contradições <i>“A escola deveria focar-se em formar cidadãos, ensinar o aluno a pensar por ele mesmo”</i>	<i>Essa busca por resultados rápidos por muitas vezes me faz esquecer do real significado de aprendizagem, onde acabamos por focar em uma aprovação e esquecemos de realmente aprender sobre aquilo que é ensinado. A escola deveria focar-se em formar cidadãos, ensinar o aluno a pensar por ele mesmo, mas a busca por desempenho acaba transformando esse espaço em uma busca constante por números e alunos focados somente na aprovação. (A11)</i> <i>Acabamos procurando ter uma boa nota(muitos colando ou estudando horas antes das provas, já que de acordo com o nosso sistema, o 10 tirado dessa forma aparentemente vale mais do que o 7 estudando com dedicação) e não um bom processo de aprendizado de fato. (A12)</i> <i>Na minha visão, a forma como as escolas cobram o conteúdo não é eficaz porque no fundo ela não cobra o aprendizado do aluno, apenas sua capacidade de memorização e replicação de conteúdos decorados anteriormente.</i> <i>Por exemplo, o aluno pode nem ter estudado direito o assunto, mas se ele decorou os nomes e os conceitos de tal matéria na noite anterior ou até mesmo horas antes do exame ele tem grande chance de tirar uma nota ok, principalmente se for de uma matéria que não é de exatas. Acho que isto também é um dos grandes motivos pelo qual a área do senhor é tratada com menos importância do que matemática por exemplo, porque é bem mais fácil lembrar de nomes e conceitos do que memorizar fórmulas e aplicá-las em questões.</i> <i>Na verdade, pra mim a área de exatas é talvez a única em que a escola exige certo raciocínio e compreensão da lógica por trás, devido as questões não dizerem na cara qual conta usar. Nas outras geralmente se lembrar do texto do livro/anotação</i>

		<i>e usar interpretação de texto é suficiente. Mesmo assim ainda há certa decoração nas exatas porque boa parte dos professores não explica a lógica por trás e só dão as fórmulas mastigadas. E no fim ninguém entende nada e no semestre seguinte nem lembra direito o que era, mas tirando o 7 tá bom e é só isso que importa né.</i> <i>Deve ser por isso que muitas pessoas subestimam/desvalorizam quem se dedica ou vai bem em humanas, elas tem na cabeça que é só um monte de informação absorvida. No entanto, é complexo você desenvolver o raciocínio pra realmente entender elas, conectar os assuntos e, principalmente, perceber que aquilo está sim no seu dia a dia. Basta ver a diferença de "prestígio" entre os alunos dada ao bom em física e o bom em filosofia/história/geografia/sociologia.</i> <i>Isso é triste porque não desenvolve completamente o senso crítico e lógico dos alunos e não permite que eles de fato aprendam (ou pelo menos não os incentiva a querer aprender). Afinal, não vale a pena pra vida escolar perceber como aquele conteúdo se encaixa no seu contexto e a relevância dele. É por isso que muita gente não deve gostar de estudar: eles se sentem alienados em relação ao conteúdo. E também por esse fato que é recorrente a pergunta "pra que eu vou usar isso na minha vida?" direcionada a vários conteúdos de todas as matérias. (A19)</i>
--	--	---

3) Como você entendeu sobre o conceito de “sociedade de desempenho” apresentado por Byung Chul Han?		
CATEGORIAS	Subcategoria/redução textual	TRANSCRIÇÃO
Entendimento dos alunos sobre o conceito de sociedade de desempenho	Autoexploração e internalização da cobrança “Não é mais alguém mandando ou cobrando diretamente, mas a própria pessoa que se cobra para ser produtiva.”	<i>A sociedade de desempenho é aquela em que as pessoas vivem pressionadas a mostrar resultados o tempo todo. Não é mais alguém mandando ou cobrando diretamente, mas a própria pessoa que se cobra para ser produtiva. (A3)</i> <i>Entendi que a “sociedade de desempenho”, segundo Byung-Chul Han, é aquela em que as pessoas são pressionadas a mostrar resultados o tempo todo. Em vez de serem controladas por regras externas, elas mesmas se cobram para serem produtivas e perfeitas. Isso acaba gerando muito cansaço, ansiedade e a sensação de que nunca é o bastante. (A4)</i> <i>Que as pessoas buscam sempre serem melhores e mais produtivas (pressão interna), evidenciando a sua autoexploração. (A7)</i> <i>Uma sociedade como um sistema que internaliza a pressão para o sucesso, transformando a liberdade individual em uma forma de coerção internalizada, onde o indivíduo está em constante guerra consigo mesmo para ser o máximo de produtivo possível. (A9)</i> <i>É aquela sociedade na qual a pressão não vem mais de um meio externo, mas está presente no próprio indivíduo, criando uma auto exploração, pressionando-se constantemente para sempre desempenhar mais e melhor. (A11)</i> <i>Entendi que a “sociedade de desempenho” é um modelo de vida em que as pessoas sentem que precisam estar sempre produzindo, melhorando e se superando. Segundo Byung-Chul Han, não é mais uma pressão vinda apenas de regras externas, mas uma cobrança interna: cada indivíduo se</i>

	<i>transforma em seu próprio “empresário”, exigindo de si mesmo resultados o tempo todo. Isso gera um ciclo constante de comparação, autocobrança e sensação de insuficiência. (A12)</i> <i>Uma forma na qual muitas pessoas buscam a produtividade sendo patrões e empregados de si mesmas, gerando cobrança excessiva e desgastando muito o indivíduo. (A15)</i> <i>A sociedade de desempenho, segundo Byung-Chul Han, é aquela em que as pessoas vivem sob pressão para produzir mais, ser sempre melhores e superar metas. Em vez de alguém mandar, nós mesmos nos cobramos o tempo todo. Isso gera cansaço, ansiedade e a sensação de que nunca é suficiente. (A16)</i> <i>É uma forma de organização social em que as pessoas deixam de ser pressionadas por regras rígidas ou autoridades e passam a se cobrar internamente para serem cada vez mais produtivas e eficientes (A17)</i> <i>Entendi que a “sociedade de desempenho” é uma forma de organização social em que a cobrança não vem mais apenas de chefes ou de um sistema opressor externo, mas de nós mesmos. Somos incentivados a ser produtivos o tempo todo, a nos superar constantemente, e isso gera uma autoexploração que pode levar ao esgotamento físico e mental, como a Síndrome de Burnout. (A18)</i> <i>Na sociedade atual, os sujeitos são incentivados sempre a ter o melhor desempenho, sendo o mais perfeito possível. Para alcançar a perfeição, eles têm que se esforçar e dedicar ao máximo, já que o desempenho ou sua falta é responsabilidade exclusiva deles mesmos. Por ser responsabilidade exclusiva deles, é vendido a ideia de que eles são os chefes deles mesmos, pois só as escolhas ditas e feitas por eles interferem.</i> <i>Através disso o sujeito cria metas e táticas de autogerenciamento e autocontrole em busca de resultados, resultados esses que servem para alcançar o sucesso financeiro e social. No entanto, ao fazer esse gerenciamento excessivo e acreditar nessa positividade exagerada que é a base dos papos chatos de coach insuportável, o indivíduo se esgota aos poucos sem perceber, porque ele passa a viver para trabalhar, em vez de trabalhar para viver, que é todos deveriam fazer para ter uma vida digna e saudável. (A19)</i>
Consequências na saúde mental (cansaço, ansiedade e burnout) “estamos constantemente sobrecarregando e exaustos, enquanto a instituição de ensino busca cada vez mais elevar seu status social”	<i>Esse termo explica a maneira como a sociedade está acelerada e a priorização da produção em detrimento da saúde mental. (A1)</i> <i>Horível! Byung fala sobre os trabalhadores, mas isso se encaixa perfeitamente no contexto aluno e escola. Nós, alunos, estamos constantemente sobrecarregando e exaustos, enquanto a instituição de ensino busca cada vez mais elevar seu status social. Visam notas e mais notas enquanto o aluno está desfalecendo, e também tem os alunos que são bons, mas com suas dificuldades e limitações, e são enquadrados em situações muito complicadas por não alcançar o top como os outros. Sofremos a pressão da escola, do governo, em casa e nossa mesmo. (A2)</i> <i>Entendi que a “sociedade de desempenho”, segundo Byung-Chul Han, é aquela em que as pessoas são pressionadas a mostrar resultados o tempo todo. Em vez de serem controladas por regras externas, elas mesmas se cobram para serem produtivas e perfeitas. Isso acaba gerando muito</i>

	cansaço, ansiedade e a sensação de que nunca é o bastante. (A4) Uma forma na qual muitas pessoas buscam a produtividade sendo patrões e empregados de si mesmas, gerando cobrança excessiva e desgastando muito o indivíduo. (A15) A sociedade de desempenho, segundo Byung-Chul Han, é aquela em que as pessoas vivem sob pressão para produzir mais, ser sempre melhores e superar metas. Em vez de alguém mandar, nós mesmos nos cobramos o tempo todo. Isso gera cansaço, ansiedade e a sensação de que nunca é suficiente. (A16) Entendi que a “sociedade de desempenho” é uma forma de organização social em que a cobrança não vem mais apenas de chefes ou de um sistema opressor externo, mas de nós mesmos. Somos incentivados a ser produtivos o tempo todo, a nos superar constantemente, e isso gera uma autoexploração que pode levar ao esgotamento físico e mental, como a Síndrome de Burnout. (A18) Na sociedade atual, os sujeitos são incentivados sempre a ter o melhor desempenho, sendo o mais perfeito possível. Para alcançar a perfeição, eles têm que se esforçar e dedicar ao máximo, já que o desempenho ou sua falta é responsabilidade exclusiva deles mesmos. Por ser responsabilidade exclusiva deles, é vendido a ideia de que eles são os chefes deles mesmos, pois só as escolhas ditas e feitas por eles interferem. Através disso o sujeito cria metas e táticas de autogerenciamento e autocontrole em busca de resultados, resultados esses que servem para alcançar o sucesso financeiro e social. No entanto, ao fazer esse gerenciamento excessivo e acreditar nessa positividade exagerada que é a base dos papos chatos de coach insuportável, o indivíduo se esgota aos poucos sem perceber, porque ele passa a viver para trabalhar, em vez de trabalhar para viver, que é todos deveriam fazer para ter uma vida digna e saudável. (A19)
Aceleração social e priorização da produção “busca tanto o sucesso como roedores desesperados por queijo como se fossem ratos”	Esse termo explica a maneira como a sociedade está acelerada e a priorização da produção em detrimento da saúde mental. (A1) Foi um dos assuntos que mais gostei, eu entendi o conceito como uma sociedade que visa o lucro e a produtividade acima de tudo. (A8) Eu entendo que a sociedade atual busca tanto o sucesso como roedores desesperados por queijo como se fossem ratos, pessoas que se tratam como animais apenas pelo reconhecimento alheio dos mais poderosos que por muita das vezes não passaram pelo mesmo processo, tudo isso achando que o sucesso está na ostentação e no desempenho, esquecendo que antes de tudo são seres humanos, seres frágeis que um dia morreram sozinhos e não levaram nada do que tanto lutaram pra ter... (A14) Na sociedade atual, os sujeitos são incentivados sempre a ter o melhor desempenho, sendo o mais perfeito possível. Para alcançar a perfeição, eles têm que se esforçar e dedicar ao máximo, já que o desempenho ou sua falta é responsabilidade exclusiva deles mesmos. Por ser responsabilidade exclusiva deles, é vendido a ideia de que eles são os chefes deles mesmos, pois só as escolhas ditas e feitas por eles interferem. Através disso o sujeito cria metas e táticas de autogerenciamento e autocontrole em busca de resultados, resultados esses que servem para alcançar o sucesso financeiro e social. No entanto, ao fazer esse gerenciamento

		<i>excessivo e acreditar nessa positividade exagerada que é a base dos papos chatos de coach insuportável, o indivíduo se esgota aos poucos sem perceber, porque ele passa a viver para trabalhar, em vez de trabalhar para viver, que é todos deveriam fazer para ter uma vida digna e saudável.</i> (A19)
	Aplicação ao contexto educacional(alunos e escola) <i>“ Nós, alunos, estamos constantemente sobrecarregando e exaustos, enquanto a instituição de ensino busca cada vez mais elevar seu status social”</i>	<i>Horível! Byung fala sobre os trabalhadores, mas isso se encaixa perfeitamente no contexto aluno e escola. Nós, alunos, estamos constantemente sobrecarregando e exaustos, enquanto a instituição de ensino busca cada vez mais elevar seu status social. Visam notas e mais notas enquanto o aluno está desfalecendo, e também tem os alunos que são bons, mas com suas dificuldades e limitações, e são enquadrados em situações muito complicadas por não alcançar o top como os outros. Sofremos a pressão da escola, do governo, em casa e a nossa mesmo. (A2)</i> <i>Entendi que não sociedade em que vivemos somos sempre cobrados a ter sucesso e sermos produtivos (A6)</i> <i>Sim, ajuda a compreender as coisas do dia a dia. (A10)</i>
	Crítica à perfeição e à comparação social “Isso gera um ciclo constante de comparação, autocobrança e sensação de insuficiência.”	<i>Uma sociedade repleta de cobranças e julgamentos, onde a ideia de perfeito é teoricamente considerável entre os indivíduos e avaliada pelo desempenho de cada um. (A5)</i> <i>Entendi que a “sociedade de desempenho” é um modelo de vida em que as pessoas sentem que precisam estar sempre produzindo, melhorando e se superando. Segundo Byung-Chul Han, não é mais uma pressão vinda apenas de regras externas, mas uma cobrança interna: cada indivíduo se transforma em seu próprio “empresário”, exigindo de si mesmo resultados o tempo todo. Isso gera um ciclo constante de comparação, autocobrança e sensação de insuficiência.</i> (A12) <i>Que o trabalhador só “se ferra” pelo seu desejo de agradar a sociedade (A13)</i> <i>Eu entendo que a sociedade atual busca tanto o sucesso como roedores desesperados por queijo como se fossem ratos, pessoas que se tratam como animais apenas pelo reconhecimento alheio dos mais poderosos que por muita das vezes não passaram pelo mesmo processo, tudo isso achando que o sucesso está na ostentação e no desempenho, esquecendo que antes de tudo são seres humanos, seres frágeis que um dia morreram sozinhos e não levaram nada do que tanto lutaram pra ter... (A14)</i> <i>Na sociedade atual, os sujeitos são incentivados sempre a ter o melhor desempenho, sendo o mais perfeito possível. Para alcançar a perfeição, eles têm que se esforçar e dedicar ao máximo, já que o desempenho ou sua falta é responsabilidade exclusiva deles mesmos. Por ser responsabilidade exclusiva deles, é vendido a ideia de que eles são os chefes deles mesmos, pois só as escolhas ditas e feitas por eles interferem. Através disso o sujeito cria metas e táticas de autogerenciamento e autocontrole em busca de resultados, resultados esses que servem para alcançar o sucesso financeiro e social. No entanto, ao fazer esse gerenciamento excessivo e acreditar nessa positividade exagerada que é a base dos papos chatos de coach insuportável, o indivíduo se esgota aos poucos sem perceber, porque ele passa a viver</i>

		<i>para trabalhar, em vez de trabalhar para viver, que é todos deveriam fazer para ter uma vida digna e saudável. (A19)</i>
--	--	---

4) Você acha que o conceito de "sociedade de desempenho" foi útil para você entender o impacto da pressão por produtividade na vida cotidiana, na sua saúde mental e física, e como isso se reflete em sua rotina escolar?		
CATEGORIAS	Subcategoria/redução textual	TRANSCRIÇÃO
Sociedade de desempenho e pressão na vida cotidiana, na saúde mental e física e reflexo na rotina escolar	o sujeito que se explora até o limite, transformando-se em “burro de carga de si mesmo”	<i>Afeta diretamente, eu tô pedindo arrego da minha escola. Nao aguento mais ser esse burro de carga. (A2)</i> <i>Sim. Percebi que muitas vezes eu me cobro demais para dar conta de tudo, tirar boas notas, etc [...] (A3)</i> <i>Acho que essa pressão me faz querer a todo custo dar o melhor de mim, mesmo que pra isso eu deixe minha própria saúde de lado, como por exemplo: virar a noite estudando para uma prova mesmo tendo que acordar cedo no outro dia, acabo me cobrando (A6)</i> <i>Sim, pois geralmente, criamos uma pressão interna para buscar conhecimento forçados para alcançarmos a média, para não irmos para a recuperação, onde se encaixa com esse conceito. (A7)</i> <i>Sim. A ideia de “sociedade de desempenho” me ajudou a perceber que a pressão por produtividade afeta minha saúde mental e física e também influencia minha rotina escolar, mostrando que muitas cobranças vêm do próprio modelo social e não só de mim (A10)</i> <i>[...] Compreender isso me ajudou a identificar quando estou me cobrando demais e a buscar um equilíbrio entre responsabilidade e cuidado com minha saúde mental. (A18)</i>
		<i>Sim, o conceito de “sociedade de desempenho” foi útil para entender melhor como a pressão por produtividade afeta minha vida (A17)</i>
	muitas cobranças vêm do próprio sistema e não só de mim	<i>Sim. A ideia de “sociedade de desempenho” me ajudou a perceber que a pressão por produtividade afeta minha saúde mental e física e também influencia minha rotina escolar, mostrando que muitas cobranças vêm do próprio modelo social e não só de mim (A10)</i> <i>Sim, foi muito útil. Percebi que a pressão que sinto para estudar, fazer tarefas e me destacar não é só uma questão pessoal, mas um reflexo desse sistema. [...] (A18)</i> <i>Sim. O conceito me ajudou a perceber que muitas pressões que eu sentia no dia a dia — como tentar dar conta de tudo, tirar boas notas, ser produtiva o tempo todo — fazem parte dessa lógica da sociedade de desempenho [...] (A12)</i> <i>Com certeza, ela me fez entender como essa busca por desempenho e essa pressão que nós acabamos por nos impor</i>

		<i>não é vantajosa, sendo necessário o cuidado com a saúde mental e física. Na rotina escolar, comecei por tomar mais cuidado para não me pressionar muito por resultados. (A11)</i>
	Reflexão sobre a escola, o acadêmico me ajuda a retomar a consciência.	<i>Sim, foi o conhecimento sobre o conceito foi importante. Considerando que muitos jovens enfrentam a pressão cotidianamente. No meu caso, foi mais uma forma de refletir sobre como eu lido com acontecimentos no meio escolar (tenho uma validação constante no meu meio acadêmico e social) mais no acadêmico, me ajuda a em momentos de crise retomar a consciência que eu não sou um número que alguém me dá, e que a nota que eu tirei não significa que eu não posso superá-la. (A5)</i> <i>Sim, isso me propôs um reflexão a respeito do meu tempo de lazer e do meu empenho exacerbado em atividades curriculares. (A1)</i> <i>Sim, foi o conhecimento sobre o conceito foi importante. Considerando que muitos jovens enfrentam a pressão cotidianamente. No meu caso, foi mais uma forma de refletir sobre como eu lido com acontecimentos no meio escolar (tenho uma validação constante no meu meio acadêmico e social) mais no acadêmico, me ajuda a em momentos de crise retomar a consciência que eu não sou um número que alguém me dá, e que a nota que eu tirei não significa que eu não posso superá-la. (A5)</i> <i>Sim, pois geralmente, criamos uma pressão interna para buscar conhecimento forçados para alcançarmos a média, para não irmos para a recuperação, onde se encaixa com esse conceito. (A7)</i> <i>Sim, foi muito útil. Percebi que a pressão que sinto para estudar, fazer tarefas e me destacar não é só uma questão pessoal, mas um reflexo desse sistema. Compreender isso me ajudou a identificar quando estou me cobrando demais e a buscar um equilíbrio entre responsabilidade e cuidado com minha saúde mental. (A18)</i> <i>Sim, pois me ajudou a perceber melhor tudo o que falei nos itens 1 e 2 além de como eu me cobrava muito por notas até meu ensino fundamental II e como isso influenciava na minha interação com os conteúdos. É bom demais você ter aula com alguém que realmente ama o ofício e a matéria, não um professor que só passa o básico pra você decorar. Quando eu tinha/tenho aula com alguém assim, tudo fica claro e deixa de ser um fardo, aquilo trazia boas sensações e incentivava a compreender. Quando se entende, a nota 10 é só um detalhe, porque você vai saber das respostas pois elas fazem sentido, sabe? Já no momento em que você simplesmente busca por desempenho sem incentivo a entender, aquilo vira um fardo gigantesco e te desincentiva a gostar daquilo. Com isso, a chance de não ter um bom desempenho é alta, e quando vem, a culpa é toda sua. Consequentemente, a saúde mental fica abalada porque de certa forma você se sente incapaz, já que dependia só de você e mesmo assim não deu certo. Acho que foi por isso que comecei a perder o interesse em estudar certas matérias e ganhei interesse em outras. (A19)</i>

	A pressão é naturalizada , vista como “normal” ou “necessária”.	<i>Sim, foi extremamente importante pra mim esse assunto. (A8)</i> <i>Sim eu achei muito útil, pois mostrou também que na vida adulta nós teremos uma pressão maior na nossa rotina. (A16)</i> <i>Sim, o conceito de “sociedade de desempenho” foi útil para entender melhor como a pressão por produtividade afeta minha vida (A17)</i>
	Cansaço, ansiedade e sobrecarga afetam a saúde	<i>Sim. O conceito me ajudou a perceber que muitas pressões que eu sentia no dia a dia — como tentar dar conta de tudo, tirar boas notas, ser produtiva o tempo todo — fazem parte dessa lógica da sociedade de desempenho. Isso me fez entender melhor por que, às vezes, me sinto cansada, ansiosa ou sobrecarregada. Na rotina escolar, percebo que essa cobrança constante afeta meu foco e meu bem-estar, porque fico mais preocupada em entregar resultados rápidos do que em aprender com calma e profundidade. (A12)</i> <i>Sim. Percebi que muitas vezes eu me cobro demais para dar conta de tudo, tirar boas notas, etc, o que acaba gerando cansaço e ansiedade. Às vezes, essa busca por resultados faz a gente esquecer de cuidar da saúde mental e física. (A3)</i> <i>Sim, o conceito de “sociedade de desempenho” me ajudou a perceber como a pressão por ser produtivo o tempo todo afeta minha rotina e minha saúde. Entendi que essa cobrança constante pode causar cansaço, ansiedade e até desmotivação na escola. Aprendi que é importante equilibrar os estudos e o descanso, valorizando o que aprendo e não só o quanto produzo. (A4)</i>
	Esforço por reconhecimento externo	<i>Sim, foi importante pois isso me fez perceber que não só eu mas muitos outros alunos se “matam” por uma competição onde o prêmio é meramente ilustrativo [...] muitas vezes porque seus responsáveis querem e não pela vontade dos alunos. Um esforço por reconhecimento alheio não traz felicidade, pois está, vem de nós mesmo (A14)</i>

5) A busca por resultados rápidos focada no desempenho imediato como boas notas e sucesso nas avaliações, tem impactado a forma como você se relaciona com o conteúdo que estuda? Explique.

CATEGORIAS	Subcategoria/redução textual	TRANSCRIÇÃO
Busca por resultados rápidos e impactos na relação com os conteúdos de estudo	Aprendizagem Superficial e Mecânica (Foco na Nota, não no Processo) “às vezes sinto que aprendo menos do que poderia”	<i>Sim. Quando o foco está só em tirar boas notas ou passar nas provas, o aprendizado fica mais superficial, porque a preocupação é decorar o conteúdo e ser sempre a melhor nota e a melhor aluna e não realmente entender o conteúdo. (A3)</i> <i>Sim, porque quando fico muito focado em ter bons resultados rápidos, acabo estudando só para a prova e não para realmente entender o conteúdo. Isso faz eu aprender de um jeito mais superficial e esquecer depois. Percebi que é melhor estudar com calma, tentando compreender o que estou aprendendo, em vez de pensar só na nota. (A4)</i> <i>Sim, pois as vezes procuro estudar somente o superficial que sei que vai cair na prova. (A8)</i>

		<i>Sim. Focar só em resultados rápidos faz eu estudar mais para tirar nota do que para entender de verdade, deixando o aprendizado superficial e mecânico. (A10)</i> <i>Sim, pois na busca de um desempenho imediato e com um tempo curto, acabo por focar muito naquele resultado, esquecendo-me de aproveitar o processo de aprendizagem e de aprender aquele conteúdo de verdade. (A11)</i> <i>Sim. A busca por resultados imediatos acaba fazendo com que eu estude mais para “acertar a prova” do que para realmente compreender o conteúdo. Isso cria um ritmo acelerado e superficial, porque priorizo memorizar rapidamente em vez de refletir ou aprofundar. Como consequência, às vezes sinto que aprendo menos do que poderia, já que fico mais preocupada com a nota do que com o processo de aprendizagem. (A12)</i> <i>Sim, acabo estudando mais para cumprir uma meta do que para compreender de verdade o assunto. (A17)</i> <i>Sim. Muitas vezes estudo apenas para passar na prova, e não para realmente aprender. Isso faz com que eu decore conteúdos em vez de compreendê-los profundamente. Com o tempo, percebo que esqueço com facilidade o que “estudei”, porque a aprendizagem não foi significativa. (A18)</i>
	Pressão, Ansiedade e Autoexploração “Somos limitados a um 10 e anulados se tiramos um 6”	<i>Sim! Aquele ditado “Quem não tem cão, caça com gato”. Querendo ou não o que os nossos pais e a escola quer é um boletim azul, a forma que você vai conseguir isso não importa. Eles querem saber se vai passar, se aprendeu ou não aí é com você. Não vemos apoio familiar ou pedagógico, praticamente não tem. Somos limitados a um 10 e anulados se tiramos um 6 (A2)</i> <i>Com certeza, as matérias que sinto alguma dificuldade de entendimento natural são as mais pressionadas, embora tenha diversas outras que são boas mas é como se só o defeito importasse. Portanto, muitos conteúdos que eu poderia aprender naturalmente eu não consigo justamente porquê já tenho incluso no pensamento a pressão e pensamentos pessimistas (uma das consequências de cobranças em excesso, a famosa ansiedade). (A5)</i> <i>Sim, chegando a minha mente não absorve essas matérias caso tire alguma nota baixa (A6)</i> <i>Sim, muitas das vezes algo que eu gosto de estudar se torna chato e cansativo por conta de tantas outras matérias, além das atividades por fora como esportes e academia onde além de uma cobrança acadêmica eu me cobro fisicamente e esportivamente (A14)</i> <i>Sim, em química e física. No último semestre eu não senti muita vontade de realmente aprender as coisas, então eu só fazia o necessário pra absorver o máximo pra fazer as provas (a minha sorte é que eu consigo memorizar conceitos facilmente).</i> <i>Em química foi porque eu achava as aulas um pouco entediadas devido a professora não avançar muito no conteúdo e não dar muita aprofundada (mas uma parte disso devia ser por causa da sala que ficava conversando).</i> <i>Em física acho que foi por causa das notas baixas que eu tirei com certa frequência, isso me desmotivou de certa forma e teve um momento que eu só deixei mais de lado as aulas, principalmente no último bimestre. (A19)</i>

	Ritmo Acelerado e Falta de Tempo para Elaborar “ <i>preciso absorver os conteúdos rapidamente</i> ”	<i>Sim. Pois, as vezes, quando buscamos resultados rápido, ele pode acabar pulando algo que seja importante, e no futuro pode cobrar essa parte esquecida (A7)</i> <i>Sim, preciso absorver os conteúdos rapidamente e fazer muitas questões, pois conciliar escola, trabalho e vida social é complexo. (A9)</i> <i>Sim. Acredito que essa facilidade de ter informações hoje em dia está influenciando a forma como estamos entendendo o conteúdo, muitas vezes apenas no automático sem pensar naquilo que está sendo transmitido de fato. (A15)</i>
	Perda de Sentido e Desmotivação “ <i>esquece rapidamente do que aprendeu</i> ”	<i>Sim, já que isso reflete diretamente a minha vida. (A1)</i> <i>Sim. O homem esquece rapidamente do que aprendeu, daí precisa aprender de novo (A13)</i> <i>Sim, pois por causa disso, muitos não conseguem relacionar direito o conteúdo. (A16)</i>

6) Qual foi a sua criação? Descreva-a e explique como ela ajudou você a compreender melhor os conceitos filosóficos discutidos em aula?		
CATEGORIAS	Subcategoria/redução textual	TRANSCRIÇÃO
Criação artística e compreensão dos conceitos filosóficos	Sociedade do Desempenho e Hiperprodutividade	<i>Eu criei o poema "multitarefa", que retrata como a geração atual realiza várias tarefas ao mesmo tempo, fazendo uma crítica a sociedade de desempenho. Ele ajudou a compreender melhor o conteúdo. (A1)</i> <i>A minha criação mostra uma pessoa cercada por símbolos de produtividade, como relógio, livros, computador e uma lista de tarefas, representando alguém sobrecarregado e sempre tentando dar conta de tudo. Ela me ajudou a entender melhor o conceito de “sociedade de desempenho”, pois mostra como as pessoas hoje se cobram para serem eficientes o tempo todo, como se fossem suas próprias chefes. Percebi que essa busca constante por resultados pode causar cansaço físico e mental, tirando a liberdade e o prazer de aprender e viver com tranquilidade. (A4)</i> <i>A minha criação apresenta um local de trabalho, onde o apresentador do projeto apresenta para o trabalhador, porém o trabalho sabe sobre o projeto pois ele esteve a noite toda trabalhando com ele sobre esse projeto, evidenciando a busca da produtividade. (A7)</i> <i>Foi uma tirinha sobre uma garota que só pensava em ser produtiva e sua rotina era acordar trabalhar e dormir. Esse trabalho me ajudou a compreender o assunto, pois eu tive que pesquisar e pensar em como retratar o que aprendi. (A8)</i> <i>"O homem com vários braços" esquematizando o conceito de sociedade de desempenho de Byung Chul-Han. Ela é um exemplo de como a maioria das pessoas age hoje em dia, fazendo várias coisas ao mesmo tempo, muitas vezes sem descansar direito apenas para não perder a produtividade e ficar para "trás". (A15)</i> <i>Minha criação foi um trabalho que representava os principais conceitos estudados. Quando eu produzi, precisei organizar e aplicar as ideias na prática, o que me ajudou a entender melhor os conteúdos filosóficos discutidos em aula. (A10)</i> <i>A minha criação foi um poema sobre a filosofia de Byung Chul Han (A17)</i>
	Autoexploração, Burnout e Esgotamento	<i>Foi de um homem q dormia no trabalho, o tempo era pouco para ele e ele só pensava em dinheiro, estava sempre com a</i>

		mente ligada. Me ajudou a compreender melhor que temos q ter o tempo de descanso, lazer e o de estudar e trabalhar. (A3) Minha criação foi um poema denominado "escravo de si mesmo" onde expressei como é a vida de uma pessoa que decide ser seu próprio chefe, com isso entendi melhor o conceito de self-made man (A6) Eu, juntamente ao um colega meu, fizemos um poema sobre o Burnout. Nela buscamos descrever como a busca por desempenho acaba trazendo consequências para a saúde mental e trazendo críticas à autoexploração. Esse trabalho me ajudou bastante a compreender os impactos da autoexploração e como funciona o burnout. (A11) Os algozes de si mesmo. Essa obra descreve como é a vida de um estudante cheio de tarefas a cumprir. (A16) Minha criação foi uma tirinha que retrata uma pessoa esgotada carregando um fardo pesado, com a frase "Trabalhe enquanto eles dormem". Isso nos ajudou a visualizar de forma crítica como a sociedade do desempenho pode levar as pessoas ao limite, mostrando que o excesso de trabalho e a busca incessante por produtividade podem custar a saúde e a vida. (A18) Eu e minha equipe (Kenned, Joana e Pedro Lucas) fizemos aquele livrinho pequeno chamado Memórias Póstumas de um Trabalhador. Eu e Kenned escrevemos a história, Kenned fez os desenhos da capa e algumas ilustrações internas e Joana e Lucas fizeram os comentários finais. Por meio dele eu quis trazer a reflexão de que a ideia de sociedade do desempenho faz a gente ser espectador da nossa vida. Vivemos no automático, sempre buscando mais e cultivando essa ambição, e deixamos de ser protagonista da nossa história. Infelizmente, quando percebemos, pode ser tarde demais, como o caso do protagonista, que só percebeu quando estava literalmente nos seus últimos momentos de vida e acessou suas memórias principais. Lá não tinha nada de interessante, nada que cativasse a alma, só trabalho, meta de trabalho e cansaço. (A19)
	Falsa Liberdade e Ilusão do "Self-Made Man"	Foi um homem preso ao computador com uma placa atrás dizendo "zona da liberdade". Ajudou a visualizar melhor os pensamentos teóricos (A2) Minha criação foi um poema denominado "escravo de si mesmo" onde expressei como é a vida de uma pessoa que decide ser seu próprio chefe, com isso entendi melhor o conceito de self-made man (A6) Eu abordei pensamentos como, trabalhadores de aplicativo que acham que tem seu negócio próprio, escala de trabalho mal planejada e governantes sem vontade de mudar isso, tudo isso abriu meus olhos a pensar nesses tópicos tão presentes do século 21 (A9)
	Reflexão Existencial e Relação com a Própria Vida	Minha criação foi cheia de valores e cobranças na infância, porém hoje já estando com os dois fixos em mim, tenho aprendido a administrar a forma em como lido. Portanto, me serve muito como base de reflexão, pois estando ciente dos conceitos filosóficos servem como fonte de reflexões, como os aprendizados se relacionam com a minha vida. (A5) Eu não entendi se isso foi uma pergunta sobre minha família ou autodesenvolvimento, mas em toda via eu sempre fiz quase tudo sozinho e minha família sempre estava lá pra me motivar, mas quase nunca ensinar. Meu pai e mãe não são escolarizados e meus irmãos ou estão casados ou trabalham fora então desde de novo sempre me cobro em ter sucesso

		para ajudar meus pais e hoje estão separados devido muitos fatores. Isso me ajudou a refletir mais nas aulas, principalmente as conversas de teor teológico que tinha com meu pai. (A14) Eu e minha equipe (Kenned, Joana e Pedro Lucas) fizemos aquele livrinho pequeno chamado Memórias Póstumas de um Trabalhador. Eu e Kenned escrevemos a história, Kenned fez os desenhos da capa e algumas ilustrações internas e Joana e Lucas fizeram os comentários finais. Por meio dele eu quis trazer a reflexão de que a ideia de sociedade do desempenho faz a gente ser espectador da nossa vida. Vivemos no automático, sempre buscando mais e cultivando essa ambição, e deixamos de ser protagonista da nossa história. Infelizmente, quando percebemos, pode ser tarde demais, como o caso do protagonista, que só percebeu quando estava literalmente nos seus últimos momentos de vida e acessou suas memórias principais. Lá não tinha nada de interessante, nada que cativasse a alma, só trabalho, meta de trabalho e cansaço. (A19)
	Dificuldade de Memória ou Desconexão	Não lembro 🤔(A12) Um desenho esquisito que tem dois emojis, um reclamando da vida, outro vendendo dindin, e um véi no teto sem trabalhar (A13)

7) Das obras criadas pelos seus colegas, qual você mais gostou? Explique.		
CATEGORIAS	Subcategoria/redução textual	TRANSCRIÇÃO
Obras mais apreciadas	Sociedade do Desempenho e Autoexploração	A obra "Produtivo até dormindo", porque retrata perfeitamente a sociedade de desempenho. (A1) Do trabalho de um aluno do 2ºB. Não tem o nome no trabalho mas é um em que a pessoa está aprisionado ao computador e colocando algo na cabeça, está escrito "Não é o suficiente". Me chamou atenção devido a sempre acharmos que o q fazemos não é o suficiente em vez de prestarmos atenção no que já fizemos e no quanto nos esforçamos para fazer aquilo (A3) Foi um desenho de um aluno do 2ºD em que mostra um homem usando uma camiseta escrita "meu próprio chefe", mas está acorrentado a um computador, que cobra produtividade e prazos. Ele está na chamada "zona da liberdade", porém visivelmente cansado e desanimado. Isso mostra que, na sociedade atual, as pessoas acreditam ser livres e autônomas, mas, na verdade, estão presas à pressão por resultados, ao trabalho excessivo e à busca constante por desempenho. (A4) De um adulto correndo numa esteira que na frente dele está escrito "Mais! Melhor! Agora!", pois ele resume bastante sobre a sociedade do desempenho, evidenciando cada característica (A7) Foi o memórias póstumas de um trabalhador, além de criativo, retrata muito bem o tema. (A8) Gostei mais da obra do "homem com muitos braços" que explica a sociedade de desempenho do 2º A. (A15) Os algozes de si mesmo. Pois ela fala a realidade de um estudante atual. (A16)

	Burnout e Esgotamento Psíquico	<i>eu gostei do trabalho sobre o trabalho excessivo de Carla rayla do 2ºG que pessoas exercem funções do trabalho depois de chegar em casa (A9)</i> <i>A obra sobre o multitasking, feita por um integrante do 2ºA, foi a que eu mais gostei. Eu achei interessante porque ela mostra de um jeito bem claro como o multitasking deixa a pessoa sobrecarregada. No primeiro desenho, dá pra ver a personagem cheia de tarefas ao mesmo tempo, toda confusa e acelerada. Já no segundo, mesmo deitada, ela ainda está pensando nas obrigações, mostrando que nem consegue desligar. Isso resume bem o impacto emocional dessa rotina, por isso foi a que mais me chamou atenção. (A10)</i> <i>O desenho sobre Burnout no qual o homem tem sua energia representada por uma bateria de celular. Gostei bastante dessa obra pois ela representa muito bem o Burnout, trazendo uma metáfora da bateria com o cansaço e o desgaste. (A11)</i>
	Aparência de Sucesso vs. Sofrimento Interior	<i>Gostei da arte em forma de desenho onde colocaram nas costas do homem uma chave de corda, foi uma ótima forma de demonstrar como os homens hoje em dia mesmo desgastados tem que agir por serem a todo momento cobrados (A6)</i> <i>A charge "Finja até conseguir" foi a que mais me marcou porque vai além de mostrar o cansaço, ela mostra a psicologia por trás do esgotamento na sociedade moderna: a necessidade constante de representar um papel de sucesso e a autocobrança destrutiva que define a nossa época. (A18)</i> <i>Eu gostei de um desenho do 2º B, não sei de quem é, mas é uma flor azul que está com uma expressão triste, mostrando que os sujeitos do desempenho estão aparentemente felizes por fora mas acabados por dentro, e também do poema "Cinzas de mim" dos alunos Antônio Jonas e Pedro Ygor 2ºB, porque ele retratou o burnout com uma bela sensibilidade. (A19)</i>
	Identificação Pessoal e Espelhamento	<i>O desenho em formato de quadrinhos e anime, retrata como estão meus pensamentos em partes do meu cotidiano. (A5)</i> <i>Os algozes de si mesmo. Pois ela fala a realidade de um estudante atual. (A16)</i>
	Desinteresse, Indiferença ou Desengajamento	<i>Não vou saber explicar e nem dizer (A2)</i> <i>Nenhuma (A12)</i> <i>Eu não lembro, eu realmente só fiz pelo ponto, não conseguirei lembrar de certos detalhes por isso. (A14)</i> <i>Os desenhos (A17)</i>
	Narcisismo	<i>Da minha (A13)</i>

APÊNDICE G – PRODUTO TÉCNICO TECNOLÓGICO

PROF. ALEX MORAES DE MELO
PROF(A) DR(A). FRANCIONE CHARAPA ALVES

CONCEITOS, PERCEPTOS E AFECTOS

DA SOCIEDADE DE DESEMPENHO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM
FILOSOFIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI (PPGF)

ALEX MORAES DE MELO
FRANCIONE CHARAPA ALVES

CONCEITOS, PERCEPTOS E AFECTOS

DA SOCIEDADE DE DESEMPENHO

2026

Ficha técnica**Organização curadoria**

Alex Moraes de Melo
Francione Charapa Alves

Designer

Débora Rozado

Autores(as) das obras

Estudantes participantes da pesquisa intitulada "O ensino de filosofia como instrumento de reflexão sobre a sociedade de desempenho e a BNCC" do PROF-FILO da Universidade Federal do Cariri

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação. Universidade Federal do Cariri. Sistema de Bibliotecas

**Alex Moraes de Melo**

Mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Filosofia da Universidade Federal do Cariri (PPGFV/UFGA). Licenciado em Filosofia – UFGA.

Membro do Grupo de estudos e pesquisas (auto)biográficas em formação docente, interseccionalidade e currículo - GEPAFIC.

E-mail: alexmoraesdemelo.filosofia@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-0646-4307>

Curriculo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4519014161341293>

**Francione Charapa Alves**

Pós-doutora em Educação – UECE. Doutora em Educação Brasileira – UFC. Mestre em Educação – UECE.

Professora Adjunta da Universidade Federal do Cariri - UFGA

Professora Permanente do Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Filosofia da Universidade Federal do Cariri (PPGFV/UFGA).

Líder do Grupo de estudos e pesquisas (auto)biográficas em formação docente, interseccionalidade e currículo - GEPAFIC

E-mail: francione.alves@ufca.edu.br

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-8405-8773>

Curriculo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3924678282455249>

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
TEXTO CURATORIAL	10
CANSAÇO	16
O EXCESSO DE ESTÍMULOS	25
A SENSÇÃO DE LIBERDADE	29
A MULTITAREFA (MULTITASKING)	32
AUTOEXPLORAÇÃO OU CHEFE DE SI MESMO	39
BURNOUT	46
ACELERAÇÃO SOCIAL	60
SOCIEDADE DE DESEMPENHO NO CONTEXTO EDUCACIONAL	66
CRÍTICA À PERFEIÇÃO E À COMPARAÇÃO SOCIAL	70
EXCESSO DE PRODUTIVIDADE	74
SOCIEDADE DE DESEMPENHO E REFLEXÃO EXISTENCIAL	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	92

APRESENTAÇÃO

6

O presente catálogo de produções artístico-filosóficas, apresentado ao Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Filosofia da Universidade Federal do Cariri (PPGFI/UFGA) é fruto da pesquisa-ação intitulada “o ensino de filosofia como instrumento de reflexão sobre a sociedade de desempenho e a BNCC”, de autoria de Alex Moraes de Melo, orientada pela professora Francione Charapa Alves.

Trata-se de um catálogo que reúne pinturas, desenhos, tirinhas, poemas, contos, entre outras produções artísticas que representam características da sociedade de desempenho, elaboradas pelos(as) estudantes que participaram da pesquisa que gerou este produto técnico-tecnológico¹. Tais características incluem o cansaço, o excesso de estímulos, a multitarefa (multitasking), a autoexploração, a ideia de “chefe de si mesmo” (self-made man), o burnout, entre outras.

Esse catálogo nos servirá como apoio pedagógico para ministrar aulas do ensino de Filosofia. Entendendo-se que certos conceitos filosóficos são melhor compreendidos e atualizados quando relacionados ao contexto social, cultural, educacional dos (as) estudantes, as produções deste catálogo podem ampliar a sensibilização, tornando os problemas filosóficos em sala de aula mais significativos

¹ Termo utilizado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) para os produtos que resultam das pesquisas de mestrados profissionais, cuja finalidade principal é transformar o conhecimento científico produzido na pesquisa em soluções concretas para problemas da prática profissional, promovendo inovação, melhoria de processos, qualificação dos serviços e impacto social.



APRESENTAÇÃO

7

para o aluno.

Como foco temático, esse catálogo amplia o conceito de sociedade de desempenho desenvolvido por meio da pesquisa já mencionada que desenvolveu atividades que fogem do excesso de produtividade vazia (como a aprendizagem superficial focada apenas em resultados) e ampliam capacidades contemplativas e criativas, com base em metodologias alternativas de ensino.

Destaca-se a importância de relacionar conceitos filosóficos, perceptos/afectos artísticos e crítica social pelo fato de possibilitar que o aluno esteja no centro do problema de pesquisa. Deixando claro que este catálogo é uma coletânea de produção dos estudantes, as presentes obras são demonstrações de que os alunos que assumiram os problemas filosóficos como seus e que vislumbraram uma vida para além dos paradigmas estabelecidos e naturalizados. Nesse sentido, as obras demonstram que os alunos sentiram, problematizaram, investigaram e criaram novas possibilidades de vida por meio da criatividade filosófica e artística.



APRESENTAÇÃO

8

O catálogo encontra-se organizado por temáticas, reunindo as obras por categorizações das obras criadas pelos(as) estudantes participantes da pesquisa.

Esperamos que esse catálogo possa inspirar muitos(as) pesquisadores(as), docentes e discentes no que se refere às mais diversas problemáticas pertinentes ao Ensino de Filosofia.

Francione Charapa Alves

 TEXTO CURATORIAL

O conceito de sociedade de desempenho trata-se da principal ideia que serviu de inspiração para as obras deste catálogo. Fundamentado na obra intitulada *Sociedade do Cansaço* de Byung Chul Han, o fenômeno da sociedade de desempenho significa uma mudança de paradigma na sociedade contemporânea (século XXI).

Ao discutir a sociedade de desempenho, Han traça uma contraposição ao que é entendido como sociedade disciplinar, conceito este desenvolvido pelo filósofo Michel Foucault. Enquanto no período de consolidação das sociedades capitalistas até o século XX a lógica disciplinar tinha como característica principal a negatividade, o século XXI se define pelo excesso de positividade.

A sociedade da negatividade é a sociedade regida pelo dever e pela punição externa ao indivíduo que não o cumpre. É o tipo de sociedade na qual o indivíduo costuma se deparar com um contundente “não, eu não devo”. Neste tipo de sociedade, o que move as relações de poder é o controle dos corpos por meio do confinamento em ambientes conhecidos como escolas, hospitais, asilos, presídios, quartéis e fábricas. Já a sociedade de desempenho se caracteriza por ambientes como academias fitness, prédios de

 TEXTO CURATORIAL

escritórios, laboratórios de genética, cursos de educação a distância etc. Aparentemente, não há sentimento de aprisionamento nestes lugares, mas uma sensação de poder ilimitado toma o indivíduo e o coloca numa aparente situação de comando de si. Os indivíduos nessa condição expressam um contundente “sim, eu posso”.

Há consequências nocivas que recaem sobre os indivíduos submetidos a estes modelos. Han afirma que a sociedade disciplinar em “sua negatividade gera loucos e delinquentes. A sociedade do desempenho, ao contrário, produz depressivos e fracassados” (Han, 2017a, p. 25). É bastante comum associar a descrição da sociedade de desempenho e suas consequências aos problemas físicos e psicológicos seríssimos como cansaço, esgotamento, transtornos neurológicos.

O que a sociedade de desempenho tem a ver com o aluno? A sensação de liberdade, o excesso de positividade e, por sua vez, suas consequências nocivas estão cada vez mais se anexando à vida escolar, por meio de mudanças estabelecidas pela Reforma do Ensino Médio e pela BNCC. Um exemplo dessas mudanças, foi a filosofia que deixou de ser tratada como disciplina e passou a ser um mero componente

TEXTO CURATORIAL

da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Assim, a filosofia foi diluída no desenvolvimento de competências e habilidades. Essa abordagem, centrada no protagonismo e no empreendedorismo do estudante, reflete o excesso de positividade característico da sociedade de desempenho, na qual o indivíduo é levado a se autogerir e se responsabilizar por sua formação, tornando-se, paradoxalmente, "carrasco e vítima" de si mesmo.

O cansaço, o excesso de estímulos, a sensação de liberdade, a multitarefa (multitasking), a autoexploração, a ideia de "chefe de si mesmo" (self-made man), o burnout são categorias que ficam mais evidentes como parte da vida de nossos estudantes ao se observar as obras aqui expostas.

Cabe entender que este catálogo possui uma dupla face: trata-se de produções artístico-filosóficas, ou seja, um catálogo que conta com a contribuição crítica (por meio de texto escrito) e sensível (por meio de uma obra artística) do próprio aluno.

A filosofia é entendida como criação conceitual, distinta da mera opinião ou reprodução enciclopédica, e o ensino proposto visa promover experiências de pensamento por meio do ócio criativo, interrompendo

TEXTO CURATORIAL

a lógica produtivista. O presente produto assumiu o compromisso de colocar o aluno como sujeito reflexivo sobre o excesso de positividade e suas consequências.

Amparado pelo pensamento de Deleuze, é possível compreender o papel da arte e da filosofia como algo diferente, porém não separado. Na verdade, nosso trabalho busca uma complementaridade entre essas duas atividades. O produto da filosofia é o conceito. Mas o que seria o produto da arte na visão de Deleuze? Tratam-se dos perceptos e dos afectos.

Os perceptos não mais são percepções, são independente do estado daqueles que os experimentam; os afectos não são mais sentimentos ou afecções, transbordam a força daqueles que são atravessados por eles. As sensações, percepções e afectos, são seres que valem por si mesmos e excedem qualquer vivido. Existem na ausência do homem, podemos dizer, por que o homem, tal como ele é fixado na pedra, sobre a tela ou ao longo das palavras, é ele próprio um composto de perceptos e de afectos. A obra de arte é um ser de sensação, e nada mais: ela existe em si" (Deleuze, 2010, p. 194).

O destaque para a noção de perceptos e afectos é marcante neste trabalho porque não nos referimos a algo que caiba não apenas na obra de arte perfeita, mas que também se aplica às imperfeições.

TEXTO CURATORIAL

Reconhecer isso significa incluir o papel de sujeitos que estão em formação no ensino básico. Nossa pesquisa lida com a contribuição de alunos que não necessariamente almejam ser artistas (muito menos “filósofos de carreira”), mas que conseguem marcar algo, seja num desenho ou numa poesia, que é significativo para além deles mesmos. A arte aqui não se trata de uma percepção pessoal, mas de algo que ganhou vida por si e solidificou na própria obra.

Nesse sentido, o que é significativo em termos de percepções e sentimentos quando o assunto é a sociedade de desempenho? Qual é a força independente em termos de percepções e sentimentos? Como resposta inicial, pode-se afirmar que as aulas levaram os alunos a manifestarem “um bloco de sensações, um puro ser de sensações” (Deleuze, 2010, p. 197).

O catálogo que se construiu a partir da contribuição dos alunos possui um papel semelhante à de um monumento:

É verdade que toda obra de arte é um monumento, mas o monumento não é aqui o que comemora um passado, é um bloco de sensações presentes que só devem a si mesmas sua

TEXTO CURATORIAL

própria conservação, e dão ao acontecimento o composto que o celebra. O ato do monumento não é a memória, mas a fabulação. Não se escreve com lembranças de infância, mas por blocos de infância que são devires-criança do presente (Deleuze, 2010, p. 194).

Resumindo, a ideia de monumento não se refere a uma mera representação, mas a uma força criadora e transformadora. O aluno, com sua obra de arte, não apenas lembra do que aprendeu, mas sua obra se torna força motriz de solução e transformação daquilo que celebra em sua arte. Nossa pesquisa entende que o catálogo de produções artístico-filosóficas impõe essa presença.

Alex Moraes de Melo

1 CANSAÇO

1 CANSAÇO

16



TÍTULO DA OBRA
O preço de não parar

ESTUDANTES
**Adriele Alves; Emily Alves; Ingrid Maria; Maria Lara;
Sofia David.**

TÉCNICA
Desenho

ANO
2026

1 CANSAÇO

Vivemos num tempo de luzes acesas
De telas que nunca dormem
Onde o relógio não tem piedade
E o corpo esquece o que sente.

Corremos por metas que mudam
Por sonhos alheios, impostos
Na ânsia de sermos demais
Em um mundo de rosto exaustos.

Produtivos até o último fôlego
Sorrisos com filtros na cara
Vendemos a alma ao desempenho

O descanso virou preguiça
O silêncio uma ameaça
Não há trégua na mente que grita
Nem paz na jornada que passa

Que um dia, do meio da pressa
Surja um tempo de esperança
Onde viver não seja corrida
Mas uma volta à infância.

TÍTULO DA OBRA

Sociedade do cansaço

ESTUDANTES

**Marcos Vinicius; Milena Clemente; Ana Clarice;
Maria Isabela.**

TÉCNICA

Poesia

ANO

2026

17



1 CANSAÇO



TÍTULO DA OBRA

Sociedade do cansaço e o adoecimento da alma contemporânea

ESTUDANTES

**Anna Luisa; Maria Sofia; Rebeca Barros; Luis Artur;
Joao Victor; Emily Victhoria.**

TÉCNICA

Desenho

ANO

2026

18



1 CANSAÇO

19



TÍTULO DA OBRA

Sociedade do desempenho

ESTUDANTES

Lara Nicole, Caio Ribeiro, Marcos Tulio, Rosa Maria, Yona Steffany, Esau De Sa.

TÉCNICA

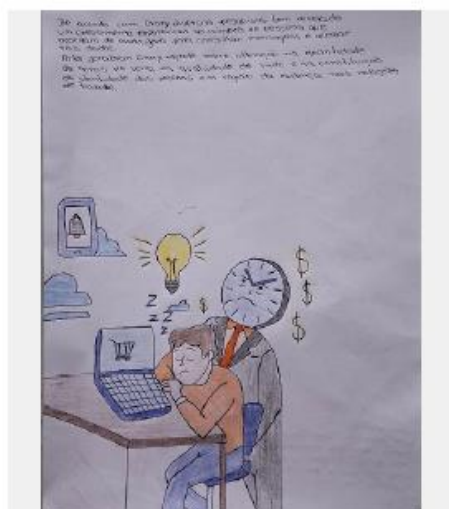
Desenho

ANO

2026

1 CANSAÇO

20



TÍTULO DA OBRA

Sociedade do desempenho

ESTUDANTES

Lara Kamila; Saymon Henrique; Francisco Gutierre; Steffany Yngrid; Guilherme Araujo.

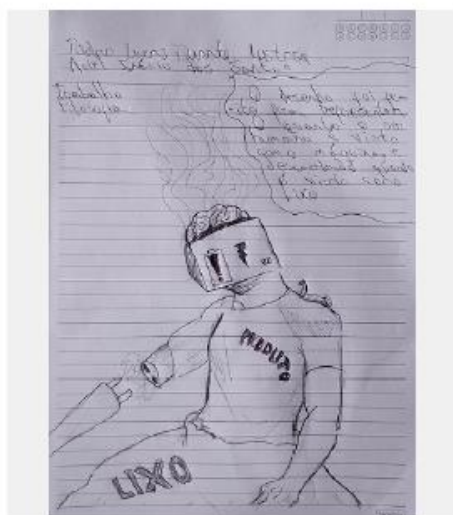
TÉCNICA

Desenho

ANO

2026

1 CANSAÇO



TÍTULO DA OBRA
Sem título

ESTUDANTES
Ariel Inácio; Pedro Lucas.

TÉCNICA
Desenho

ANO
2026

21

1 CANSAÇO



TÍTULO DA OBRA
Sociedade de Burnout

ESTUDANTES
**Beatriz Paiva; Emanuel Fabiano; Macan Cavalcante;
Millena Paiva; Vitor Péricles.**

TÉCNICA
Desenho

ANO
2026

22

1 CANSAÇO

23



TÍTULO DA OBRA
Não era cansaço

ESTUDANTES
**Anne Eloa; Maria Clara; Pedro Eduardo; Rayka
Emanuely; Nicolas Victor; Maria Isabelly**

TÉCNICA
Poesia com ilustrações

ANO
2026

2 O EXCESSO DE ESTÍMULOS

2.0 EXCESSO DE ESTÍMULOS

25



TÍTULO DA OBRA

Sem título

ESTUDANTES

João Vitor; Mayra Hellen; Emilly Vitoria; Ysis Vitoria.

TÉCNICA

Desenho

ANO

2026



2.0 EXCESSO DE ESTÍMULOS

26



TÍTULO DA OBRA

Sem título

ESTUDANTES

Maria Clara; Maria Izabela; Iara Veronica; Ana Heloisa; Laryssa Isys.

TÉCNICA

Colagem

ANO

2026



2 O EXCESSO DE ESTÍMULOS



TÍTULO DA OBRA
Mais! Melhor! Agora!

ESTUDANTES
Eitor Sampaio; Joao Emanuel; Francisco Isaak; Pablo Antony.

TÉCNICA
Desenho/tirinha

ANO
2026

3 A SENSÇÃO DE LIBERDADE

3 A SENSÇÃO DE LIBERDADE

29



TÍTULO DA OBRA
Dono de mim mesmo

ESTUDANTES
Maria Sarah; Ana Karlla; Pamella Fachine; Francisca Maysa.

TÉCNICA
Desenho digital

ANO
2026



3 A SENSÇÃO DE LIBERDADE

30



TÍTULO DA OBRA
Zona da liberdade

ESTUDANTES
Sophia Lelya; Maria Geovanna; Maria Clara; Priscila Saraiva; Luis Filipi.

TÉCNICA
Desenho

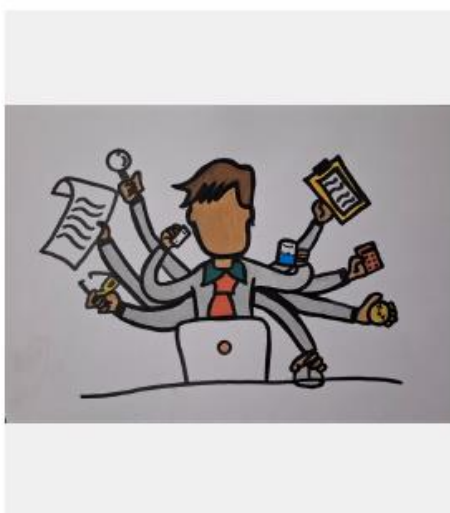
ANO
2026



4 A MULTITAREFA (MULTITASKING)

4 A MULTITAREFA (MULTITASKING)

32



TÍTULO DA OBRA
Reflexões na era digital

ESTUDANTES
Ana Gloria; Joel Rodrigues; Wanna Sarah; Raquel
Moreira.

TÉCNICA
Desenho

ANO
2026

4 A MULTITAREFA (MULTITASKING)

33



TÍTULO DA OBRA

Sem título

ESTUDANTES

Vitoria Sophia; Edilene De Oliveira; Thauany Ketlyn.

TÉCNICA

Desenho

ANO

2026



4 A MULTITAREFA (MULTITASKING)

34



TÍTULO DA OBRA

Multitasking

ESTUDANTES

Lilian Evelin; Marianna Rabelo; Francisco Marcelo; Marcos Diogo; Luis Augusto; Raul Kedney.

TÉCNICA

Desenho digital

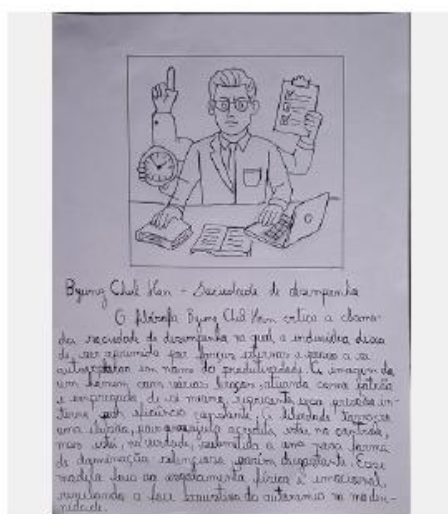
ANO

2026



4 A MULTITAREFA (MULTITASKING)

35



TÍTULO DA OBRA

Sem título

ESTUDANTES

Guilherme Oliveira; Gabriel Pereira; Ravel Albuquerque; Kenneth Dos Santos; Wang Batista; Marcelo Rian.

TÉCNICA

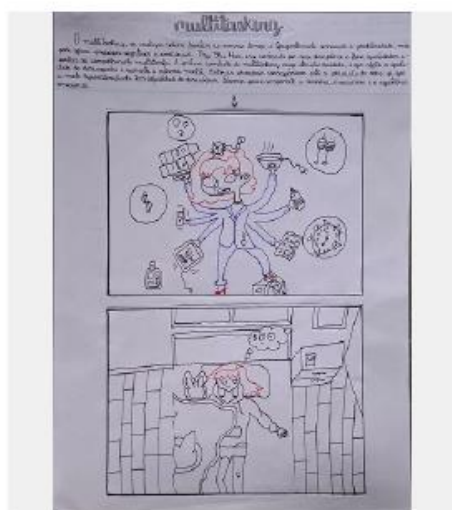
Desenho

ANO

2026

36

4 A MULTITAREFA (MULTITASKING)



TÍTULO DA OBRA

Multitasking

ESTUDANTES

Guilherme Oliveira; Gabriel Pereira; Ravel Albuquerque; Kenneth Dos Santos; Wang Batista; Marcelo Rian

TÉCNICA

Desenho/tirinha

ANO

2026

4 A MULTITAREFA (MULTITASKING)

37

"Multitarefas"

Corpos apressados, mentes divididas,
Em telas múltiplas, vidas partidas.
Pulsa o relógio, a alma se cala,
Tudo se move, ninguém mais para.

Faz mil tarefas, responde, produz,
Sorriso no e-mail, disfarça a cruz.
O chefe é sombra, o algoz é interno:
"Seja melhor!", diz o grito moderno.

Não há patrão com voz autoritária,
Há metas próprias, prisão voluntária.
Não é chicote, é a própria missão:
Ser eficiente é nova opressão."

TÍTULO DA OBRA

Multitarefas

ESTUDANTES

Aleff Kaua; Thierry Cruz; Francisco Renato; Ian
Callou; João Pedro.

TÉCNICA

Poesia

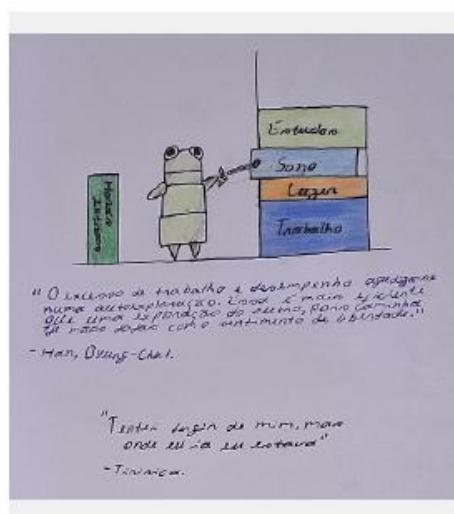
ANO

2026

5 AUTOEXPLORAÇÃO OU CHEFE DE SI MESMO

5 AUTOEXPLORAÇÃO OU CHEFE DE SI MESMO

39



TÍTULO DA OBRA

Sem título

ESTUDANTES

Arthur Gomes; Victor Samuel; Gabriel Pereira.

TÉCNICA

Desenho

ANO

2026



5 AUTOEXPLORAÇÃO OU CHEFE DE SI MESMO

40



TÍTULO DA OBRA

Chefe invisível

ESTUDANTES

Beatryce Ferreira; Iago Torres; Ynis Beatriz; Ema Sindlerova.

TÉCNICA

Desenho e poesia

ANO

2026



5 AUTOEXPLORAÇÃO OU CHEFE DE SI MESMO

41

Não tenho patrão, dizem.
Sou livre.
Sem chefe, sem gritos, sem
relógio de ponto.
Só eu, minha tela, meu
prazo...
E um coração como sirene.
Liberdade é isso?
Acordar às seis, dormir às
duas,
Comer em pé, pensar
sentado,
E sonhar com e-mails não
respondidos?
Ninguém me cobra -
Mas eu me açoitro.
Planejo metas como quem
desenha o próprio catifeiro.
"Mais um projeto", "só mais
um mês assim",
E a vida passa em silêncio,
Com notificações no lugar
de abraços.
Trabalhar por conta própria:
O nome bonito da
escravidão moderna.

Mas vendi pela ilusão de
controle,
Mas só ganhei novos
grilhões -
Wi-fi, café forte, e ansiedade
gourmet.
O corpo avisa.
A mente grita.
Mas sou surdo de propósito.
Viciado no elogio do esforço,
No like do sacrifício,
No status de quem está
sempre "atolado".
Chamo de disciplina o que é
só medo:
Medo de parar e ver o vazio,
Medo de admitir que fui
longe demais,
Correndo de mim mesmo
Com a desculpa de ser
"produtivo".
Sou meu próprio chefe.
E me odeio como tal.

TÍTULO DA OBRA

Chefe invisível

ESTUDANTES

Beatryce Ferreira; Iago Torres; Ynis Beatriz; Ema Sinderova.

TÉCNICA

Desenho e poesia

ANO

2026

5 AUTOEXPLORAÇÃO OU CHEFE DE SI MESMO

42

Na cela limpa do próprio querer,
Levanta-se o homem para obedecer.
Não tem chicote, não tem prisão,
Apenas metas em sua mão.

Sorri na tela, esconde o cansaço,
Cumpre tarefas, vivo no laço.
Toma-se mestre, servo e juiz,
Num jogo cruel que o mundo lhe diz.

Diz que é livre, enquanto se dobra,
À tirania da vida que cobra.
Não há patrão que grite ou ameace,
Apenas o espelho que nunca distorce.

Corre por likes, por metas e glória,
Escreve sozinho a sua própria história.
Mas na corrida sem fim do desempenho,
Só colhe fadiga, tristeza e silêncio.

E quando é noite descansa no chão,
Exausto da luta sem solução,
Não vê que ele, com a mão invisível,
Que assina tua dor: tão real, tão horrível.

Oh, algoz de si mesmo, veste o capuz,
sem perceber que perdeu a luz.
Num mundo que grita por mais produção,
Esqueceu-se de ouvir seu próprio coração.

TÍTULO DA OBRA

Os algozes de si mesmos

ESTUDANTES

Laerte Plácido; Joao Levy; David Rayan.

TÉCNICA

Poesia

ANO

2026

5 AUTOEXPLORAÇÃO OU CHEFE DE SI MESMO

43

O "servo" grita em dor, na escala infinita
"Odeio o meu chefe, odeio o que me espera"
Mas o sistema, astuto, o persuade:
"Tu és teu algoz, tua própria esfera."

"Autônomo!", diz outro, orgulho em vão,
"Meu suor vale ouro, não me queixo!"
Mas a máquina, sorrindo em sua mão,
Troca teu pão por sonhos de despejo.

E o terceiro, na tocaia a rir,
"Nem trabalho e vivo como rei!"
Sem ver que, um dia, pode sucumbir.

Ao vazio que invade os que não creem,
Oh, sociedade do desempenho insano,
Onde o explorador é o próprio humano.

TÍTULO DA OBRA

Soneto da sociedade do desempenho

ESTUDANTES

Pietro Costa Macedo; Rafael Lopes Dos Santos;
Davi Salomao de Souza Feitosa; Heitor Victor de
Souza Santos; Lays Figueredo Pio; Matheus da Silva
Novais

TÉCNICA

Soneto

ANO

2026

5 AUTOEXPLORAÇÃO OU CHEFE DE SI MESMO

44

Sou self-made man, chefe de mim mesmo,
Neste século, é normal, não é?
Trabalho no celular, sociedade de desempenho,
Onde o que move os indivíduos é poder que ganho.
Achamos que temos o controle, temos? Não
O que acontece de verdade é a autoexploração.

Como dizia o filósofo Byung-Chul Han,
Sobre como a autoexploração é bem pior do que a de outro,
Pois anda de mãos dadas com a liberdade.
Faço parte também desses falsos chefes de si mesmo,
Pergunte-me se me arrependo e te direi que sim,
Um sim cansado, um sim inaudível.

Vão me perguntar, por que está cansado?
Você trabalha pelo celular, mas esse é o problema:
Não tenho tempo para descansar,
Porque, para ganhar, tenho que trabalhar.
Trabalho enquanto como, enquanto escovo os dentes,
Só não enquanto durmo. Essa é minha rotina: trabalhar.

Sou controlado. Posso colocar a culpa no meu chefe
Que me deu trabalho para casa? Não, pois meu chefe sou eu.
Posso usufruir da liberdade de escolher minha rotina?
Não, acordo pensando em trabalhar e durmo no mesmo.
A verdade é uma só: me tomei meu próprio escravo."

TÍTULO DA OBRA

Escravo de si mesmo

ESTUDANTE

Anna Vitoria

TÉCNICA

Poesia

ANO

2026

6 BURNOUT

6 BURNOUT

46

Em meio dia, a rotina se arrasta,
 Corações cansados, a alma desgastada.
 Sorrisos forçados, um peso no peito.
 A mente grita, mas o corpo é sujeito.
 O sol já não brilha como antes brilhava,
 As horas se arrastam, a esperança se acaba.
 Tarefas se acumulam, o tempo é um ladrão,
 E o sonho de paz se esvai em frustração.
 Fugas de pensamentos, refúgio na mente,
 Mas a sombra do cansaço é um peso latente.
 A paixão que ardia se torna cinza fria,
 E a alegria que havia se perde na agonia.
 Caminhos de areia movediça e dor,
 Onde cada passo é um grito de clamor.
 Desgastado e só, entre pilhas de papel,
 Buscando o sossego em um mundo cruel.
 Mas há luz na escuridão, um chamado sutil:
 Cuidar de si mesmo é o ato mais gentil.
 Respire fundo, permita-se parar,
 Reconheça sua luta e comece a amar.
 O restabelecimento é um caminho lento,
 Mas cada pequeno passo é um novo intento.
 A vida é preciosa e não deve ser só dor;
 Renove sua chama e redescubra o amor.
 Assim, entre as sombras da síndrome que pesa,
 Surge a esperança que nunca se cessa.
 Burnout não define quem você é ou será;
 Levante-se com força; você pode recomeçar.

TÍTULO DA OBRA

Burnout: a luta silenciosa

ESTUDANTES

Gustavo Lopes; Wrick Meyzon; Marcus Yan; Marcos Paulo; Andro Nunes.

TÉCNICA

Poesia

ANO

2026

6 BURNOUT

47



TÍTULO DA OBRA
Sem título

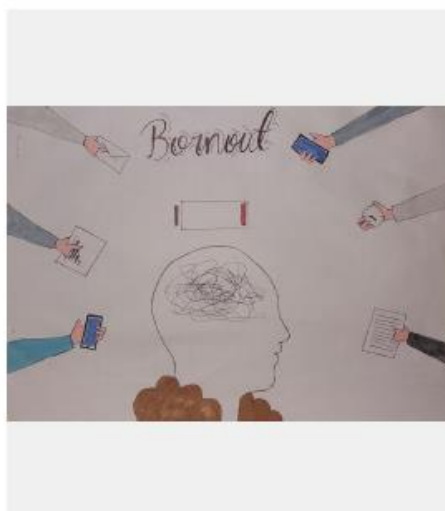
ESTUDANTES
Maria Beatriz; Ana Julia; Patrocínio Jose; Yasmim
Rodrigues; Maisa Petronio.

TÉCNICA
Desenho

ANO
2026

6 BURNOUT

48



TÍTULO DA OBRA
Burnout

ESTUDANTES
Jose Leite; Ayara Janara; Francisco Willian; Maria
Giovanna; Laysla Gomes.

TÉCNICA
Desenho

ANO
2026

6 BURNOUT



TÍTULO DA OBRA
Burnout

ESTUDANTES
Maria Soares; Maria Parente; Joao Marcelo; Lohana
Ester; Ianne Oliveira.

TÉCNICA
Desenho

ANO
2026

49

6 BURNOUT



TÍTULO DA OBRA
Sem título

ESTUDANTE
Klebert Luiz

TÉCNICA
Desenho

ANO
2026

50

6 BURNOUT



TÍTULO DA OBRA
Burnout

ESTUDANTES
Weica Elen; Maria Kamila; Antonia Kauanny; Maria
Vitoria Goncalves; Luana Maria.

TÉCNICA
Desenho

ANO
2026

51

6 BURNOUT



TÍTULO DA OBRA
Burnout

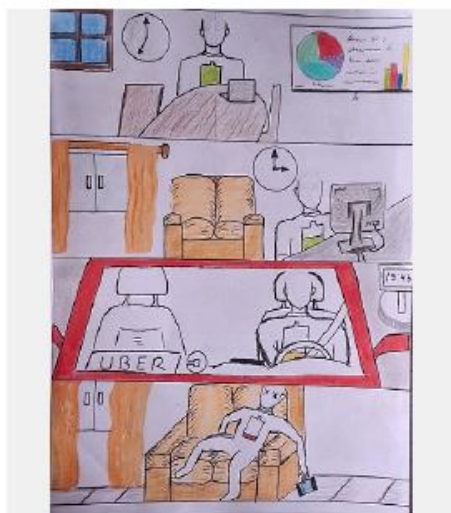
ESTUDANTES
Kayo Ruan; Gerson Batista; Emanuel Goncalves;
Francisco Anderson.

TÉCNICA
Desenho

ANO
2026

52

6 BURNOUT



TÍTULO DA OBRA
Burnout

ESTUDANTES
Nathayne Maria; Ana Luiza; Washington Davi;
Jose Tarcisio; Samuel De Freitas; Uriel Xenofonte;
Eugenio Jose.

TÉCNICA
Desenho

ANO
2026



53

6 BURNOUT

Vivemos num tempo de luzes acesas
De telas que nunca dormem
Onde o relógio não tem piedade
E o corpo esquece o que sente.

Corremos por metas que mudam
Por sonhos alheios, impostos
Na ânsia de sermos demais
Em um mundo de rosto exaustos.

Produtivos até o último fôlego
Sorrisos com filtros na cara
Vendemos a alma ao desempenho

O descanso virou preguiça
O silêncio uma ameaça
Não há trégua na mente que grita
Nem paz na jornada que passa

Que um dia, do meio da pressa
Surja um tempo de esperança
Onde viver não seja corrida
Mas uma volta à infância.

TÍTULO DA OBRA
Sociedade do cansaço

ESTUDANTES
Marcos Vinicius; Milena Clemente; Ana Clarice;
Maria Isabela.

TÉCNICA
Poesia

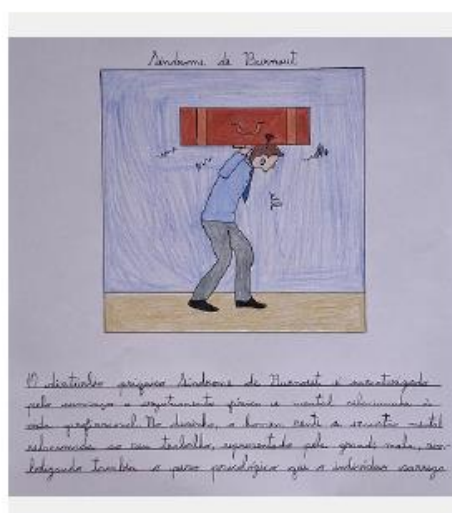
ANO
2026



54

6 BURNOUT

55



TÍTULO DA OBRA
Síndrome de Burnout

ESTUDANTE
Sarah Duarte

TÉCNICA
Desenho

ANO
2026

6 BURNOUT

56



TÍTULO DA OBRA
Burnout: trabalho excessivo!

ESTUDANTES
Carla Rayla Macedo Viana; Camilly Sousa Silva;
Viviane Paiva Amorim; Eryclis Levi Cruz Pereira;
Livia Neves Bringel Chagas Sampaio.

TÉCNICA
Desenho/tirinha

ANO
2026

6 BURNOUT



TÍTULO DA OBRA

Memórias Póstumas de um trabalhador

ESTUDANTES

Thamar Teixeira; Samuel Brito; Maria Heloisa;
Thayque Beatriz; Rebeca Lays; Ana Carla.

TÉCNICA

Desenho

ANO

2026

57

6 BURNOUT

O despertador toca repetidamente
O trabalhador se acorda
Mas sua mente
Não aguenta puxar a corda.

O grande marionetista
Que controla e o esgota
Também chamado de capitalista
É aquele que te derrota

O corpo não mais responde
A toda aquela pressão
Em casa se esconde
Beirando a exaustão

Já não se tem patrão visível
Nem chicote, nem prisão
Mas a cela é invisível
Conhecida como "autoexploração"
Correm em círculos apertados
Na corrida dos iguais
Onde os corpos são marcados
Sem sequer serem aparentes os sinais

E dessa forma, o natural se torna inaceitável
Falhar se torna falir, tudo se resume a produção
Sentir é visto como instável
Nessa sociedade, que só se visa mera agregação.

TÍTULO DA OBRA

Burnout

ESTUDANTES

Pietro Costa; Rafael Lopes; Davi Salomao; Heitor
Victor; Lays Figueredo; Matheus da Silva.

TÉCNICA

Soneto

ANO

2026

58

7 ACELERAÇÃO SOCIAL

7 ACELERAÇÃO SOCIAL

60

Num tempo veloz de telas e prazos
Corpos se dobram em gestos escassos
Sorrisos pendem de rostos cansado,
Mentes em ruínas, silêncios calados.

Corre-se muito, mas sem direção
Produtividade virou religião.
Descanso é culpa, o ócio, pecado
Quem para, erra. Quem sente, é fraco

Likes alimentam o ego vazio, mas
O afeto se perde no frio.
Grita-se alto por validação, enquanto
A alma morre em imensidão.

Vivemos exaustos, porém conectados,
Em labirintos de dados fechados.
Na sociedade de eterno esforços,
Ser humano virou mau negócio.

E quem ousa parar, olhar, sentir,
Já não pertence, precisa fugir.
Mas talvez no silêncio do não fazer,
A gente aprenda, enfim, a ser.

TÍTULO DA OBRA

Sem título

ESTUDANTES

Raissa Duane; Emily Thays; Yasmin Bezerra; Maria Emily; Pedro Matias.

TÉCNICA

Poesia

ANO

2026

7 ACELERAÇÃO SOCIAL

Tenho metas no café
e prazos no travesseiro
O dia não começa – ele cobrando
O tempo virou dinheiro

Posto sorrisos em horário nobre,
Mostro progresso, escondo o caos
Ser feliz virou projeto,
E chorar? Algo imoral.

“Vamos lá”, “você consegue”
Vozes de dentro que não calam
Motivação que me sufoca,
Num mundo onde até o amor se embala.

Por isso, hoje, pare
Não para desistir, mas para sentir
Porque viver não é meta,
É coragem de existir.

TÍTULO DA OBRA
Currículo de viver

ESTUDANTES
Emanuelly Urbano; Ana Livia; Adamo Raphael ; Jose
Alisson; Jose Maximo; Jose Carvalho; Daniel Duarte;
Matheus Brito.

TÉCNICA
Poesia

ANO
2026



61

7 ACELERAÇÃO SOCIAL

Corri sem freio, com pressa demais,
Achei que dar tudo era ser capaz.
Apaguei os sonhos, deixei para depois,
Virei mil jornadas, esqueci de ser dois.

O corpo gritaria, a mente calou,
O riso sumia, o peito pesou.
Cada manhã, mais sombra que o sol,
Cada tarefa, um novo lençol.

Coberto de culpa, cansado de tudo,
Num mar de silêncio, afundei mudo.
Fui brasa acesa virando carvão,
Ardendo em prazos, perdendo o chão.

Mas nas cinzas há sempre um talvez,
Um sopro de vida, um passo outra vez.
Descansar é abrigo, não é fraquejar.
Cuidar de si também é lutar.

TÍTULO DA OBRA
Cinzas de mim

ESTUDANTES
Antonio Jonas Brilhante Arrais; Pedro Ygor De
Figueiredo Luna.

TÉCNICA
Poesia

ANO
2026



62

7 ACELERAÇÃO SOCIAL

64



TÍTULO DA OBRA
Desperdício de tempo

ESTUDANTES
Maria Vitória; Lays Késsia; Raylla Sampaio; Hugo César.

TÉCNICA
Desenho/tirinha

ANO
2026

8 SOCIEDADE DE DESEMPENHO NO CONTEXTO EDUCACIONAL

8 SOCIEDADE DE DESEMPENHO NO CONTEXTO EDUCACIONAL

66



TÍTULO DA OBRA
Crítica ao princípio de desempenho

ESTUDANTES
Francisco Carlos; Isis Dias.

TÉCNICA
Desenho

ANO
2026



8 SOCIEDADE DE DESEMPENHO NO CONTEXTO EDUCACIONAL

67



TÍTULO DA OBRA
Burnout: esgotamento mental

ESTUDANTES
Marcos Ademir; José Bruno; Maicon Kiwdery; Altair Lucas; Expedito Rennan; Victor Kelvin.

TÉCNICA
Desenho/tirinha

ANO
2026



8 SOCIEDADE DE DESEMPENHO NO CONTEXTO EDUCACIONAL

68



TÍTULO DA OBRA
Burnout

ESTUDANTES
Clara Dantas, Bianca Esmeraldo, Beatriz Esmeraldo,
Bruno De Oliveira, Antonio Jose

TÉCNICA
Desenho/mangá

ANO
2026

9 CRÍTICA À PERFEIÇÃO E À COMPARAÇÃO SOCIAL

9 CRÍTICA À PERFEIÇÃO E À COMPARAÇÃO SOCIAL



TÍTULO DA OBRA
Sem título

ESTUDANTES
Arthur Alves; Isabelle Vitoria; Pedro Julio; Guilherme
Oliveira; Joelmir Silva.

TÉCNICA
Desenho

ANO
2026

10 EXCESSO DE PRODUTIVIDADE

10 EXCESSO DE PRODUTIVIDADE

74



TÍTULO DA OBRA

Sem título

ESTUDANTES

Maria Eduarda; Maria Ruth; Maria Heloiza; Lavinia Carvalho.

TÉCNICA

Desenho/tirinha

ANO

2026

10 EXCESSO DE PRODUTIVIDADE

75



TÍTULO DA OBRA

O trabalho no mundo flexível

ESTUDANTE

Maria Thaynna

TÉCNICA

Desenho

ANO

2026



TÍTULO DA OBRA

TÍTULO DA OBRA
Não é o suficiente

ESTUDANTES

Marianna Figueiredo, Isadora Maria, Eliel de
Queiroz, Joas Vieira, Joao Henrique.

TÉCNICA

Desenho

ANO

2026



TÍTULO DA OBRA

Produtivo até dormindo

ESTUDANTES

Debora Pinheiro; Sabryna Raynara; Ana Maria; Lethicia Maria; Maria Yasmim.

TÉCNICA

Desenho/tirinha

ANO

2026

11 SOCIEDADE DE DESEMPENHO E REFLEXÃO EXISTENCIAL

11 SOCIEDADE DE DESEMPENHO E REFLEXÃO EXISTENCIAL

79



TÍTULO DA OBRA

Memórias Póstumas de um trabalhador

ESTUDANTES

Carlos Kenned; Diana Alexandre. Ilustrações: Carlos Kenned. Comentários: Pedro Lucas; Joana Ketly. Diagramação: Diana Alexandre. Impressão: Joana Ketly.

TÉCNICA

Conto

ANO

2026

11 SOCIEDADE DE DESEMPENHO E REFLEXÃO EXISTENCIAL

Carlos Kenned
Diana Menezes

Memórias Póstumas de um Trabalhador

Texto comentado

Assa que se sentem esmagados pela pressão de sempre fazer mais para alcançar o próximo sucesso financeiro ou o amor parental causado por um bealeim, infu da lico essas memórias póstumas.

E nas verbas que roem todo dia as rúbicas carnes e a ruente crítica dos povos no geral, tornando fúas as camadas desoladas as verbas, repem que experimentam da inferior que fletiam.

80

11 SOCIEDADE DE DESEMPENHO E REFLEXÃO EXISTENCIAL

— Oi. Será a última vez que vamos nos ver. Fico feliz em estar aqui nos seus minutos.

— O que? Quem é você? Onde estamos? Onde estão meus papéis, minha mesa...

Estava perdido. Foi teletransportado de repente àquela lugar estranho e tudo sentido não correspondiam direito a minha realidade. Após alguns segundos, melhor e começo a olhar ao redor. Tudo vazio e frio. Apenas eu e aquela figura misteriosamente misteriosa. Sou surpreendido novamente pela sua identidade.

— Antão?? Mas, meus, você morreu quando éramos adolescentes!! Euanei?

— Monou. Finalmente.

— E onde estamos?

— Fisicamente, lugar nenhum. Estamos na sua mente. Nos seus últimos minutos de consciência depois da morte. Aqui estão suas últimas lembranças. Você verá as memórias mais importantes da sua vida, como se fosse um filme. É por isso que estou aqui. Pelo resto foi uma das poucas coisas boas.

— E, acho que sim. E depois daqui vamos fazer o que?

— Ninguém sabe. Muita gente diz muita coisa, mas não tem como provar. Na verdade, eu acho melhor não falar sobre isso, dá até guerra.

— Pois é! — Sem, precisamente como há muito tempo não fazia. — Mas, se você morreu há muito tempo e está aqui, você sabe quem sou eu ou porque você veio de lá.

— Não, na verdade não. Eu não sou o verdadeiro Antônio Fátelo. Eu sou a versão dele que ficou na sua consciência. Sempre estive aqui. Lembra? Estávamos na sua mente. Mas não vamos falar sobre os seus minutos conversando. A não ser que você queira.

— Não, não. Vamos ver o que os escritores prepararam para esta obra. Confesso que não estou com grandes expectativas, mas vai que tem uma coisa boa. Onde começa o filme?

— O certo, surge uma "bola" que mostra um cenário bem conhecido: um escritório da empresa de contabilidade. A primeira, minha consciência, começa a contar minha história.

81

11 SOCIEDADE DE DESEMPENHO E REFLEXÃO EXISTENCIAL

82

Vida boa

"Era uma vez um trabalhador como tantos outros. Ele se sentia feliz. Recebia um salário que dava para pagar as contas e ter uma coisinha aqui outra acolá. Seu chefe sempre dizia que ele tinha que trabalhar para ter uma vida boa como a dele."



"Vou trabalhar pra ter uma vida boa?"

Ele sentiu que a empresa era a segunda família dele. Até dividiu decisões legais quando era universitário de alguém, dia dos pais, dia de trabalho, muitos dias.

83

11 SOCIEDADE DE DESEMPENHO E REFLEXÃO EXISTENCIAL

Ele gostava mais de receber presentes quando alcançava os metas. Tinha lembrancinhas muito legais.



Mas, um dia, o trabalhador foi demitido. Ele não entendia o motivo e ficou triste por causa disso. Ele era tão esforçado!



Mesmo triste, ele decidiu se reaventar. Até porque, como seu ex-chefe dizia, "é trabalhando que se tem uma vida boa!"



Trabalhando até o fim da vida, o trabalhador conseguiu ser muito produtivo e, portanto, feliz!

Depois de ser mandado uma coleção de momentos seus trabalhando, interagindo com os colegas e dominando na reunião com a tela desapareceu.

— Nossa! Peto visto foi melhor do que eu imaginava.

Antônio também ficou surpreso com o que viu, mas não de nenhum modo que eu.

— Estranho... Não tem nada assim de trabalho. Não vi sua adolescência, infância, sessenta na vida adulta. Por que isso não estaria nesse filme? Por que estou aqui se você nem me colocou ao menos como personagem secundário da sua história?

— E-ou não sei — ele senti entorpecido por aquela constatação, ela era verdadeira. — Talvez você não tenha aparecido porque já está aqui interagindo comigo.

11 SOCIEDADE DE DESEMPENHO E REFLEXÃO EXISTENCIAL

- E, pode ser. Mas e o restante?
- Que restante?
- O restante da sua vida.



Realidade

11 SOCIEDADE DE DESEMPENHO E REFLEXÃO EXISTENCIAL

Aquela questionamento era sua questionar também, mesmo tentando evitar. Durante todos esses anos, eu tentava ignorar esse fato. Mas ali não havia escape.

- Não tem, simplesmente não tem. Eu não vivi toda a minha vida e não tenho o bastante do pouco que vivi.

Sinto vontade de chorar. Pela primeira e última vez, sinto a realidade. Acho que me olha e fala para eu não me preocupar, porque em pouco tempo nada do que vivi, esqueci ou deixei de viver vai importar, afinal, no final nada importa, tudo fica o mesmo.

- Na verdade importa sim. Na vida dos outros, importa. Pelo menos para importar, se eu tivesse feito alguma coisa diferente.

- Mas mesmo se você tivesse tudo, você não ia saber o quanto importa de maneira semelhante. Desde a pouco, você nem vai saber de mais ou de menos, então para que se preocupar com isso?

Enquanto estão em prantos, sempre entra ela. Desta vez, a história é a mesma, mas narrada por outro ponto de vista.

"Ele só queria ser feliz. Ele só buscava a felicidade na vida dele. Foi manipulado a acreditar que a felicidade era aquela. E por isso, sobre a realidade, nunca conseguiu realizar seu desejo."

Aparecem várias personagens da minha infância. Eu era tão esperto! Sempre tinha notas altas.

"Essa é a história da família. Porém, a cobrança era proporcional à nota, e se não conseguia, a irritação era grande. Com isso em mente, ele seguiu em frente. Como gostava da ideia de constância, ele nunca soube era trabalhar com ela. E conseguiu."

Ele era fofo. Sempre priorizava o trabalho, algo que não fosse profissional geralmente era considerado perda de tempo. Como não queria ter seu valor reduzido na empresa, ele trabalhava até o seu limite, certo de que isso garantiria seu futuro estável.

Na verdade, aquilo fazia mal, muito mal. Entretanto, ele não percebeu a gravidade. De fato, nem sabia mais falar de alguma mudança na rotina. No começo, ele dizia para desistir e fugir que não estava desistindo. Entretanto o cenário mudou quando houve a demissão.

Pobres rapazes, realmente parecem que a empresa se importava com ele. Ficou ansioso. Sem choro, a esposa tentou entrar em outras empresas, mas sem sucesso. Os

11 SOCIEDADE DE DESEMPENHO E REFLEXÃO EXISTENCIAL

umete que desejamos controlar, temos as dúvidas, a depressão e a ansiedade.

Por isso, consegue um emprego de garçon. Mas não era o suficiente para se sustentar, isto que causava muito estresse. Sem ter onde descompartar, pois ele não tinha tempo para nada, tinha que fazer tudo para completar a renda e gastar horas no deslocamento, ele exaustivo. Todavia, se sempre o há é infante. Em alguns momentos ele se lembra.

Por isso ele está parado, dormindo há cinco minutos sem previsão de acordar, em cima da mesa dele, ainda com o uniforme do restaurante, depois de tanta pressão, mais uma vez em alguma forma de quitar aqueles papéis.

Corta para a imagem do meu corpo totalmente fatigado. Anônimo fica deitado com muita tristeza.

— Meu Deus...

— Pois é amigo... Então queria ter a chance de mudar isso.

— Acho que no fundo todos não querem ter essa chance. Mas não, como eu já disse, vai ficar tudo bem. Lembra? Não agora não.

Oito expectativas para ele

— Acabou.

Minha vida começa a desaparecer, ficando entediante progressivamente. Apesar de não saber para onde vou, não tenho medo. De alguma forma, sei que não experimentarei algo semelhante ao que foi.

— Adoro, amigo.

86

11 SOCIEDADE DE DESEMPENHO E REFLEXÃO EXISTENCIAL

Comentários sobre o
texto

Hoje em dia, o trabalho viveu o centro da vida. Tudo parece girar em torno de produtividade, inovação e dinheiro. Mas isso tem cobrado um preço alto: cansaço mental, físico e aquela sensação constante de insuficiência. Quando a pessoa sente que não está rendendo o suficiente, há frustração, culpa... e, em casos mais sérios, até pensamentos autodestrutivos.

O texto mostra bem isso. O protagonista passa a vida toda focado em trabalhar e conquistar sucesso financeiro, mas, no processo, deixa de viver. Perde momentos, relações, pessoas simples que antes aproveitava se tivesse se dedicado mais como ser humano e não só como alguém em busca de resultados.

Isso tem muito a ver com o que o filósofo Byung-Chul Han chama de cultura da *self-void*, em que o trabalhador se torna o próprio punho, se cobrando o tempo todo para render mais. Parece ser algo libertador, mas é uma armadilha: a pessoa vive sempre sob pressão produtiva. E o pior é que isso está em tudo — escola, emprego, redes sociais etc. Como se precisássemos provar nosso valor o tempo inteiro.

Esse tipo de reflexão é importante, porque nos faz perceber que essa busca por produtividade o tempo todo pode acabar tirando o que realmente nos importa: tempo, saúde e até mesmo a vontade de viver.

87

11 SOCIEDADE DE DESEMPENHO E REFLEXÃO EXISTENCIAL

88

Ilustrações
Carlos Kenned

Comentários
Pedro Lucas
Joana Ketly

Diagramação
Diana Menezes

Impressão
Joana Ketly

Editora 2º ano D

TÍTULO DA OBRA

Memórias Póstumas de um trabalhador

ESTUDANTES

Carlos Kenned; Diana Alexandre. Ilustrações: Carlos Kenned. Comentários: Pedro Lucas; Joana Ketly. Diagramação: Diana Alexandre. Impressão: Joana Ketly.

TÉCNICA

Conto

ANO

2026



CONSIDERAÇÕES FINAIS

89

O presente catálogo, mais do que uma simples coletânea de trabalhos escolares, consolida-se como um instrumento pedagógico de suma importância para o professor de filosofia. Ele se configura como um suporte didático vivo e dinâmico, que transcende a mera transmissão de conteúdos para se tornar um verdadeiro agente de sensibilização e compreensão crítica da realidade.

A sua relevância reside, primeiramente, na capacidade de materializar conceitos filosóficos abstratos, como os que definem a sociedade de desempenho de Byung-Chul Han, em expressões sensíveis e concretas. Ao invés de uma abordagem puramente teórica e distante, o catálogo oferece ao professor um repertório de obras — pinturas, poemas, contos, tirinhas — que emergem do universo do aluno. Essa característica é fundamental, pois a filosofia, como criação conceitual, ganha vida e significado quando relacionada ao contexto e às experiências do estudante.

A força do catálogo como suporte é dupla. Primeiro, ele serve como um espelho, refletindo como os fenômenos do cansaço, do excesso de estímulos, da autoexploração e da sensação de liberdade são vivenciados e interpretados pelos jovens. Segundo, e mais importante, ele atua como uma lente

CONSIDERAÇÕES FINAIS

de aumento, permitindo que o professor e a turma examinem coletivamente essas manifestações, promovendo um debate crítico e desnaturalizando paradigmas que muitas vezes são aceitos de forma acrítica.

Portanto, este catálogo é um testemunho do potencial do ensino de filosofia como uma ferramenta criativa e transformadora. Ele demonstra que, ao relacionar conceitos filosóficos, arte e crítica social, é possível não apenas identificar os danos da sociedade de desempenho, mas também vislumbrar e criar alternativas. O professor, ao utilizar este suporte, não está apenas ensinando filosofia; está, acima de tudo, incentivando uma práxis reflexiva e criativa, que capacita os alunos a se tornarem sujeitos ativos de sua própria história e a construírem um futuro mais consciente e humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em, 28 ago. 2022.

DELEUZE, Gilles. **O que é filosofia?**. Tradução Bento Prado Junior e Alberto Alonso Muñoz. 3o edição. Editora 34, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: Nascimento da prisão**. Tradução Raquel Ramalhe. 42a edição. Vozes, 2014.

GALLO, Silvio. **Metodologia do ensino de filosofia: Uma didática para o ensino médio**. 1a edição. Papirus Editora, 2012.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. 2a edição ampliada. Petrópolis: Vozes, 2017.

CONCEITOS, PERCEPTOS E AFECTOS

DA SOCIEDADE DE DESEMPENHO



ANEXOS

ANEXO 1 – Parecer consubstanciado do Comitê de Ética

FACULDADE DE MEDICINA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO
CARIRI - FMUF



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O ENSINO DE FILOSOFIA COMO INSTRUMENTO DE REFLEXÃO SOBRE A SOCIEDADE DE DESEMPENHO E A BNCC

Pesquisador: FRANCIONE CHARAPA ALVES

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 95846325.6.0000.5698

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI-UFCA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 8.272.497

Apresentação do Projeto:

O presente projeto de pesquisa objetiva investigar de que modo o ensino de Filosofia pode fomentar a reflexão crítica sobre a sociedade de desempenho. A noção de sociedade de desempenho se refere a Byung Chul Han.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo geral: -Investigar de que modo o ensino de Filosofia pode fomentar a reflexão crítica sobre a sociedade de desempenho, considerando a BNCC alinhada ao modelo desta sociedade.

Objetivos específicos: - Explanar como o ensino de Filosofia pode estimular a compreensão e a criticidade dos estudantes acerca das dinâmicas da sociedade de desempenho. - Analisar a relação entre a Base Nacional Comum Curricular e a sociedade de desempenho. -Especificar de que maneira o ensino de Filosofia, na perspectiva de Gallo, pode apresentar aos estudantes alternativas criativas, éticas e/ou existenciais ao modelo de vida centrado na sociedade de desempenho. -Contribuir com um acervo de obras de arte produzidas pelos próprios alunos que servirá de suporte ao professor em suas aulas de Filosofia.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: A probabilidade de constrangimento ao relatar as situações experienciadas no dia a dia envolvendo o conceito de sociedade de desempenho, dificuldades que enfrentou ou enfrenta ao responder o questionário, bem como sentir-se incomodado(a) com o tempo dispendido nas

Endereço: Rua Divino Salvador, 284

Bairro: Rosário

UF: CE

Município: BARBALHA

Telefone: (88)3221-9600

CEP: 63.180-000

E-mail: cep@ufca.edu.br

**FACULDADE DE MEDICINA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO
CARIRI - FMUF**



Continuação do Parecer: 8.272.497

atividades das aulas que serão realizadas na pesquisa (50 minutos).

Benefícios: As contribuições científicas e sociais para ampliar os estudos na Universidade Federal do Cariri sobre o tema do ensino de Filosofia como instrumento de reflexão sobre a sociedade de desempenho e a BNCC. Nesse sentido, os maiores beneficiados serão as pessoas envolvidas com a investigação: os estudantes, bem como servirá também para os/as professores(as) da educação básica e pesquisadores(as)

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trabalho de grande relevância. A pesquisa não toca em realidades sensíveis ou constrangedoras, mas em um ponto crucial para um maior desenvolvimento da pessoa e proteção da dignidade.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A carta de Anuência não está em papel timbrado.

Recomendações:

Orienta-se colocar a carta de anuência em Papel Timbrado.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem pendências

Considerações Finais a critério do CEP:

Colegiado segue o relator

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2642832.pdf	09/02/2026 13:37:07		Aceito
Dedaração de concordância	anuencia.pdf	09/02/2026 13:36:36	FRANCIONE CHARAPA ALVES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_detalhado.pdf	26/09/2025 11:29:33	FRANCIONE CHARAPA ALVES	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	26/09/2025 11:28:33	FRANCIONE CHARAPA ALVES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_Assentimento_Assentimento.pdf	21/09/2025 22:17:43	FRANCIONE CHARAPA ALVES	Aceito
Outros	Questionario.pdf	21/09/2025	FRANCIONE	Aceito

Endereço: Rua Divino Salvador, 284

Bairro: Rosário

CEP: 63.180-000

UF: CE

Município: BARBALHA

Telefone: (88)3221-9600

E-mail: cep@ufca.edu.br

FACULDADE DE MEDICINA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO
CARIRI - FMUF



Continuação do Parecer: 8.272.497

Outros	Questionario.pdf	22:13:31	CHARAPA ALVES	Aceito
Outros	Sequencia_didatica.pdf	21/09/2025 22:13:13	FRANCIONE CHARAPA ALVES	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	21/09/2025 22:08:26	FRANCIONE CHARAPA ALVES	Aceito
Orçamento	Orcamento.pdf	21/09/2025 21:32:40	FRANCIONE CHARAPA ALVES	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BARBALHA, 10 de Março de 2026

Assinado por:

Sally de França Lacerda Pinheiro
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Divino Salvador, 284

Bairro: Rosário

CEP: 63.180-000

UF: CE **Município:** BARBALHA

Telefone: (88)3221-9600

E-mail: cep@ufca.edu.br

ANEXO II – DECLARAÇÃO BIBLIOTECA

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins que este Trabalho de Conclusão de Curso (Dissertação), escrito sob minha orientação, está em versão final, de acordo com as solicitações realizadas pela banca examinadora. Informo também que procedi à revisão final do texto, constatando que atende às especificações das normas da ABNT para apresentação de trabalhos acadêmicos da UFCA, no que diz respeito ao conteúdo e à formatação.

Brejo Santo-CE, 18 de julho de 2026

Documento assinado digitalmente
 **FRANCIONE CHARAPA ALVES**
Data: 18/07/2026 13:07:38-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Francione Charapa Alves

(Orientadora)